

PENGUIN COMPANHIA

CLÁSSICOS

F. SCOTT FITZGERALD

O último magnata

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***lelivros.love*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."





O ÚLTIMO MAGNATA

francis scott fitzgerald (1896-1940) estreou na literatura em 1920 com o romance *Este lado do paraíso* e publicou, entre outros, *O grande Gatsby* (publicado pela Penguin/Companhia das Letras), *Suave é a noite*, *All the sad young men*. Postumamente foram publicados o romance inacabado *O último magnata* e *The crack-up* (1945), uma seleção de ensaios, notas e cartas editada por Edmund Wilson. Os problemas com o alcoolismo e a degeneração mental de Zelda mais tarde o afastariam da literatura. Estava quase esquecido, trabalhando em Hollywood, quando sofreu um ataque do coração fatal em casa, em Los Angeles. A Companhia das Letras também publicou 24 *contos de Scott Fitzgerald* e *Querido Scott, Querida Zelda*.

christian schwartz nasceu em Curitiba, em junho de 1975. Formou-se em jornalismo pela Universidade Federal do Paraná (ufpr) em 1997 e trabalhou em revistas como *Placar*, *Quatro Rodas* e *Veja*, da qual foi correspondente na Amazônia. Estudou língua e literatura francesas na Universidade Paris iv (Sorbonne), na França, e cursou pós-graduação em literatura na University of Central England (uce), em Birmingham, Inglaterra, o que culminou num mestrado em estudos literários pela ufpr. Traduziu autores como Philip Pulmann, Xinran, Matt Haig, Lou Reed, Philip Roth e Sam Shepard. É professor de produção de texto, literatura e pesquisa em comunicação na Universidade Positivo (up), em Curitiba.

edmund wilson nasceu em 1872 em Red Bank, no estado de Nova Jersey. Graduado na Princeton em 1916, foi jornalista, editor, escritor e crítico literário, um dos primeiros a saudar autores como Joyce, Hemingway e Fitzgerald. Entre suas principais obras destacam-se *O castelo de Axel* (1931), estudo seminal sobre o simbolismo e as vanguardas literárias do início do século xx, *Rumo à Estação Finlândia* (1940), um relato da trajetória das ideias socialistas que culminaram na Revolução Russa, e *Manuscritos do mar Morto* (1955), sobre a descoberta que abalou o universo dos estudos das chamadas Escrituras sagradas. Wilson morreu em 1972.

f. scott fitzgerald

O último magnata

Tradução de
christian schwartz
Edição, prefácio e notas de
edmund wilson



Sumário

Prefácio — Edmund Wilson
O ÚLTIMO MAGNATA
Notas

edmund wilson

Scott Fitzgerald morreu subitamente de um ataque cardíaco, em 21 de dezembro de 1940, um dia depois de escrever o primeiro episódio do capítulo 6 deste romance. O texto apresentado aqui é um rascunho feito pelo autor — reescrito e retrabalhado pelo próprio —, mas que não pode ser considerado, de forma alguma, a versão final. Nas margens de praticamente todos os episódios, Fitzgerald deixou observações — algumas poucas estão presentes ao fim deste livro — que expressam sua insatisfação, ou que indicam que ainda pretendia revisar muitas passagens. A intenção do escritor era produzir um romance tão concentrado e cuidadosamente elaborado quanto *O grande Gatsby*, e teria, sem dúvida, refinado o efeito de várias cenas, editando-as ou realçando-as. Fitzgerald imaginava que o romance teria 60 mil palavras — conforme revela o planejamento deixado por ele —, mas à época de sua morte já havia escrito cerca de 70 mil, tendo coberto pouco mais de metade da história. Calculara, no início, deixar uma margem de 10 mil palavras para ser editadas, mas tudo indica que o romance acabaria ficando mais longo do que o autor previra originalmente. O assunto era mais complexo do que o proposto em *O grande Gatsby* — o retrato dos estúdios de Hollywood requeria, para sua apresentação, mais espaço do que o pano de fundo da vida boêmia em Long Island, e da mesma forma os personagens precisavam ser desenvolvidos mais extensamente.

Este rascunho de *O último magnata* representa, portanto, um estágio no trabalho do artista em que ele já reunira e organizara a matéria-prima e tinha sólido domínio do tema, mas ainda não dera à obra seus contornos finais. É notável que, diante de tais circunstâncias, o romance ofereça tamanha potência e que o personagem de Stahr sobressaia com tanta intensidade e realismo. Esse produtor de Hollywood, em sua grandeza e em seu sofrimento, é certamente uma das figuras centrais de Fitzgerald, um dos personagens mais elaborados e que o autor mais bem compreendeu. Suas anotações sobre o personagem mostram como Fitzgerald conviveu com Stahr por três anos ou mais, amadurecendo as idiossincrasias da figura e reconstituindo sua rede de relacionamentos nos vários departamentos da indústria do cinema. Amory Blaine e Antony Patch eram projeções românticas do escritor. Gatsby e Dick Diver foram concebidos de forma mais ou menos objetiva, mas não explorados muito a fundo. Monroe Stahr se criou a partir de dentro e, ao mesmo tempo que é criticado por uma inteligência que o torna muito seguro de si, o autor sabe como situá-lo em lugar próprio, colocá-lo num contexto mais amplo.

Assim, *O último magnata*, mesmo em seu estado imperfeito, é a obra mais

madura de Fitzgerald. Distingue-se dos outros romances do autor pelo fato de ser o primeiro a abordar seriamente uma profissão ou um negócio. Os livros anteriores de Fitzgerald tratavam de debutantes e universitários, bem como da vida boêmia dos esbanjadores dos anos 1920. As atividades principais dos personagens dessas histórias pregressas, o contexto em que vivem, são grandes festas das quais participam como fogos de artifício e que, em geral, os deixam desestruturados. As festas em *O último magnata* são incidentais e pouco importantes. Monroe Stahr, ao contrário dos outros heróis de Fitzgerald, está inextricavelmente envolvido com uma indústria da qual foi um dos fundadores — e o destino dessa indústria será influenciado por sua tragédia pessoal. O universo do cinema nos Estados Unidos é observado de perto, estudado com cuidado e dramatizado com sagacidade — uma combinação que não é encontrada em nenhuma outra obra sobre o tema. *O último magnata* é, de longe, o melhor romance já escrito sobre Hollywood, e o único que nos leva para dentro do mundo do cinema.

Foi possível complementar este rascunho inacabado do autor com um resumo da história, que apresenta a forma como Fitzgerald pretendia finalizar o romance, e com algumas anotações do escritor que, vividamente, comentam personagens e cenas.

Vale a pena ler *O grande Gatsby* junto com *O último magnata*, porque a primeira obra mostra o que Fitzgerald pretendia realizar na última. Se a concepção do tema em *Suave é a noite* foi se modificando enquanto o autor escrevia, é porque as partes desse romance fascinante nem sempre se encaixam perfeitamente. Aqui, porém, Fitzgerald manteve firmemente seu propósito, combinado à prosa de artesão presente na obra anterior. Ao examinarmos a imensa pilha de esboços e anotações que o autor fez para este romance, confirma-se e reforça-se a impressão de que Fitzgerald figura como um dos escritores de primeira linha da literatura americana. As últimas páginas de *O grande Gatsby* estão, certamente, tanto do ponto de vista dramático como do ponto de vista da prosa, entre as melhores da ficção produzida por nossa geração. T. S. Eliot disse, a respeito do livro, que Fitzgerald dera o primeiro importante passo à frente na literatura americana desde Henry James. E certamente *O último magnata*, mesmo não tendo sido completamente finalizado, ocupa um lugar de destaque entre os livros que instituem novos modelos de escrita.

O último magnata

1

Embora nunca tenha aparecido na tela, eu cresci no cinema. Rodolfo Valentino esteve na festa do meu quinto aniversário — pelo menos foi o que me contaram. Só escrevo isso para indicar que, mesmo antes de me entender por gente, já estava a postos para ver girar as engrenagens.

Certa vez inventei de escrever um livro de memórias, *A filha do produtor*, mas aos dezoito anos nunca se vai muito longe numa empreitada dessas. Menos mal — ficaria sem graça como um velho artigo de Lolly Parsons. Meu pai trabalhava na indústria do cinema do mesmo jeito que outros pais labutavam na de algodão ou na de aço, e eu encarava isso com tranquilidade. Se me aborrecia, era com resignação, como um fantasma que aceita a casa assombrada para a qual foi designado. Tinha consciência do que as pessoas deviam pensar, mas me mantinha obstinadamente inabalada.

Algo fácil de falar, mas difícil de fazer as pessoas entenderem. Quando estudei em Bennington, alguns dos professores de literatura que fingiam indiferença a Hollywood e seus produtos na verdade os *odiavam*. E odiavam profundamente, como se aquilo fosse uma ameaça à sua existência. Ainda antes disso, no tempo em que estive num colégio de freiras, uma delas, pequenina e amável, me perguntou se eu não lhe arranjava um roteiro para ela “dar uma aula de escrita para cinema”, assim como já dera as de ensaio e conto. Consegui o roteiro para a freira, e acho que ela se debruçou sobre ele por um bom tempo, mas nunca o mencionou em sala e acabou por devolvê-lo para mim, com um ar de surpresa indignada, sem fazer nenhum comentário. É mais ou menos a reação que prevejo para esta história.

Pode-se passar incólume por Hollywood, como eu fiz, ou desprezá-la com o ódio que reservamos àquilo que não entendemos. Pode-se também entendê-la, mas apenas vagamente, e em flashes. Não chega a uma dúzia o número de homens que algum dia foram capazes de ter na cabeça a equação completa do cinema. E talvez tentar entender um desses homens é o mais próximo disso que uma mulher pode chegar.

O mundo visto de um avião, isso eu conhecia. Meu pai sempre nos embarcava num deles para as idas e vindas da escola e da faculdade. Depois que minha irmã morreu, eu, um pouco solene e melancólica, pensava nela a cada um desses trajetos, que passei a fazer sozinha, sendo ainda uma menina. Algumas vezes havia gente do cinema a bordo, e de vez em quando algum universitário

bonitão — mas isso não era muito frequente durante a Depressão. Quase nunca conseguia dormir de verdade nos voos, e como poderia, com o pensamento em Eleanor e a sensação daquela fenda abrupta entre uma costa e outra? — era como me sentia pelo menos até que deixássemos para trás aqueles pequenos e solitários aeroportos do Tennessee.

Aquele voo estava tão turbulento que os passageiros logo se dividiram em dois grupos, aqueles que apagaram logo de saída e aqueles que não queriam, de jeito nenhum, adormecer. Dois desses últimos ocupavam as poltronas do outro lado do corredor, e tive quase certeza, pelos pedaços de conversa, que eram de Hollywood — um deles porque a aparência levava a crer nisso: judeu de meia-idade, falava com um nervosismo excitado ou então caía num silêncio angustiante, encolhido como se pronto a levantar de um salto; o outro era um sujeito pálido e atarracado, tipo comum de uns trinta anos, e que eu tinha certeza de já ter visto antes. Devia ter ido lá em casa alguma vez ou coisa do tipo. Mas talvez, naquela ocasião, eu fosse apenas uma menininha, de modo que não me ofendi por ele não ter me reconhecido.

A aeromoça — alta, bonita, uma morena radiante, tipo aparentemente muito apreciado — me perguntou se podia preparar meu lugar para que eu dormisse.

"… e, querida, você quer uma aspirina?" Ela se debruçou na lateral da poltrona, precariamente apoiada enquanto chacoalhava de um lado para o outro em meio à tempestade. "… ou um nembutal?"

"Não."

"Estava tão ocupada com os outros que nem tive tempo de perguntar." Ela sentou ao meu lado e afivelou o cinto de ambas. "Quer um chiclete?"

A pergunta me lembrou que eu precisava me livrar daquele que estava na minha boca, já sem gosto, havia horas. Embrulhei-o num pedaço de revista, que depositei no cinzeiro automático.

"Sempre sei que uma pessoa é educada", disse a aeromoça, satisfeita, "quando embrulha o chiclete num papel antes de colocar no cinzeiro."

Ali ficamos, durante um tempo, à meia-luz na cabine que balançava. Parecia um pouco o ambiente de um restaurante chique no tempo morto entre almoço e jantar. Íamos todos nos deixando ficar — e não era algo deliberado, pelo menos não exatamente. Acho que até mesmo a aeromoça tinha de estar o tempo todo lembrando a si mesma por que estava ali.

Conversamos sobre uma jovem atriz que eu conhecia e com quem ela estivera num voo para a Costa Oeste dois anos antes. Foi na pior época da Depressão, e a jovem atriz não tirava os olhos da janela, e olhava para fora de um jeito tão determinado que a aeromoça temeu que estivesse pensando em pular. Mas parece que o que temia não era a pobreza, e sim a revolução.

“Sei o que *nós*, minha mãe e eu, vamos fazer”, ela confidenciou à aeromoça. “Vamos nos refugiar no Parque Nacional de Yellowstone e lá vamos viver uma vida simples até essa coisa toda passar. Aí a gente volta. Eles não matam artistas… sabia disso?”

A história me agradou. Evocava um quadro bonito, com a atriz e sua mãe sendo alimentadas por ursos bonzinhos, que lhes traziam mel, e por corças dóceis que, fornecendo-lhes leite extra tirado de suas mamães, ficariam aconchegadas junto às duas para servir-lhes de travesseiros durante a noite. Eu, por minha vez, contei à aeromoça sobre o advogado e o diretor de cinema que, naqueles tempos brabos, apareceram certa noite para falar ao papai de seus planos. O advogado tinha um barco escondido no rio Sacramento para o caso de a revolta dos veteranos de guerra chegar a Washington, e navegaria rio acima por alguns meses para então voltar, “porque sempre precisam de advogados depois das revoltas, para resolver a parte legal”.

O tom do diretor era mais derrotista. Mantinha a postos um velho terno, camisa e sapatos — não chegou a dizer se eram próprios ou se os havia arranjado no estúdio — e com eles ia Desaparecer na Multidão. Lembro de papai ter dito: “Mas vão olhar as suas mãos! Vão saber que você não faz trabalho braçal há anos. E vão pedir sua carteira do sindicato”. E lembro de o diretor ter ficado com uma cara péssima, muito soturno enquanto comia sua sobremesa, e do quanto eles me soavam engraçados e patéticos.

“Seu pai é ator, srta. Brady?”, quis saber a aeromoça. “Tenho certeza de que já ouvi esse sobrenome.”

Quando o ouviram, ambos os homens nas poltronas do outro lado do corredor ergueram a vista. De soslaio — aquele olhar de Hollywood, que parece sempre lançado por sobre o ombro. Então o rapaz pálido e atarracado soltou o cinto de segurança, levantou e parou no corredor ao nosso lado.

“Você é Cecilia *Brady*?”, perguntou, ostensivo, como se eu estivesse escondendo aquilo dele. “Estava mesmo te reconhecendo. Sou Wylie White.”

Nem precisava ter dito — no mesmo momento, uma outra voz falou: “Toma cuidado onde pisa, Wylie!”, e um segundo homem passou rente a ele pelo corredor em direção à cabine de comando. Wylie White se sobressaltou e, um pouco atrasado, ainda gritou ao outro, desafiando: “Só aceito ordens do piloto.”

Reconheci o tipo de deboche tão comum entre os poderosos de Hollywood e seus satélites.

A aeromoça o repreendeu: “Não fale tão alto, por favor. Alguns passageiros estão dormindo.”

Percebi, então, que o passageiro do lado de lá do corredor, o judeu de meia-idade, também estava de pé e olhava, de um modo não tão lascivo, mas sem

nenhum pudor, na direção do homem que acabara de passar. Ou melhor, para as costas deste, que fez um gesto lateral com a mão, uma espécie de aceno de despedida, e desapareceu da vista.

Perguntei à aeromoça: “Ele é o copiloto?”.

Ela estava desafivelando o cinto, prestes a me abandonar à mercê de Wylie White.

“Não. Aquele é o sr. Smith. Ele está viajando na cabine privativa, a ‘suíte nupcial’ — só que sozinho. O copiloto sempre usa farda.” Levantou-se: “Quero ver se descubro se vamos descer em Nashville”.

Wylie White ficou agitado.

“Por quê?”

“Tem uma tempestade se formando no vale do Mississippi.”

“Então vamos ter de ficar aqui *a noite toda*?”

“Se o tempo continuar desse jeito!”

Um súbito mergulho indicou que continuaria. Lançou Wylie White sobre o assento que ficava de frente para o meu, fez a aeromoça precipitar-se corredor abaixo na direção da cabine de comando e pôs o judeu sentado. Após exclamações de contrariedade com a afetação deliberada e serena dos viajantes contumazes, voltamos a nos acomodar. Seguiram-se apresentações.

“Srta. Brady — Sr. Schwartz”, disse Wylie White. “Ele também é um grande amigo do seu pai.”

O sr. Schwartz assentiu com a cabeça com tamanha veemência que era como se dissesse: “É verdade. Juro por Deus, é verdade!”.

Talvez algum dia na vida ele tivesse mesmo alardeado o fato — mas ali estava um homem a quem, obviamente, algo havia acontecido. Conhecê-lo era como encontrar um amigo que havia acabado de sair nocauteado de uma briga de socos ou de uma batida de carro. “O que aconteceu com você?”, perguntaríamos. E ele, dentes quebrados e lábio inchado, responderia algo ininteligível, sem conseguir nem mesmo relatar o acontecido.

O sr. Schwartz não tinha nenhuma característica física marcante; o exagerado nariz adunco e as olheiras oblíquas eram-lhe tão naturais quanto, no meu pai, a vermelhidão tipicamente irlandesa em torno das narinas arrebitadas.

“Nashville!”, bramiu Wylie White. “Significa que vamos para um hotel. E que só vamos chegar à costa amanhã à noite — isso se chegarmos. Meu Deus! Eu nasci em Nashville.”

“Imagino que queira fazer uma visita.”

“Jamais — saí de lá há quinze anos. Nunca mais quero ver aquela cidade.”

Mas veria — porque o avião, não havia dúvida, já ia descendo, descendo, descendo, como Alice no buraco do coelho. Com as mãos em concha contra a

janela, avistei o borrão de luz da cidade ao longe, à esquerda. O aviso em verde — “Apertar os cintos — Não fumar” — estava aceso desde que adentráramos a tempestade.

“Você ouviu o que ele disse?”, falou o sr. Schwartz, rompendo um de seus cáusticos silêncios do outro lado do corredor.

“Ouvi o quê?”, perguntou Wylie.

“Como ele se apresenta agora”, disse Schwartz. “Sr. *Smith*!”

“E qual é o problema?”, retrucou Wylie.

“Ah, nenhum”, Schwartz se apressou em rebater. “Só achei engraçado. Smith.” Era o riso mais sem alegria que eu já ouvira: “Smith!”.

Na minha opinião, desde o tempo das estalagens, nada se compara aos aeroportos — nada pode ser mais solitário, mais sombriamente silencioso. Os velhos galpões de tijolos vermelhos eram erguidos bem ao lado das cidadezinhas que os nomeavam — ninguém desembarcava num lugar remoto como aquele se não morasse ali. Mas os aeroportos nos fazem viajar pela história, como se fossem oásis, ou entrepostos das grandes rotas de comércio. A visão dos passageiros, sozinhos ou aos pares, perambulando pela pista madrugada adentro costuma atrair pequenas multidões até altas horas. Os mais jovens admiram os aviões, e os mais velhos, com seus olhares atentos de incredulidade, observam os viajantes. A bordo de enormes aeronaves destinadas a travessias transcontinentais, éramos os ricos habitantes da costa, que por acaso desceram das nuvens naqueles confins da América. Talvez entre nós houvesse grandes aventuras encarnadas em estrelas de cinema. Mas isso era raro. E eu sempre desejava ardentemente que parecêssemos mais interessantes — o mesmo desejo fervoroso que havia nas grandes estreias, quando os fãs desaprovavam, desdenhosos, que alguém estivesse ali sem ser uma estrela.

Na descida, como ele me ofereceu o braço à saída do avião, Wylie e eu de repente nos tornamos íntimos. Dali em diante, ele me marcou em cima — e eu não liguei. Desde o momento em que pisamos no aeroporto ficou claro que, se era para ficarmos ali, então ficaríamos juntos. (Não foi como da vez em que perdi meu amado — da vez em que ele tocava piano com aquela garota, Reina, num pequeno chalé na Nova Inglaterra, perto de Bennington, e enfim me dei conta de que o amor não era recíproco. Guy Lombardo flutuava no ar, “Top Hat” e “Cheek to Cheek”, e ela ensinava a ele as melodias. As teclas baixando como folhas caídas, e ela, mãos espraiadas sobre as dele, mostrando como fazer soar um acorde só de pretas. Eu estava no primeiro ano da faculdade na época.) Quando adentramos o aeroporto, o sr. Schwartz estava conosco, mas parecia perdido numa espécie de sonho. O tempo todo que passamos junto ao balcão, buscando informações mais confiáveis, ficou olhando fixamente em direção à

porta de saída para a pista de pouso, como se temesse que o avião fosse decolar e deixá-lo ali. Pedi licença por alguns minutos e perdi alguma coisa do que foi dito, e quando voltei ele e White estavam bem próximos, White falando e Schwartz parecendo ainda mais como que premido por um caminhão enorme que vinha em marcha a ré para cima dele. Não mirava mais a porta de saída para a pista. Peguei o final de uma observação de Wylie White: "… avisei pra você calar a boca. É o melhor que você faz."

"Eu só disse que…"

Ele se interrompeu quando me aproximei, e perguntei se conseguiram alguma informação. Àquela altura, eram duas e meia da manhã.

"Não muito", disse Wylie White. "Eles acham que só vamos poder retomar a viagem daqui a três horas, então o pessoal mais acomodado está indo para um hotel. Mas eu gostaria de levar vocês ao Hermitage, antiga casa de Andrew Jackson."

"E a gente vai conseguir ver alguma coisa no escuro?", quis saber Schwartz.

"Ora essa, mais duas horas e o sol já nasce."

"Vão vocês dois", disse Schwartz.

"Tá certo — você pega o ônibus para o hotel. Ainda não saiu — e *ele* está lá." Sua voz denotava certo escárnio. "Talvez seja uma boa."

"Não, vou com vocês", falou Schwartz, ligeiro.

Pegamos um táxi num descampado escuro e deserto lá fora, e ele pareceu se animar. Para me animar também, bateu de leve no meu joelho.

"É melhor mesmo eu acompanhar vocês", disse, "ficar de olho. Há muito tempo, quando eu andava montado na grana, tive uma filha — uma filha linda."

Falava como se ela tivesse sido entregue a seus credores na qualidade de valioso patrimônio.

"Você vai ter outra", assegurou-lhe Wylie. "Vai tê-la de volta. A roda se move, um giro a mais e você vai estar à altura do pai da Cecilia, não é, Cecilia?"

"Onde fica esse Hermitage?", perguntou Schwartz, ansioso. "No meio do nada? Não vamos perder o avião?"

"Deixa disso", disse Wylie. "A gente devia ter trazido também aquela comissária pra te fazer companhia. Você não gostou dela? *Eu* achei a moça uma gracinha."

Percorremos um descampado claro e plano por um bom tempo, com a vista se resumindo a uma estrada e uma árvore ou outra e um barraco para então, subitamente, costearmos em curva um bosque. Eu podia sentir, mesmo no escuro, que as árvores daquele bosque eram verdes — bem diferentes do tom oliva empoeirado das da Califórnia. A certa altura, passamos por um preto

conduzindo três vacas, que mugiram quando ele as tocou para a beira da estrada. Eram vacas de verdade, de ancas quentes, vivas, sedosas, e o preto aos poucos ganhava contornos reais na escuridão, seus grandes olhos escuros nos encarando bem perto do carro, e Wylie lhe deu uma moeda. O homem falou: "*Obrigado* — obrigado", e lá ficou, as vacas mugindo uma vez mais à medida que nos afastávamos na noite.

Pensei na primeira ovelha que me lembro de ter visto — centenas delas, nosso carro adentrando o rebanho no terreno dos fundos do velho estúdio Laemmle. Os bichos não estavam felizes com aquele negócio de fazer filme, mas os homens que iam conosco no carro não paravam de dizer: "Maravilhoso!"

"Era o que você queria, Dick?"

"Não é uma maravilha?" E o homem chamado Dick continuava de pé no carro, como se fosse Cortez ou Balboa, vendo ondular o mar de lã cinzenta. Se eu sabia qual era o filme que faziam, há muito tempo já esqueci.

Tínhamos rodado por uma hora. Cruzamos um riacho por sobre uma velha e gemebunda ponte de ferro e tábuas. Agora havia galos que cantavam e sombras verde-azuladas toda vez que passávamos por uma casa rural.

"Falei pra vocês que logo ia amanhecer", disse Wylie. "Nasci perto daqui — filho de família sulista pobre, quase indigente. A mansão da família hoje é usada como casinha de banheiro. Contávamos com quatro empregados — meu pai, minha mãe e minhas duas irmãs. Eu me recusei a seguir o mesmo caminho, então fui para Memphis começar minha carreira, que agora chegou a um beco sem saída." Ele passou o braço em torno dos meus ombros: "Cecilia, casa comigo, e a gente divide a fortuna dos Brady?".

Ele sabia bem como vencer resistências, de modo que encostei a cabeça em seu ombro.

"O que você faz, Cecilia? Estuda?"

"Na Bennington. Terceiro ano."

"Ah, me perdoe. Eu devia saber, mas não cheguei a ter o privilégio de frequentar uma faculdade. *Terceiro* ano, é? — li na *Esquire* que a esta altura os estudantes já não têm muito o que aprender, Cecilia."

"Por que as pessoas pensam que moças de faculdade…"

"Não se justifique — conhecimento é poder."

"Só de ouvir você falar já daria pra saber que estávamos a caminho de Hollywood", eu disse. "Um lugar sempre tão retrógrado, anos e anos atrasado."

Ele se fingiu de chocado.

"Está me dizendo que as moças da Costa Leste não têm vida privada?"

"Aí que está. Elas *têm* vida privada. Você está me incomodando, chega pra lá."

“Não dá. Posso acabar acordando o Schwartz, e acho que esta é a primeira vez que ele consegue dormir em semanas. Escute, Cecilia: uma vez tive um caso com a esposa de um produtor. Um romance muito curto. Quando acabou, ela foi categórica ao me dizer: ‘Nunca, jamais comente sobre isso, ou vai ser expulso de Hollywood. Meu marido é um homem muito mais importante do que você!’.”

Passei a gostar dele de novo, e naquele momento o táxi entrou numa longa alameda perfumada de madressilvas e narcisos, parando junto ao enorme maciço cinzento da casa de Andrew Jackson. O motorista se virou para nos dizer alguma coisa sobre ela, mas Wylie pediu que não falasse, apontando para Schwartz, e descemos do carro sem alarde.

“Não podem entrar na mansão a esta hora”, comentou educadamente o taxista.

Wylie e eu nos sentamos nos degraus junto a largas colunas.

“E esse sr. Schwartz?”, perguntei. “Quem é?”

“Dane-se o Schwartz. Foi diretor de um dos estúdios associados algum dia — First National? Paramount? United Artists? Agora está por baixo. Mas volta. Ninguém que não seja um bocó ou um bêbado consegue ser proscrito do cinema.”

“Você não gosta de Hollywood”, palpitei.

“Gosto, sim. Claro que gosto. Caramba! Isto não é assunto pra se conversar na escadaria da casa de Andrew Jackson — de madrugada.”

“Eu é que *gosto* de Hollywood”, insisti.

“Tá certo. É uma cidade assentada sobre o ouro, reino do alucinógeno. Quem disse isso? Eu mesmo. Um bom lugar para quem é casca-grossa, mas cheguei lá vindo de Savannah, Geórgia. No primeiro dia fui a uma festa no jardim de um cara. Ele apertou minha mão e me largou ali. Tinha de tudo naquele lugar — piscina, musgo verde comprado a dois dólares a polegada, lindas gatas bebendo e se divertindo… e ninguém falava comigo. Nem uma única alma. Abordei um monte de gente, mas nenhuma respondia. Uma hora, duas, a mesma coisa — então levantei de onde estava sentado e corri dali no trote de um cão, feito um louco. Só tive certeza de que ainda era uma pessoa com identidade própria quando voltei ao hotel e o atendente me entregou uma carta endereçada a mim, com meu nome nela.”

Naturalmente eu nunca havia experimentado algo assim, mas, relembrando as festas a que já fora, me dei conta de que coisas como aquela podiam mesmo acontecer. A gente não se aproxima de estranhos em Hollywood, a não ser que fique bem claro que seu machado ficou bem guardado em outro canto e que, haja o que houver, não descerá sobre nosso pescoço — em outras palavras, a não ser que se trate de uma celebridade. E mesmo assim é melhor ter cuidado.

“Você não deveria se importar com isso”, falei, muito satisfeita. “Essa falta de educação não é uma coisa direcionada a *você* — é só um reflexo da relação que essas pessoas estabeleceram com quem conheceram antes.”

“Uma menina tão linda… dizendo coisas tão sábias.”

Para os lados do sol nascente, o céu se perturbava um pouco, impaciente, e Wylie podia me enxergar com clareza — magra, traços bem-feitos, muito estilo, e uma inteligência que dava os primeiros sinais de vida. Eu me pergunto que figura fazia eu naquele amanhecer, cinco anos atrás. A cara meio amassada e pálida, imagino, mas na minha idade àquela altura, quando se tem a ilusão juvenil de que todas as aventuras são boas, só precisava tomar um banho e trocar de roupa para seguir em frente por horas.

Wylie me encarou com uma admiração realmente lisonjeira — e de repente não estávamos mais sozinhos. O sr. Schwartz entrou, sem jeito, naquela bela cena.

“Bati num trinco enorme de metal”, disse, apalpando o canto do olho.

Wylie se sobressaltou.

“Bem na hora, sr. Schwartz”, falou. “O tour acaba de começar. O lar do décimo presidente americano. O conquistador de Nova Orleans, opositor feroz do sistema bancário nacional, inventor do apadrinhamento.”

Schwartz me olhou como se encarasse um júri.

“O que você tem aí é um escritor”, disse. “Sabe tudo e ao mesmo tempo não sabe nada.”

“Como é que é?”, falou Wylie, indignado.

Meu primeiro palpite havia sido mesmo de que ele era um escritor. Apesar de eu gostar de escritores — porque, se a gente pergunta qualquer coisa a um escritor, geralmente recebe uma resposta —, ainda assim aquilo o diminuía um pouco aos meus olhos. Escritores não são exatamente pessoas. Ou, quando são bons no que fazem, um pouco que seja, se tornam *várias* pessoas se esforçando muito para ser uma só. São como os atores, patéticos, tentando não se olhar em espelhos, inclinando-se *para trás* para não fazer isso — só para no fim se verem refletidos nos lustres.

“Não são assim os escritores, Cecilia?”, inquiriu Schwartz. “Não sei o que dizer deles. Só sei que é verdade.”

Wylie olhava para ele, e lentamente sua indignação crescia. “Já ouvi essa história antes”, falou. “Escuta, Manny, eu tenho muito mais senso prático do que você em todos os sentidos! Passei horas sentado num escritório ouvindo um tipo místico pra lá e pra cá a regurgitar um besteirol que, em qualquer lugar que não fosse a Califórnia, seria suficiente pro cara ir parar num manicômio — e, no final, ainda o ouvi me dizer que era um sujeito muito *prático*, e eu um sonhador

— e eu só pensando em sair dali e ir dar algum sentido ao que ele tinha dito.”

A cara do sr. Schwartz ganhou contornos os mais desfigurados. Um olho apontava para cima, mirando por entre os olmos muito altos. Levantou uma das mãos e, displicente, mordiscou a cutícula do indicador. Um passarinho voava em torno da chaminé da casa, e Schwartz seguiu-o com o olhar. O pássaro pousou no alto da chaminé feito um corvo, os olhos do sr. Schwartz ainda fixos nele enquanto dizia: “Não podemos entrar, e já está na hora de vocês dois voltarem para o avião”.

Ainda não era exatamente dia claro. O Hermitage parecia uma bela e enorme caixa branca, mas um pouco solitária e ainda vazia, depois de cem anos. Voltamos ao carro. Só depois de termos embarcado, diante da atitude surpreendente do sr. Schwartz, que fechou a porta do táxi e ficou do lado de fora, é que nos demos conta de que ele não pretendia ir conosco.

“Não vou continuar a viagem até a costa — decidi isso ao acordar. Então fico por aqui, e mais tarde o motorista pode vir me buscar.”

“Vai voltar para o Leste?”, disse Wylie, surpreso. “Só porque …”

“Resolvi”, falou Schwartz, sorriso débil no rosto. “Já fui um homem de decisão — você se surpreenderia.” Apalpou o bolso, o taxista já esquentando o motor. “Você poderia, por favor, entregar este bilhete ao sr. Smith?”

“Volto em duas horas?”, quis saber o motorista.

“Sim… claro. Vai ser uma satisfação dar uma olhada nas redondezas.”

Fiquei pensando nele o caminho todo de volta ao aeroporto — tentando enquadrá-lo àquela hora da madrugada naquela paisagem. Tinha saído de algum longínquo gueto para vir parar naquele tosco santuário. Manny Schwartz e Andrew Jackson — difícil acomodá-los na mesma frase. Era duvidoso que, passeando ali em volta, soubesse quem foi Andrew Jackson, mas, talvez tenha raciocinado, se haviam preservado sua casa, Andrew Jackson deve ter sido alguém importante e bondoso, compreensivo. Nos dois extremos da vida, o que um homem precisa é de algo que o sustente: um seio, um santuário. Um lugar para se encostar quando ninguém mais o queira, e ali meter uma bala na cabeça.

Nas vinte e quatro horas seguintes, claro, ainda não sabíamos do fato. Ao chegarmos ao aeroporto, informamos à tripulação que o sr. Schwartz não seguiria conosco e, com isso, esquecemos o assunto. A tempestade havia se afastado para o leste do Tennessee e desabado sobre as montanhas, e decolaríamos em menos de uma hora. Passageiros ainda sonolentos iam aparecendo, vindos do hotel, e cochilei algumas vezes sentada num daqueles instrumentos de tortura que eles chamam de sofás. Aos poucos, a ideia de uma viagem perigosa foi ressurgindo dos escombros de nosso fracasso: uma nova aeromoça, alta, bonita, morena e radiante, exatamente como a outra exceto pelo

uniforme, listrado em vez de com estampa à francesa, passou por nós a passos enérgicos carregando uma maleta. Wylie permaneceu sentado ao meu lado enquanto esperávamos.

“Você entregou o bilhete ao sr. Smith?”, perguntei, meio dormindo.

“Sim.”

“Quem é esse sr. Smith? Acho que ele estragou a viagem do senhor Schwartz.”

“A culpa foi do Schwartz.”

“Tenho preconceito contra gente que passa por cima dos outros”, falei. “Meu pai tenta fazer isso em casa e digo pra ele reservar esse comportamento para quando está no estúdio.”

Eu me perguntei se estava sendo justa; palavras não valiam nada àquela hora da manhã. “E mesmo assim ele passou por cima de mim ao me mandar para Bennington, e sempre lhe serei grata por isso.”

“Que bela colisão seria”, disse Wylie, “se os dois rolos compressores, Brady e Smith, se encontrassem.”

“O sr. Smith é concorrente do papai?”

“Não exatamente. Acho que não. Mas, se fosse, sei em qual dos dois apostaria meu dinheiro.”

“No papai?”

“Temo que não.”

Era ainda muito cedo para uma demonstração de patriotismo familiar. O piloto estava no balcão de informações e balançou a cabeça enquanto observava, com o chefe do pessoal de bordo, um potencial passageiro que havia depositado um níquel no fonógrafo automático e, entregue ao álcool, recostava-se num banco tentando vencer o sono. A primeira música que escolhera, “Lost”, ressoou feito um trovão na sala, seguida, após breve intervalo, de outra escolha sua, “Gone”, igualmente dogmática e definitiva. O piloto balançou a cabeça, enfático, e foi até onde estava o passageiro.

“Acho que o senhor não vai poder embarcar desta vez, amigão.”

“Quê?”

O bêbado endireitou-se, com a aparência deplorável, embora ainda se vislumbrasse ali um homem atraente, e tive pena dele, apesar da música passionalmente mal escolhida.

“Volte para o hotel e durma um pouco. Tem outro avião saindo hoje à noite.”

“Só levanto daqui pra voar.”

“Não desta vez, amigão.”

De tão desapontado, o bêbado caiu do banco — e, mais alto que o

fonógrafo, um anúncio no sistema de som nos chamou, as pessoas de bem, a sair dali. No corredor do avião, esbarrei em Monroe Stahr e caí por cima dele, ou o fiz de propósito. Ali estava um homem sobre o qual qualquer garota se atiraria, tivesse ou não um motivo para isso. Eu claramente *não* tinha, mas ele gostava de mim e se sentou na minha frente, na poltrona oposta, até o avião decolar.

"Vamos todos pedir nosso dinheiro de volta", sugeriu. Seus olhos escuros me engoliam, e fiquei pensando em que aparência teriam se ele se apaixonasse. Era um olhar gentil, distanciado, e, embora quase sempre educadamente atento, denotava um pouco de superioridade. Não tinha culpa por enxergar tanto. O homem entrava e saía do papel de "um dos rapazes" com destreza — mas, no geral, diria que não era um deles. Mas sabia se calar, se recolher, ficar ouvindo. De onde estava (e, apesar de nem ser tão alto, parecia ver tudo de cima), ele observava as múltiplas circunstâncias de seu mundo feito um jovem pastor de rebanhos para quem o fato de ser noite ou dia nem sequer tinha importância. Nascera insone, sem talento para o repouso ou desejo de repousar.

Ficamos sentados num silêncio constrangido — eu o conhecia desde que se tornara sócio do papai, mais de uma década antes; na época, tinha sete anos e ele, vinte e dois. Wylie estava do outro lado do corredor, e eu não sabia se devia ou não apresentá-los, mas Sathr insistia em rodar um anel no dedo de maneira tão indiferente que me fez sentir-me jovem e invisível, e não pensei mais nas apresentações. Jamais ousava tirar os olhos dele ou olhar diretamente *para* ele, a menos que tivesse algo importante a dizer — e eu sabia que Stahr provocava essa mesma reação em muita gente.

"Vou te dar este anel, Cecilia", ele disse.

"Desculpa. Nem reparei que eu estava …"

"Tenho mais um monte igual a este."

Ele me entregou o anel, uma pepita de ouro com a letra S destacada em relevo. Eu estava pensando, pouco antes, no contraste esquisito daquele volume com seus dedos, que eram delicados e delgados como o resto do corpo, e com o rosto fino com as sobrancelhas arqueadas, o cabelo escuro encaracolado. Às vezes parecia bem-humorado, mas era um lutador — uma pessoa que o conhecera no passado e sabia da gangue de garotos que ele tivera no Bronx descreveu para mim a cena, Stahr sempre à frente do grupo, menino até bem frágil, dando uma ou outra ordem à boca pequena para os que vinham atrás.

Stahr fechou minha mão com o anel na palma, ficou de pé e se dirigiu a Wylie.

"Pode vir para a suíte nupcial", falou. "Até mais, Cecilia."

Antes que os dois se afastassem a ponto de não poder ouvi-los, escutei a pergunta de Wylie: "Você leu o bilhete do Schwartz?". E Stahr: "Ainda não."

Devo ser meio lenta, pois só então me dei conta de que Stahr era o sr. Smith.

Mais tarde, Wylie me contou o que havia no bilhete. Escrito à luz dos faróis do táxi, era quase ilegível.

> Caro Monroe, você é o melhor dentre eles todos e sempre admirei sua mentalidade, então sei que não adianta se voltar contra mim! Não devo prestar e não vou seguir nessa jornada, então deixa eu te dizer de novo: cuidado! Eu sei.
>
> Seu amigo Manny Stahr leu o bilhete duas vezes e levou a mão até a barba amanhecida que lhe crescia no queixo.

"O cara está com os nervos em frangalhos", falou. "Não há nada que se possa fazer — absolutamente nada. Sinto muito não ter atendido as expectativas — mas não gosto da ideia de um cara me abordar pra dizer que está fazendo aquilo *por mim*."

"Talvez estivesse", disse Wylie.

"Péssima estratégia."

"Funcionaria comigo", respondeu Wylie. "Sou fútil como uma mulher. Se alguém finge se interessar por mim, peço mais. Gosto de ser aconselhado."

Stahr balançou a cabeça, repugnado. Wylie continuou bulindo com ele — era um dos únicos a quem tal privilégio era permitido.

"Você se rende a alguns tipos de bajulação", falou. "Essa coisa de 'pequeno Napoleão'."

"Me embrulha o estômago", disse Stahr, "mas não é tão ruim quanto um cara tentando ajudar."

"Se você não gosta de conselhos, por que contratou *a mim*?"

"Questão de mercado", falou Stahr. "Sou um comerciante. Quero comprar o que você tem na cabeça."

"Você não é um comerciante", retrucou Wylie. "Conheci um monte deles nos meus tempos de publicidade, e concordo com Charles Francis Adams."

"O que ele disse?"

"Conheceu todos — Gould, Vanderbilt, Carnegie, Astor — e dizia que não fazia questão de encontrar nenhum deles no além. Bom … esse pessoal não melhorou em nada desde então, e é por isso que digo que você não é um comerciante."

"Adams era um rabugento, provavelmente", disse Stahr. "Queria ele mesmo ser patrão, mas não tinha tino ou, pior, caráter."

"Tinha tutano", falou Wylie, afiado e desagradável.

"Precisa mais do que isso. Vocês, escritores e artistas, se cansam e começam a confundir tudo, aí tem de vir alguém pra botar vocês na linha." Ele

deu de ombros. “Parecem tomar as coisas pelo lado pessoal, odiando e idolatrando as pessoas — sempre achando que pessoas são tão importantes — especialmente vocês mesmos. Parece que pedem pra ser descartados. Gosto das pessoas e gosto que elas gostem de mim, mas levo o coração no lugar onde Deus o colocou — do lado de dentro.”

Ele se interrompeu.

“O que foi que eu disse ao Schwartz no aeroporto? Você se lembra… exatamente?”

“Você falou: ‘O que quer que esteja querendo, a resposta é não!’.”. Stahr ficou em silêncio.

“O Schwartz estava derrubado”, disse Wylie, “mas fiz ele dar umas risadas. Levamos a filha do Billy Brady pra dar uma volta.”

Stahr chamou a aeromoça.

“Aquele piloto”, falou, “ele se importaria se eu fosse lá para a cabine por um tempo?”

“Isso não é permitido, sr. Smith.”

“Peça a ele que dê uma chegadinha aqui quando tiver um tempinho.”

Stahr passou a tarde toda lá na frente. Nesse tempo, flutuamos acima do deserto sem fim e dos planaltos tingidos de tinturas de muitas cores, feito a areia branca que pintávamos quando eu era criança. Depois, no final da tarde, foram os próprios picos das montanhas — o Serrote Congelado — que deslizaram sob nossos motores, já perto de casa.

Nos momentos em que não estava cochilando, eu ficava pensando que desejava me casar com Stahr, queria fazê-lo me amar. Ah, quanta presunção! O que tinha eu a oferecer? Mas não pensava assim naquele tempo. Eu tinha o orgulho das moças cuja fonte de poder são pensamentos sublimes tais como “sou tão boa quanto *ela*”. Para o que eu pretendia, era tão bela quanto as grandes beldades que, inevitavelmente, deviam chover sobre ele. Meu breve lampejo de interesse intelectual me tornava apta a brilhar como um ornamento em qualquer salão.

Hoje sei que isso era absurdo. Embora a formação de Stahr não fosse muito além de um curso noturno de estenografia, fazia muito que, à frente de todos, ele percorria os ermos descaminhos da percepção até paragens às quais poucos homens eram capazes de segui-lo. Mas eu, em minha presunção imprudente, alçava maliciosamente meus olhos verdes à altura dos olhos castanhos dele, as batidas jovens e atléticas do meu coração contra as dele, já um pouco desaceleradas pelos anos de excesso de trabalho. E planejei e maquinei e tramei — as mulheres é que sabem —, mas nunca deu em nada, conforme vocês verão. Até hoje gosto de pensar que, se ele fosse um rapaz pobre da minha idade, podia

ter me dado bem, mas a verdade verdadeira é que eu não tinha nada a oferecer que ele já não possuísse; algumas das minhas mais românticas noções decerto haviam saído de filmes — *Rua* 42, por exemplo, era uma grande influência. É mais do que possível que alguns dos filmes que o próprio Stahr concebera tivessem delineado quem eu era.

De modo que era um caso perdido. Emocionalmente, ao menos, as pessoas não podem viver tão dependentes.

Mas daquela vez era diferente: o papai podia ajudar, a aeromoça podia ajudar. Ela talvez fosse à cabine e dissesse a Stahr: "Se é que alguma vez vi o amor, foi nos olhos daquela garota".

O piloto quem sabe ajudasse: "Cara, você está cego? Por que não volta pra lá?".

Wylie White podia ajudar — em vez de ficar parado no corredor olhando indecisamente para mim, perguntando-se se eu estava dormindo ou acordada.

"Senta", falei. "Novidades? Onde estamos?"

"Em pleno ar."

"Ah, então é isso. Senta." Tentei me mostrar interessada, animada: "Sobre o que você está escrevendo?".

"Que os céus venham em meu socorro: é sobre um Escoteiro — sobre *O* Escoteiro."

"É ideia do Stahr?"

"Não sei — ele me falou pra dar uma olhada nessa coisa. É capaz de ter uns dez roteiristas trabalhando, mais adiantados ou mais atrasados do que eu, um sistema muito bem pensado por ele. Então quer dizer que você está apaixonada?"

"Claro que não", indignei-me. "Eu o conheço desde criança."

"Desesperadamente, hein? Bom, posso dar um jeito nisso pra você, e aí você usa toda a sua influência pra me ajudar. Quero uma unidade só pra mim."

Fechei os olhos e deslizei devagar rumo ao sono. Acordei com a aeromoça me cobrindo com uma manta.

"Falta pouco", ela disse.

Pela janela pude ver, à luz do pôr do sol lá fora, que estávamos em território mais verde.

"Acabei de ouvir uma coisa engraçada", a aeromoça puxou conversa, "lá na cabine — aquele sr. Smith — ou sr. Stahr — não lembro de ter visto o nome dele alguma vez…"

"Nunca aparece nos filmes", falei.

"Ah. Bem, ele estava perguntando aos pilotos uma porção de coisas sobre voar — enfim, está interessado mesmo nisso, você *sabia*?"

“Sabia.”

“Enfim, um dos pilotos me disse que podia apostar que em dez minutos ensinava o sr. Stahr a conduzir um voo solo. O homem tem uma mentalidade e tanto, foi o que ele me disse.”

Eu estava ficando impaciente.

“E o que tem de tão engraçado nisso?”

“Bem, um dos pilotos perguntou ao sr. Smith se gostava do ramo em que trabalha, e ele falou: ‘Claro. Claro que gosto. É bom ser o único doido normal num bando de doidos varridos’.”

A aeromoça dobrou o volume da risada — e eu estava a ponto de cuspir nela.

“Enfim, chamar aquele pessoal todo de bando de doidos. Enfim, doidos *varridos*.” Parou de rir, súbita e inesperadamente, e seu rosto assumiu um ar grave enquanto ela se punha de pé. “Bem, tenho de ir terminar de atender o pessoal.”

“Tchau.”

Stahr, era evidente, havia dado intimidade suficiente aos pilotos para lhes permitir que subissem um pouquinho ao patamar dele. Anos mais tarde, viajei com um desses mesmos comandantes, e ele me contou uma coisa que Stahr dissera.

Stahr olhava para as montanhas lá embaixo.

“Imagine que você é um chefe de ferrovia”, falou. “Você precisa mandar um trem pra algum lugar ali no meio. Bom, chega o relatório do seu fiscal de trilhos e você descobre um monte de falhas, três, quatro, uma dúzia delas, e nenhuma rota é melhor que a outra. Você tem de decidir… com base em quê? Não dá pra sair testando qual é o melhor caminho — é escolher um e ir por ele. É o que você acaba fazendo.”

O piloto achou que tinha perdido alguma coisa.

“E o que isso quer dizer?”

“Que a gente escolhe um caminho sem ter razão alguma — porque aquela montanha é rosa, ou porque o mapa é mais bonitinho. Entende?”

O piloto tomou aquilo como um conselho muito valioso. Mas duvidou que algum dia estaria em situação de aplicá-lo.

“O que eu queria saber”, ele me disse, pesaroso, “era como foi que ele chegou a se tornar o sr. Stahr.”

Acho que Stahr jamais poderia ter respondido à pergunta; o embrião ainda não tem o recurso da memória. Mas eu, sim, consigo responder em parte. Ainda muito jovem, com asas fortes, ele havia voado bem alto, de onde pôde ver. Lá de cima avistou todos os reinos com o tipo de olho com que se pode mirar

diretamente o Sol. Batendo as asas tenazmente — freneticamente, afinal — e sem parar, permaneceu no ar por mais tempo do que a maioria de nós, e então, lembrando tudo que vira de como são as coisas daqueles píncaros, aos poucos se acomodara de volta à terra.

Motores desligados, nossos cinco sentidos começaram a se reajustar para o pouso. À frente e à esquerda, avistava-se a fileira de luzes da Base Naval de Long Beach, à direita, o borrão cintilante de Santa Monica. A lua da Califórnia apareceu, enorme e alaranjada, sobre o Pacífico. Fosse como fosse que eu me sentisse em relação a essas coisas — e elas me diziam que estava em casa, afinal de contas —, sei que o sentimento de Stahr devia ser muito maior. Aquelas eram as coisas que eu primeiro vira ao abrir os olhos para o mundo, como as ovelhas no terreno dos fundos do estúdio Laemmle; mas havia sido ali o lugar em que ele pousara de retorno à terra, depois daquele voo luminoso em que enxergou para onde íamos, e como éramos fazendo o que fazíamos, e quanto isso importava. Pode-se dizer que foi aí que um vento perigoso o apanhou, mas não penso assim. Prefiro achar que, numa “tomada panorâmica”, ele percebeu uma nova maneira de avaliar nossas esperanças espasmódicas e delicadas trapaças e mágoas incômodas, e que por escolha própria veio para estar conosco até o fim. Como o avião que descia no aeroporto de Glendale, adentrando a treva quente.

2

Eram nove horas de uma noite de julho, e alguns figurantes ainda se demoravam na lanchonete em frente ao estúdio — ao estacionar, pude vê-los debruçados sobre as máquinas de jogo. O “Velho” Johnny Swanson estava parado na esquina em seu traje meio caubói, o olhar perdido na lua. Algum dia fora um dos grandes do cinema, como agora Tom Mix ou Bill Hart — hoje, era triste falar com ele, de modo que me apressei a atravessar a rua e entrar pelo portão principal.

Um estúdio jamais é um ambiente totalmente quieto. Sempre tem alguma equipe de técnicos do turno da noite nos laboratórios e nas salas de dublagem, o pessoal da manutenção dando um pulo no refeitório. Mas os ruídos são todos diferentes — o som abafado de pneus, o tranquilo ronronar de um motor em giro inercial, o agudo nu de uma soprano num microfone no meio da noite. Virando uma esquina, topei com um homem em botas de borracha lavando um carro sob uma maravilhosa luz branca — uma fonte em meio às sombras mortas daquela indústria. Ao ver o sr. Marcus sendo amparado para entrar em seu carro em frente ao prédio da administração, diminuí o passo, pois ele demorava um bocado para dizer o que quer que fosse, até mesmo um boa-noite — e, enquanto esperava, me dei conta de que a soprano estava cantando sem parar, e repetidamente, *Come, come, I love you only*; lembro disso porque ela prosseguiu com o mesmo verso durante o terremoto. Faltavam ainda cinco minutos para começar.

Os escritórios do papai estavam localizados no prédio antigo, com suas sacadas compridas e corrimões de ferro cuja aparência era, incorrigivelmente, a de cordas bambas. Papai ficava no segundo piso, Stahr de um lado e o sr. Marcus do outro — naquela noite havia luzes acesas ao longo de toda a sequência de escritórios. Eu ia com um friozinho na barriga pela proximidade com Stahr, mas já controlava bem a sensação naquele momento — só o vira uma vez naquele mês desde que estava em casa.

Muita coisa havia de peculiar no escritório do papai, mas vou resumir. Do lado de fora, três secretárias com cara inescrutável, as quais, até onde minha memória alcançava, desde sempre estiveram ali, feito bruxas, Birdy Peters, Maude não-sei-de-quê e Rosemary Schmiel, a decana do trio — não sei se era esse o nome, mas debaixo da sua escrivaninha ficava o abre-te-sésamo que dava acesso à sala do trono do papai. Todas as três eram capitalistas ferrenhas, e Birdy

tinha inventado a regra segundo a qual, se datilógrafas fossem vistas fazendo as refeições juntas mais de uma vez na semana, mereceriam advertência do alto escalão. Naquela época os estúdios temiam ser controlados pelas massas.

Entrei no escritório. Hoje em dia qualquer executivo tem imensas salas de visita, mas a do meu pai foi a primeira. Também foi a primeira a ter vidros espelhados nos janelões altos, e ouvi falar de um alçapão no assoalho que engoliria visitantes desagradáveis, lançando-os numa masmorra, mas acredito que fosse invenção. Havia um grande quadro de Will Rodgers exposto ostensivamente e destinado, acho, a sugerir um parentesco essencial entre papai e o são Francisco de Hollywood; havia uma foto autografada de Minna Davis, a falecida mulher de Stahr, e de outras celebridades do estúdio, além de grandes desenhos a giz meus e da mamãe. Naquela noite, os janelões estavam abertos, e a lua, enorme, em tons dourado e róseo e envolta em névoa, entrava inevitável por uma delas. Papai, Jacques La Borwitz e Rosemary Schmiel estavam ao fundo, reunidos em torno de uma grande mesa circular.

Que aparência tinha o papai? Não seria capaz de descrevê-lo, exceto daquela vez em que o encontrei em Nova York sem estar esperando; percebi então aquele homem corpulento de meia-idade, parecendo um pouco envergonhado de si mesmo, e desejei que saísse dali — e foi aí que vi que era o papai. Depois fiquei chocada com essa minha impressão. Papai consegue ser bem magnético — com seu queixo duro e seu sorriso de irlandês.

Quanto a Jacques La Borwitz, prefiro poupá-los. Digo apenas que era um produtor-assistente, tipo subalterno, e basta. Sempre me espantava pensando de onde Stahr desenterrava aqueles cadáveres mentais, ou por que se obrigava a suportar uns tipos assim — e, especialmente, como é que conseguia torná-los úteis de alguma forma —, algo que espantaria qualquer recém-chegado da Costa Leste que topasse com eles. Sem dúvida que Jacques La Borwitz tinha lá seu interesse, mas protozoários submicroscópicos ou um cão uivando por uma cadela e um osso também têm. Jacques La… meu Deus!

Pela expressão no rosto deles, soube com certeza que falavam de Stahr. Ele tinha dado uma ordem qualquer, ou proibido alguma coisa, ou desafiado o papai, ou arruinado um dos filmes de La Borwitz, ou feito algo catastrófico do tipo, e ali estavam eles, em protesto noturno, uma comunidade revoltada e impotente. Rosemary Schmiel, bloco de anotações em punho, parecia pronta a pôr no papel o abatimento dos três.

“Me mandaram te levar pra casa vivo ou morto”, falei para o papai. “Tem um monte de presentes de aniversário apodrecendo nos pacotes!”

“Aniversário!”, berrou Jacques, numa profusão de desculpas. “Quantos anos? Eu não sabia.”

“Quarenta e três”, respondeu papai, indubitável.

Era mais velho — quatro anos —, e Jacques sabia; vi que anotava aquilo para usar em alguma ocasião. Por estas bandas, cadernos de notas são carregados abertos. Pode-se ver o que é anotado sem que se precise de leitura labial, e Rosemary Schmiel, por emulação, marcou alguma coisa também no seu. Enquanto apagava uma anotação, a terra tremeu debaixo de nós.

Não sentimos o tremor em cheio, como em Long Beach, onde os pisos de cima das lojas foram lançados às ruas e hoteizinhos levados pelo mar — mas, por um minuto, nossas entranhas e as da Terra eram uma coisa só, como num pesadelo em que tentássemos religar nosso cordão umbilical e voltar ao útero da criação.

A foto da mamãe caiu da parede, revelando um pequeno cofre — Rosemary e eu nos enganchamos freneticamente uma à outra para uma estranha valsa, dançada aos gritos pela sala. Jacques desmaiou, ou ao menos desapareceu, enquanto o papai se agarrava à escrivaninha e berrava: “Você está bem?”. Pela janela, lá fora, a cantora chegou ao clímax de “I love you only”, parou por um momento e então, juro, começou de novo. Ou talvez tenham ligado o gravador para ela se ouvir.

A sala restou imóvel, trepidando um pouquinho. Alcançamos a porta, Jacques subitamente conosco outra vez, ressurgido, e cambaleamos tontos pela antessala até a sacada de ferro. Quase todas as luzes tinham se apagado e, aqui e acolá, ouvíamos gritos e gente chamando. Permanecemos um instante ali, esperando por um segundo tremor — então, como que num impulso coletivo, seguimos até o vestíbulo do escritório de Stahr, e dali para dentro.

Era grande, mas não tanto quanto o do papai. Stahr estava sentado na lateral de seu sofá e esfregava os olhos. No momento do terremoto, dormia, e ainda não tinha certeza se não sonhara aquilo. Quando o convencemos de que não, achou tudo muito engraçado — até que os telefones começaram a tocar. Observei-o com a maior discrição possível. Tinha a aparência pálida de cansaço, atento ao telefone e ao ditafone; mas, à medida que chegavam os relatos, recobrou o brilho nos olhos.

“Alguns canos devem ter estourado”, falou, dirigindo-se ao papai, “estão indo dar uma olhada lá nos fundos.”

“O Gray está filmando na Aldeia Francesa”, falou papai.

“O entorno da Estação alagou também, e ainda a Selva e a Esquina. Caramba — parece que ninguém se feriu.” De passagem, ele apertou minha mão, solene: “Por onde você andou, Cecilia?”.

“Você vai até lá, Monroe?”, perguntou papai.

“Quando tiver as informações todas: uma das linhas de energia caiu

também — avisei o Robinson.”

Me fez sentar com ele no sofá e contar sobre o tremor novamente.

“Você parece cansado”, falei, graciosa e maternal.

“Pois é”, concordou ele, “não tenho pra onde ir à noite, então não paro de trabalhar.”

“Vou programar umas saídas pra você.”

“Costumava jogar pôquer com um pessoal”, ele disse, pensativo, “quando era solteiro. Mas os rapazes todos se acabaram na bebida.”

A srta. Doolan, secretária dele, entrou com más notícias fresquinhas.

“O Robby vai cuidar de tudo quando chegar”, assegurou Stahr ao meu pai. Virou-se para mim. “Esse cara é o seguinte — o Robinson. Resolve qualquer encrenca — consertava linhas telefônicas debaixo de tempestades de neve em Minnesota —, nada é empecilho para o homem. Já, já ele chega — você vai gostar do Robby.”

Falou isso como se a vida toda tivesse tido a intenção de nos apresentar, e como se o terremoto em si tivesse sido pensado só para isso.

“Pois é, você vai gostar do Robby”, repetiu. “Quando volta pra faculdade?”

“Acabei de chegar.”

“Vai ficar o verão todo?”

“Desculpe”, respondi. “Volto na primeira oportunidade.”

Estava confusa. Não deixou de me passar pela cabeça que ele talvez tivesse alguma intenção em relação a mim, mas, se fosse o caso, ainda num estágio muito inicial — eu era meramente “um bom ativo”. E a ideia não me parecia muito atraente àquela altura — como casar com um médico. Raramente ele saía do estúdio antes das onze.

“Quanto tempo falta”, ele perguntou ao meu pai, “pra ela se formar na faculdade? Era o que eu estava tentando dizer.”

E acho que o que eu estava ansiosa para dizer, alto e bom som, era que não ia voltar coisa nenhuma, que já tinha estudado o suficiente — foi então que apareceu o incrível Robinson. Era um rapaz ruivo de pernas tortas e pronto para o que desse e viesse.

“Este é o Robby, Cecilia”, disse Stahr. “Vem cá, Robby.”

Pois fiquei conhecendo Robby. Não posso dizer que parecia o destino — mas era. Porque foi Robby quem, mais tarde, me contou a história de como Stahr encontrou o amor naquela noite.

*

À luz da lua, os doze mil metros quadrados do terreno dos fundos eram uma terra encantada — não porque as locações pareciam, de verdade, selvas africanas, chatôs franceses, escunas no ancoradouro ou a Broadway à noite, mas

por se assemelharem a surrados livros infantis ilustrados, feito fragmentos de histórias bailando em torno de uma fogueira. Nunca vivi numa casa com sótão, mas um terreno como aquele deve ser parecido, e à noite, claro, como que por encanto e numa visão distorcida, tudo fica real.

Quando Stahr e Robby chegaram, fachos de luz já iluminavam os pontos mais perigosos da inundação.

“Vamos drenar isso aí para o banhado da rua 36”, falou Robby em seguida. “É uma área da prefeitura, mas o que aconteceu aqui foi ato divino, não foi? Me digam — olhem só aquilo lá!”

Sobre o topo da cabeça gigante de uma deusa Shiva, duas mulheres boiavam correnteza abaixo de um rio que se formara. A estátua tinha se desgarrado de um cenário simulando Burma e ziguezagueava impávida, abrindo caminho e às vezes parando, aqui e ali, em solavancos e desvios à medida que achava espaços em meio aos outros destroços da inundação. As duas refugiadas tinham encontrado abrigo num tufo encaracolado sobre a testa nua da estátua e pareciam, à primeira vista, visitantes fazendo um interessante tour no local da enchente.

“Olha só aquilo, Monroe!”, disse Robby. “Olha só aquelas senhoras!”

Arrastando as pernas para se locomoverem em meio àquele pântano recém-formado, elas conseguiram chegar a uma das margens do curso d’água. Agora dava para vê-las, um pouco assustadas, mas animadas com a perspectiva de um resgate.

“Devíamos deixá-las ir embora pelo cano de escoamento”, falou Robby, um cavalheiro, “mas DeMille precisa daquela cabeça pra semana que vem.”

Ele não faria mal a uma mosca, porém, e naquele momento, com água pela cintura, tentava resgatar as mulheres com uma vara, mas tudo que conseguia era girá-la em círculos nauseantes. Chegaram reforços, e rapidamente já se comentava como era bonita uma das duas, e em seguida que eram gente importante. Mas não passavam de visitantes comuns, e Robby estava só esperando que as coisas ficassem sob controle para lhes passar uma descompostura.

“Ponham essa cabeça de volta aí!”, gritou para elas. “Estão pensando que é um suvenir?”

Uma das mulheres deslizou devagar pela bochecha da estátua, e Robby a apanhou e colocou em terra firme; a outra moça hesitou um pouco, mas seguiu a primeira. Robby virou-se para Stahr em busca de um veredicto.

“O que fazemos com elas, chefe?”

Stahr não respondeu. A não mais do que um metro e pouco de distância dele, o rosto de sua falecida esposa lhe sorria debilmente, idêntico até mesmo na

expressão. Aquele metro e pouco sob o luar, e ali estavam os olhos que ele conhecia e o encaravam, a mecha sobre a fronte familiar balançando de leve na brisa; o sorriso se mantinha, um pouquinho alterado mas ainda reconhecível; os lábios se entreabriram — os mesmos. Um medo horrível o tomou, e ele queria gritar bem alto. Ela voltava da câmara mortuária, junto com o deslizar abafado da limusine fúnebre, as flores cobrindo o caixão já perdendo suas pétalas, voltava da escuridão — e ressurgia ali, viva e radiante. O rio passou por ele num turbilhão, os enormes holofotes piscaram súbitos — e ele, então, ouviu uma voz que não era a de Minna.

"Desculpem", disse a voz. "A gente entrou atrás de um caminhão por um dos portões."

O incidente havia reunido uma pequena multidão — eletricistas, motoristas de caminhão, técnicos em geral — e Robby passou a fustigá-los feito um cão pastor.

"… peguem as bombas grandes dos tanques do estúdio 4… passem um cabo em torno dessa cabeça, depois icem com umas ripas de dois por quatro… drenem primeiro a água da Selva, pelo amor de Deus… esse cano aí, podem largar… é tudo plástico esse negócio…"

Stahr ficou parado observando as duas moças, que seguiam um policial em direção ao portão de saída. Então deu um pequeno passo, experimentando para ver se a fraqueza nos joelhos tinha passado. Um trator barulhento foi chegando aos solavancos pelo lamaçal, e mais o fluxo de homens que, ao passar perto dele, sorriam, falavam: "Olá, Monroe… Olá, sr. Stahr… noite úmida, sr. Stahr… Monroe… Monroe… Stahr… Stahr… Stahr".

Ele respondia e acenava de volta à medida que o pessoal ia passando na escuridão, acho que parecendo um pouco o Imperador e sua Velha Guarda. Um mundo inexistente, mas com seus heróis, e Stahr era o herói. A maioria daqueles homens estava ali fazia bastante tempo — dos primórdios à grande mudança, quando o som foi introduzido, chegando aos três anos de Depressão, e ele cuidara para que não sofressem. Antigas lealdades agora eram abaladas, revelavam-se pés de barro por todo lado; mas ele ainda era o homem forte daquela gente, o último dos príncipes. E era saudado pelos que ali passavam, uma espécie de contida celebração do herói.

3

Da noite em que chegara em casa até o terremoto, eu havia feito muitas observações.

Sobre o papai, por exemplo. Eu amava o papai — uma espécie de amor que, num gráfico, faz muitas curvas de queda —, mas comecei a ver que sua firme determinação não o tornava um homem aceitável. A maior parte do que conquistara era fruto de astúcia. Com sorte e sagacidade, tinha adquirido — junto com o jovem Stahr — um quarto do negócio promissor que era aquele circo. Na vida, empenhara-se nisso — tudo o mais era um instinto para a espera. Ele, claro, fazia aquele jogo de cena para Wall Street sobre os mistérios de produzir um filme, mas papai não sabia nem o bê-á-bá da dublagem ou mesmo do processo de montagem. Não que tivesse aprendido muito sobre o espírito da América servindo mesas num bar em Ballyhegan, nem que soubesse grande coisa sobre enredos. Por outro lado, não ficava fingindo que trabalhava, ao contrário de…; chegava ao estúdio antes do meio-dia e, tendo desenvolvido seu senso de desconfiança como quem fortalece um músculo, era difícil que deixasse passar alguma coisa.

Em Stahr encontrou sua sorte — e Stahr era ainda algo mais. Era um divisor de águas na indústria, como Edison e Lumière, Griffith e Chaplin. Elevava seus filmes muito acima do alcance e do poder do teatro, atingindo uma espécie de era de ouro, anterior à censura.

A prova de sua liderança era a espionagem que o rondava — não apenas em busca de informações em primeira mão ou de processos secretos protegidos por patentes —, mas atrás de seu faro para tendências que cairiam no gosto popular, de seus palpites sobre como as coisas se desenvolveriam. Consumia além da conta sua vitalidade apenas se esquivando desse assédio. Era isso que tornava seu trabalho algo sigiloso, em parte, muitas vezes furtivo, lento — e tão difícil de ser descrito quanto os planos de um general, em que os fatores psicológicos acabam sendo tão sutis que simplesmente contabilizamos sucessos e fracassos. Mas me comprometi a dar a vocês um vislumbre de como ele trabalhava, e isso justifica o que se segue. Foi baseado em parte num trabalho que escrevi para a faculdade, *O dia de um produtor*, e parte saiu da minha imaginação. Os acontecimentos que eu mesma inventei são, no mais das vezes, aqueles mais ordinários, ao passo que os mais estranhos são os verdadeiros.

*

Na manhã seguinte à inundação, logo cedo, um homem se dirigiu à sacada externa do prédio da administração. Deixou-se ficar por ali algum tempo, segundo uma testemunha ocular, então montou no corrimão de ferro e mergulhou de cabeça para a calçada embaixo. Balanço de fraturas — um braço.

A srta. Doolan, secretária de Stahr, contou-lhe sobre o incidente quando ele a chamou, às nove. Tinha dormido no escritório e não percebera a mais leve perturbação.

"Pete Zavras!", exclamou Stahr, "o cinegrafista?"

"Foi levado ao consultório de um médico. Não vai sair nos jornais."

"Que encrenca", disse Stahr. "Sabia que ele estava na pior — mas não o porquê. Estava bem quando trabalhou pra nós há dois anos — por que teria vindo aqui? Como conseguiu entrar?"

"Deu o golpe usando seu antigo crachá do estúdio", falou Catherine Doolan. Era uma mulher severa, casada com um diretor-assistente. "Talvez o terremoto tenha algo a ver com a história."

"Ele era o melhor cinegrafista da cidade", disse Stahr. Depois de ouvir sobre as centenas de mortos em Long Beach, ainda continuava assombrado pelo suicídio não consumado na madrugada. Mandou que Catherine Doolan acompanhasse o caso.

As primeiras mensagens começaram a chegar pelo ditafone na manhã quente. Falava e escutava enquanto fazia a barba e tomava o café. Robby deixara uma mensagem: "Se o sr. Stahr perguntar por mim, que se dane, estou dormindo". Um ator estava doente, ou achava que estava; o governador da Califórnia daria uma festa; um supervisor havia espancado a esposa com repercussão nos jornais e devia ser "rebaixado a roteirista" — todos os três casos a cargo do papai — a menos que o ator estivesse sob contrato pessoal com Stahr. Uma neve precoce caía numa locação no Canadá com a equipe já no local — Stahr percorreu rapidamente as possibilidades de correção de rumos, revendo o enredo do filme. Nada. Ligou para Catherine Doolan.

"Quero falar com o policial que retirou duas moças do terreno dos fundos ontem à noite. Acho que o nome dele é Malone."

"Sim, sr. Stahr. Estou com Joe Wyman na linha — é sobre as calças."

"Alô, Joe", falou Stahr. "Escute — duas pessoas que assistiram às sessões de teste reclamaram que em metade do filme a braguilha do Morgan aparece aberta… devem estar exagerando, claro, mas mesmo que apareça só uns segundos… não, não tenho como saber quem são as pessoas, mas quero que você veja e reveja o filme até encontrar essas cenas. Ponha um monte de gente na sala de projeção — alguém há de conseguir enxergar."

Tout passe. — L'art robuste

Seul a l’éternité.

“E o príncipe da Dinamarca está aí”, disse Catherine Doolan. “É muito bonito…”, e ela se sentiu impelida a acrescentar, sem que houvesse por quê: “… em se tratando de um homem alto”.

“Obrigado”, respondeu Stahr. “Obrigado, Catherine, por me considerar o baixinho mais bonito do pedaço. Mande o príncipe dar um passeio pelos cenários e diga a ele que almoçamos juntos à uma.”

“E também está aí o sr. George Boxley — parece muito irritado, à maneira britânica.”

“Falo com ele em dez minutos.”

Quando ela ia saindo, ele perguntou: “Robby ligou?”.

“Não.”

“Ligue no departamento e, se souberem dele, mande chamar e pergunte o seguinte. Pergunte o seguinte a ele — se ouviu o nome daquela mulher ontem à noite. De qualquer uma das duas. Ou se ouviu qualquer outra coisa que possa ajudar a encontrá-las.”

“Algo mais?”

“Não, mas diga que é importante tentar saber delas enquanto ele ainda se lembra. Quem eram? Quero dizer, que tipo de gente — pergunte isso a ele, também. Quero dizer, se elas eram…”

Ela aguardou, rabiscando umas palavras no bloco sem levantar a vista.

“… ah, se elas eram… suspeitas? Afetadas? Deixa pra lá… esqueça isso. Apenas pergunte se ele sabe como encontrar as duas.”

O policial, Malone, não sabia de nada. Duas senhoras, ele tinha escoltado as duas, positivo. Uma delas estava machucada. Qual das duas? Uma delas. Tinham um carro, um Chevvy — ele chegou a pensar em lhes apreender a habilitação. A mais bonita — era ela a que estava machucada? Era uma das duas.

Não sabia qual — não tinha reparado em nada de diferente. Mesmo entre o pessoal ali, Minna havia sido esquecida. Em três anos. Assunto encerrado, então.

Stahr sorriu para o sr. George Boxley. Era um sorriso paternal e gentil, bem diferente daquele de quando era um jovem recém-promovido ao alto escalão. Nessa época, sorria de maneira respeitosa para os veteranos do ramo até que, mais tarde, uma vez que suas próprias decisões já sobrepujavam as deles, passou a fazê-lo de modo que não percebessem isso — emergindo, finalmente, o sorriso de agora: um sorriso bondoso — por vezes um pouco apressado e cansado, mas sempre presente — exibido a qualquer um que não o tivesse irritado na hora anterior. Ou a qualquer um que ele não pretendesse insultar, agressivo e direto.

O sr. Boxley não correspondeu ao sorriso. Entrou como se estivesse sendo violentamente arrastado até ali, embora ninguém, aparentemente, o obrigasse.

Parou em frente a uma cadeira e, de novo, foi como se dois acompanhantes agarrassem seus braços e o forçassem a se sentar. Ali ficou, contrariado. Mesmo ao acender um cigarro a convite de Stahr, alguém diria que o fósforo era guiado por forças externas que ele não fazia nenhuma questão de controlar.

Stahr o encarou, cortês.

“Alguma coisa errada, sr. Boxley?”

O romancista o encarou de volta num silêncio eloquente.

“Li sua carta”, disse Stahr. O tom agradável de jovem diretor de escola tinha desaparecido. Falava a um igual, com uma vaga e ambígua deferência.

“Nada do que escrevo é aproveitado”, desabafou Boxley. “Você tem me tratado com muita decência, mas é uma espécie de conspiração. Aqueles dois redatorzinhos com quem você me pôs para trabalhar me escutam, mas depois estragam tudo — parece que o vocabulário deles não passa de umas cem palavras.”

“Por que o senhor não escreve sozinho?”, quis saber Stahr.

“É o que tenho feito. Te mandei alguma coisa.”

“Mas aquilo é só conversa, um fala daqui, outro de lá”, disse Stahr, amenizando o tom. “Interessante, mas nada mais que conversa.”

A essa altura os dois acompanhantes fantasmas mal conseguiam manter Boxley sentado na cadeira. Ele lutava para se levantar; soltou um único rosnado baixo, algo semelhante a uma risada, embora nada divertida, e falou: “Acho que vocês não leem coisa nenhuma. Os homens estão duelando quando acontece a conversa. No final, um deles cai num poço e é resgatado num balde.”

Rosnou de novo e se recolheu.

“O senhor escreveria isso num livro seu, sr. Boxley?”

“Como é? Claro que não.”

“Acha banal demais para um livro.”

“O padrão dos filmes é outro”, respondeu Boxley, esquivando-se.

“O senhor costuma ir ao cinema?”

“Não — quase nunca.”

“Será que é porque nos filmes as pessoas estão sempre duelando e caindo em poços?”

“Sim — e fazendo expressões faciais cansadas em diálogos incrivelmente forçados.”

“Deixe os diálogos de lado um momento”, falou Stahr. “Admito que seus diálogos são mais bem-acabados do que os que esses redatorzinhos são capazes de escrever — por isso o contratamos. Mas vamos imaginar algo que não se resuma nem a diálogos ruins nem a gente pulando em poços. No seu escritório tem uma estufa que acende com fósforo?”

“Acho que sim”, disse Boxley, tenso, “mas nunca uso.”

“Suponha que o senhor está em seu escritório. Passou o dia duelando ou escrevendo e está cansado demais para continuar no combate ou na escrita. Está ali parado, olhar perdido — prostrado, como todos ficamos de vez em quando. Uma bela estenógrafa, em quem já tinha reparado, adentra o recinto e o senhor a observa, ocioso. Ela não o está vendo, embora vocês estejam bem próximos. Tira as luvas, abre a bolsa e espalha o conteúdo sobre a mesa…”

Stahr ficou de pé, largando o chaveiro sobre a escrivaninha.

“Ela tem duas moedas de dez centavos e uma de cinco — mais uma caixa de fósforos. Deixa a moeda de cinco centavos na mesa, põe de volta na bolsa as duas de dez, leva suas luvas pretas até a estufa e, depois de abri-la, coloca as luvas dentro. Com o único fósforo da caixa, ajoelhada junto à estufa, começa a acendê-la. O senhor repara que um vento mais forte sopra da janela — mas seu telefone toca. A moça atende, diz alô — fica escutando — e então responde, deliberadamente: ‘Nunca tive um par de luvas pretas’. Desliga, ajoelha-se novamente junto à estufa e, no momento em que está acendendo o fósforo, o senhor olha em torno e vê que há outro homem no escritório, a observar cada movimento da moça…”

Stahr fez uma pausa. Pegou de volta as chaves e as pôs no bolso.

“Continue”, falou Boxley, sorrindo. “O que acontece?”

“Não sei”, disse Stahr. “Só estava inventando um filme.”

Boxley sentiu que tinha acabado de ser ludibriado.

“Isso não passa de melodrama”, devolveu.

“Não necessariamente”, falou Stahr. “Em todo caso, ninguém cometeu nenhuma violência, nem pronunciou um diálogo banal, nem apareceu com alguma expressão facial. Houve uma única fala ruim, e um escritor como o senhor poderia melhorá-la. Mas a cena lhe interessou.”

“Para que ela ia usar a moeda de cinco?”, quis saber Boxley, evasivo.

“Não sei”, respondeu Stahr. E riu de repente. “Ah, sim… a moeda ela separou pra ir ao cinema.”

Os dois acompanhantes invisíveis pareceram liberar Boxley. Ele relaxou, recostou-se em sua cadeira e riu.

“Por que diabos você paga meu salário?”, perguntou. “Não entendo patavina desse negócio.”

“Vai acabar entendendo”, falou Stahr, sorriso no rosto, “ou não teria perguntado sobre a moeda.”

*

Um homem moreno de olhos esbugalhados esperava do lado de fora do escritório quando saíram.

“Sr. Boxley, este é o sr. Van Dyke”, falou Stahr. “O que me conta, Mike?”

“Nada”, respondeu Mike. “Só dei uma passada pra conferir se você ainda existia.”

“Por que não vai trabalhar?”, devolveu Stahr. “Faz dias que não dou umas risadas no set.”

“Estou com medo de acabar tendo um colapso nervoso.”

“Você precisa manter a forma”, disse Stahr. “Vamos ver do que é capaz.” Voltou-se para Boxley: “Mike é quem cria as *gags* — eu ainda estava nas fraldas e ele já andava por aí. Mostre ao sr. Boxley o truque dos braços abanando, aquele do agarra, chuta e vaza”.

“Aqui?”, perguntou Mike.

“Aqui mesmo.”

“Mas não tem espaço. Queria te perguntar sobre…”

“Tem espaço de monte.”

“Bem”, ele olhou em torno, avaliando. “Você dá o tiro.”

A assistente da srta. Doolan, Katy, apanhou um saco de papel e o encheu de ar.

“Essa é uma rotina”, Mike explicou a Boxley, “dos tempos de Keystone.” Virou-se para Stahr: “Ele sabe o que é uma rotina?”.

“É um número”, Stahr esclareceu. “George Jessel falava da ‘rotina representada por Lincoln em Gettysburg’.”

Katy mantinha a boca do saco cheio de ar próxima à sua própria, pronta para começar. Mike estava de costas para ela.

“Podemos?”, perguntou Katy. Desceu a mão contra a lateral do corpo. Imediatamente ele agarrou o traseiro com ambas as mãos, saltou no ar, deslizando e tirando os pés do chão um após o outro, mas sem sair do lugar, e batendo os braços duas vezes feito um pássaro…

“Braços abanando”, mostrou Stahr.

… então correu para fora do recinto pela porta de tela que o contínuo segurava aberta para ele e desapareceu da vista ao passar pela janela da sacada.

“Sr. Stahr”, disse a srta. Doolan, “o sr. Hanson está na linha, de Nova York.”

Dez minutos depois, desligou o ditafone e a srta. Doolan entrou no escritório. Uma das estrelas do elenco masculino o aguardava no vestíbulo, informou a secretária.

“Diga a ele que deixei o prédio pela sacada”, ele a instruiu.

“Certo. É a quarta vez que aparece esta semana. Parece muito ansioso.”

“Deu alguma pista do que está querendo? Será que não é alguma coisa que o sr. Brady possa resolver?”

“Ele não disse. Está quase na hora da sua reunião. A srta. Meloney e o sr. White já chegaram. O sr. Broaca está aqui ao lado, no escritório do sr. Reinmund.”

“Mande o sr. Roderiguez entrar”, decidiu Stahr. “Diga que não tenho mais do que um minuto pra atendê-lo.”

Stahr permaneceu de pé quando o belo ator entrou.

“Que assunto é esse tão urgente?”, perguntou, simpático.

O ator teve o cuidado de esperar até que a srta. Doolan tivesse se retirado.

“Monroe, estou acabado”, disse ele. “Precisava te ver.”

“Acabado!”, falou Stahr. “Viu a *Variety*? Seu filme continua em cartaz no Roxy e fez trinta e sete mil em Chicago na semana passada.”

“Isso é que é o pior. Essa é que é a tragédia. Consigo tudo que quero e não significa nada.”

“Bem, vamos lá, explique isso.”

“Está tudo terminado com a Esther. Não pode mais haver nada entre nós, nunca mais.”

“Uma briga.”

“Ah, não — pior — não consigo nem falar. Minha cabeça está virada do avesso. Ando por aí feito um louco. Tenho atuado como um sonâmbulo.”

“Não reparei”, disse Stahr. “Você estava ótimo nas filmagens de ontem.”

“Estava? Isso só mostra que as pessoas nunca se apercebem.”

“Está tentando me dizer que você e a Esther estão se separando?”

“Acho que é o que vai acabar acontecendo. Sim — inevitavelmente —, vai acontecer.”

“Que foi que houve?”, quis saber Stahr, impaciente. “Ela entrou sem bater?”

“Ah, não, não tenho outra. O problema é comigo — só comigo. Estou acabado.”

Stahr compreendeu de repente.

“Como sabe que é isso?”

“Faz seis semanas que estou assim.”

“É sua imaginação”, falou Stahr. “Já foi a um médico?”

O ator aquiesceu.

“Tentei de tudo. Cheguei até… um dia, em desespero, cheguei mesmo a ir… ao Claris. Mas não adiantou nada. É o meu fim.”

Stahr teve a tentação travessa de lhe dizer que procurasse Brady. Era ele quem resolvia todas as questões de relações públicas. Ou será que aquilo se encaixava em relações privadas? Desviou o rosto por um momento, recobrou uma expressão controlada, voltou a olhar para o ator.

“Já falei com Pat Brady”, disse o astro, como se adivinhasse seu pensamento. “Ele me deu uma porção de conselhos inócuos, tentei todos, mas nada. Sento diante da Esther na hora do jantar e tenho vergonha de encará-la. Ela tem sido muito generosa quanto ao problema, mas estou envergonhado. Sinto vergonha o dia todo. Acho que *Dia chuvoso* faturou vinte e cinco mil em Des Moines e quebrou todos os recordes em St. Louis, fez vinte e sete mil em Kansas City. As cartas de fãs não param de chegar, e aqui estou eu, com medo de ir pra casa à noite, com medo de ir pra cama.”

Stahr começou a se sentir levemente oprimido. De início, quando o ator entrou no escritório, tinha a intenção de convidá-lo para um coquetel, mas isso parecia fora de questão agora. O que teria o homem a fazer num coquetel com aquilo a atormentá-lo? Visualizou o ator na festa, rondando feito um fantasma de um convidado a outro, um drinque na mão e um faturamento que chegava a vinte e sete mil.

“Por isso te procurei, Monroe. Nunca vi uma situação para a qual você não encontrasse uma saída. Falei pra mim mesmo: mesmo que ele me aconselhe a me matar, vou perguntar ao Monroe.”

A campainha soou na mesa de Stahr — ele ligou o ditafone e ouviu a voz da srta. Doolan.

“Cinco minutos, sr. Stahr.”

“Desculpe”, respondeu Stahr. “Vou precisar de outros cinco.”

“Quinhentas colegiais foram em procissão da escola até minha casa”, contou o ator, pesaroso, “e fiquei lá, atrás das cortinas, observando-as. Não conseguia sair.”

“Senta aí”, falou Stahr. “Vamos conversar com calma o tempo que precisar.”

No vestíbulo, dois dos participantes da reunião já estavam esperando havia dez minutos — Wylie White e Jane Meloney. Ela era uma loira baixinha e muito magra de uns cinquenta anos sobre a qual circulavam cinquenta opiniões diversas em Hollywood — “uma tola sentimental”, “a melhor roteirista de Hollywood”, “uma veterana”, “aquela velha redatorazinha”, “a mulher mais inteligente do pedaço”, “a mais esperta plagiadora do cinema”; além, claro, de outras variadas descrições, como ninfomaníaca, virgem, fácil, lésbica, esposa fiel. Sem ser uma solteirona, passava, como a maioria das mulheres que se fazem por si mesmas, essa impressão. Tinha úlceras estomacais e seu salário ultrapassava os cem mil por ano. Um tratado complexo poderia ser escrito sobre se “valia o preço” ou mais do que isso, ou se não valia era nada. Sua apreciação se baseava em qualidades ordinárias, como os fatos elementares de ser mulher e adaptável, rápida e confiável, ou de “conhecer o jogo” e não ser egocêntrica.

Havia sido grande amiga de Minna e, ao longo dos anos, Stahr conseguira superar em relação a ela algo que chegava ao ponto de uma aguda repulsa física.

Ela e Wylie esperavam em silêncio — comentando alguma coisa, aqui e ali, com a srta. Doolan. A intervalos de poucos minutos, Reinmund, o supervisor, vinha de seu escritório, onde ele e Broaca, o diretor, aguardavam. Passados dez minutos, Stahr chamou, e a srta. Doolan avisou Reinmund e Broaca; ao mesmo tempo, Stahr e o ator saíam do escritório, Stahr levando o outro pelo braço. Este vinha tão nervoso agora que, quando Wylie White lhe perguntou como estava, ele abriu a boca e começou a contar tudo ali mesmo.

"Ah, estou passando por um momento terrível", falou, mas Stahr o interrompeu, ríspido.

"Não, não está. Agora vá e faça seu papel do jeito que falei pra fazer."

"Obrigado, Monroe."

Jane Meloney, quieta, o observou se retirar.

"Alguém andou roubando a cena dele?", perguntou — e a expressão, nesse caso, foi usada literalmente.

"Desculpem por fazê-los esperar", disse Stahr. "Entrem."

*

Já era meio-dia, e os participantes da reunião teriam direito a uma hora, exatamente, do tempo de Stahr. Não menos, pois uma reunião como aquela só podia ser interrompida por algum diretor em apuros com suas filmagens; tampouco muito mais, pois, a cada oito dias, o estúdio tinha de lançar uma produção complicada e cara como *Milagre*, de Reinhardt.

Ocasionalmente, e isso agora era menos frequente do que cinco anos antes, Stahr trabalhava a noite toda num único filme. Mas ficava mal durante dias depois de uma maratona dessas. Se conseguisse passar de um problema a outro, renascia em sua vitalidade a cada alternância. E, por ser uma daquelas pessoas capazes de ir dormir e acordar à hora que bem entendem, mantinha o relógio psicológico programado para períodos de uma hora.

A equipe ali reunida incluía, além dos roteiristas, Reinmund, um dos supervisores mais prestigiados, e John Broaca, diretor do filme.

À primeira vista, Broaca era um técnico de corpo e alma — grande e fleumático, determinado à sua maneira tranquila, simpática. Era um simplório, e Stahr com frequência o flagrava fazendo as mesmas cenas repetidamente — uma dessas, mostrando uma menina rica, aparecia em todos os seus filmes com a mesma ação, ilustrada pela mesma sequência. Um bando de cachorros grandes adentrava a cena pulando ao redor da menina. Depois, ela ia a um estábulo e chicoteava um cavalo nas ancas. A explicação provavelmente não tinha nada de freudiana; mais provável que, num momento insosso de sua juventude, ele tenha

visto, do outro lado de uma cerca, uma bela menina rodeada de cães e cavalos. Aquilo ficou gravado em seu cérebro para sempre como marca registrada de glamour.

Reinmund era um jovem bonito e oportunista com uma formação bastante boa. De início homem de algum caráter, dia a dia ia sendo forçado, por sua posição anômala, a modos escusos de agir e pensar. Era um homem mau agora, como outros. Aos trinta, não tinha nenhuma das virtudes admiráveis ensinadas tanto aos gentios americanos como aos judeus. Mas terminava seus filmes nos prazos e, ao manifestar uma fixação quase homossexual em Stahr, parecia ter amolecido a habitual agressividade do chefe. Stahr gostava dele — considerava-o um bom pau pra toda obra.

Wylie White, claro, seria considerado um intelectual de segunda linha em qualquer outro país. Era civilizado e eloquente, ao mesmo tempo simples e perspicaz, meio confuso e meio antipático. Seu ciúme de Stahr se mostrava apenas em vislumbres que lhe escapavam ao controle, misturado à admiração e mesmo ao afeto.

“A produção deve se iniciar em duas semanas a partir de sábado”, falou Stahr. “Acho que, no geral, está tudo certo — melhorou muito.”

Reinmund e os dois roteiristas trocaram olhares congratulatórios.

“Exceto por uma coisa”, continuou Stahr, pensativo. “Não vejo nenhuma razão pra esse filme entrar em produção, e decidi deixá-lo de lado.”

Houve um momento de silêncio e perplexidade — e, em seguida, murmúrios de protesto, inquirições ofendidas.

“Não é culpa de vocês”, disse Stahr. “Pensei que tínhamos algo nas mãos, mas era outra coisa — só isso.” Hesitou, olhando pesaroso para Reinmund: “É uma pena — a peça é boa. Pagamos cinquenta mil por ela”.

“Qual é o problema com o roteiro, Monroe?”, cortou Broaca.

“Bem, é que não parece que valha muito a pena levá-lo adiante”, respondeu Stahr.

Tanto Reinmund como Wylie White pensavam nas consequências profissionais de tal decisão. Reinmund estava assinando dois filmes naquele ano — mas Wylie White precisava botar o nome em algum, se queria começar a voltar à cena. Jane Meloney observava, atenta, com pequenos olhos de caveira, os movimentos de Stahr.

“Não dá pra você nos dar uma pista?”, perguntou Reinmund. “Essa decisão é uma tremenda invertida, Monroe.”

“Simplesmente não colocaria Margaret Sullavan num filme desses”, falou Stahr. “Ou Colman, tampouco. Não diria aos dois pra atuarem nele…”

“Especificamente, Monroe”, apelou Wylie White. “Do que é que você não

gostou? Das cenas? Dos diálogos? Do humor? Da estrutura?”

Stahr apanhou o roteiro de cima da mesa, abandonando-o, por assim dizer, fisicamente de volta, como se fosse pesado demais.

“Não gosto das pessoas nele”, disse. “Não gostaria de encontrá-las — se soubesse que elas estariam em determinado lugar, iria pra outro.”

Reinmund sorriu, mas seus olhos deixavam transparecer preocupação.

“Bem, isso é uma crítica e tanto”, observou. “Achei os personagens bem interessantes.”

“Eu também”, concordou Broaca. “Achei a Em uma personagem muito simpática.”

“Achou, é?”, devolveu Stahr, brusco. “Ela mal conseguiu me convencer de que estava viva. E, quando cheguei ao final, falei pra mim mesmo: ‘E daí?’.”

“Deve haver alguma coisa que possamos fazer”, falou Reinmund. “Naturalmente ficamos mal com a situação. Era essa a estrutura que concordamos que o filme teria…”

“Mas o problema não é o enredo”, disse Stahr. “Já te falei muitas vezes que a primeira coisa que decido é que *tipo* de história eu quero. Podemos mudar qualquer coisa, mas, uma vez decidido, devemos trabalhar de acordo em cada fala e em cada movimento. Esse não é o tipo de história que eu quero. A que compramos tinha brilho e graça — era uma história feliz. O roteiro é cheio de dúvida e hesitação. O herói e a heroína deixam de se amar por motivos banais — aí voltam a se amar por banalidades semelhantes. Depois da primeira sequência, a gente não está mais ligando se ela nunca mais voltar a vê-lo ou ele, a ela.”

“A culpa é minha”, falou Wylie, súbito. “Sabe, Monroe, não acho que as estenógrafas mantenham a mesma admiração patética por seus chefes que tinham em 1929. Elas foram demitidas — conheceram a inconstância de seus patrões. O mundo muda, só isso.”

Stahr olhou para ele com impaciência, aquiescendo de leve.

“Isso não está em discussão”, respondeu. “O pressuposto da história é que essa moça tinha, sim, pelo chefe dela uma admiração patética, se é assim que você quer chamar. E não havia nenhuma indicação de que ele tivesse sido inconstante. Se a gente a faz duvidar dele, de qualquer forma, é um tipo diferente de história. Ou melhor, não tem história nenhuma. Essas pessoas são do tipo extrovertido — entenda de uma vez — e quero que esbanjem extroversão. Quando quiser filmar uma peça do Eugene O’Neill, eu compro uma.”

Jane Meloney, que em momento algum tirara os olhos de Stahr, soube que as coisas ficariam bem agora. Se ele fosse realmente abandonar o filme, não teria feito aqueles comentários. Ela estava no negócio havia mais tempo do que qualquer um ali, exceto Broaca, com quem tivera um caso de três dias vinte anos

antes.

Stahr virou-se para Reinmund.

“Pelo elenco você deveria ter entendido, Reiny, o tipo de filme que eu queria. Comecei por marcar as falas que não podiam ser de Corliss e McKelway e fui me cansando. Lembre disso no futuro — se mando buscar uma limusine, quero esse tipo de carro. E o carro de corrida mais rápido que você já viu não me serve. E então” — ele olhou ao redor — “continuamos? Agora que eu já disse a vocês que não gosto nem mesmo do tipo de filme que temos aqui? Seguimos em frente? Temos duas semanas. Depois disso, coloco Corliss e McKelway nesse filme ou em alguma outra coisa — vale a tentativa?”

“Bem, naturalmente”, falou Reinmund, “acho que vale. Eu me sinto mal pela situação. Devia ter alertado o Wylie. Pensei que ele tinha umas boas ideias.”

“Monroe tem razão”, disse Broaca, seco. “Senti o tempo inteiro que a coisa estava errada, mas não podia botar a mão.”

Wylie e Rose o miraram com ódio e trocaram olhares.

“Vocês, roteiristas, acham que conseguem se animar e retomar esse negócio?”, quis saber Stahr, num tom que não chegou a ser indelicado. “Ou devo tentar alguém novo?”

“Eu gostaria de mais uma chance”, disse Wylie.

“E você, Jane?”

Ela concordou, breve.

“O que você acha da moça?”, perguntou Stahr.

“Bem… obviamente sou suspeita, e em favor dela.”

“Melhor esquecer isso”, avisou Stahr. “Dez milhões de americanos reprovariam aquela garota se ela chegasse às telas. Temos uma hora e vinte e cinco minutos de projeção — se a menina aparece sendo infiel a um homem durante um terço desse tempo, a impressão é de que ela é um terço prostituta.”

“E isso é muito?”, respondeu Jane, matreira, e todos riram.

“Pra mim é”, disse Stahr, pensativo, “mesmo que não seja para o pessoal da censura. Se o que você quer é lhe aplicar às costas uma letra escarlate, tudo bem, mas essa é outra história. Não esta história aqui. A moça é uma futura esposa e mãe. Porém… *porém*…”

Ele apontou para Wylie White com o lápis.

“… até aquele Oscar em cima da minha mesa é mais passional.”

“Qual é!”, retrucou Wylie. “A moça é toda paixão. Tanto que…”

“Ela até que é bastante saidinha”, disse Stahr, “mas não passa disso. Tem uma cena na peça que é melhor do que toda esta coisa aqui, e você a deixou de fora. É quando a moça, tentando fazer passar o tempo, adianta o relógio.”

“Não encaixava no roteiro”, desculpou-se Wylie.

“Pois”, falou Stahr, “tenho umas cinquenta ideias. Vou chamar a srta. Doolan”, ele pressionou um botão, “e, se vocês não entenderem alguma coisa do que vou dizer, avisem…”

A srta. Doolan assumiu seu posto quase imperceptivelmente. Em passos lépidos de um lado ao outro do assoalho, Stahr começou. A primeira coisa que queria fazer era lhes dizer que tipo de moça ela era — qual era o tipo de garota que ele aprovava ali. Era uma mocinha perfeita com alguns pequenos defeitos, como na peça, mas uma garota perfeita não porque o público a quisesse desse jeito, e sim porque era o tipo de garota que ele, Stahr, gostava de ver nesse tipo de história. Estava claro? Não era pra ser uma personagem, propriamente. Ela se destacaria pela saúde, pela vitalidade, pela ambição e pelo amor. Todo o diferencial da peça estava na situação em que ela se encontrava. Passava a possuir um segredo capaz de afetar um grande número de vidas. Havia a coisa certa a fazer e a coisa errada — de início, não ficava claro qual era qual, mas então, quando isso se esclarecia, ela ia lá e fazia. Era esse o tipo de história naquele caso — econômica, enxuta e luminosa. Sem deixar margem a dúvidas.

“Ela nunca ouviu falar de questões trabalhistas”, ele disse, soltando um suspiro. “Mesmo que esteja vivendo em plena crise de 1929. Está claro o tipo de garota que eu quero?”

“Muito claro, Monroe.”

“Agora falemos das coisas que ela faz”, continuou Stahr. “O tempo inteiro e a qualquer momento em que ela estiver na tela, à nossa frente, vai estar querendo dormir com Ken Willard. Está claro, Wylie?”

“Passionalmente claro.”

“O que quer que ela faça, será visando ir pra cama com Ken Willard. Se estiver caminhando pela rua, é pra ir dormir com Ken Willard; se estiver comendo, é pra estar mais disposta na hora de dormir com Ken Willard. *Mas* em momento algum passamos a impressão de que ela sequer considera ir pra cama com Ken Willard, a menos que a união dos dois tenha sido adequadamente sacramentada. Fico constrangido por ter de explicar a vocês essas questões tão elementares, mas elas, por alguma razão, escaparam à história.”

Abriu o roteiro e passou a examiná-lo página por página. As anotações da srta. Doolan seriam datilografadas em cinco cópias e entregues a todos, mas Jane Meloney tomava as próprias notas. Broaca levou a mão aos olhos meio fechados — ele ainda se lembrava do tempo em que “um diretor significava alguma coisa por aqui”, quando os roteiristas eram o pessoal das *gags*, ou então jovens repórteres, ávidos e encabulados, mamados de uísque — o diretor era a figura principal na época. Nada de supervisor — nada de Stahr.

Começou a despertar ao ouvir seu nome.

“Seria ótimo, John, se você pudesse colocar o rapaz sobre um telhado saliente e o fizesse caminhar por ali com a câmera nele. Talvez consiga um efeito interessante — não de perigo, não de suspense, nada que aponte pra algo significativo —, só um rapaz em cima do telhado de manhã.”

Broaca voltou a si e à sala.

“Certo”, concordou, “… um toque de perigo, apenas.”

“Não exatamente”, respondeu Stahr. “Não é que ele vá cair do telhado. Corta dali pra próxima cena.”

“Pela janela”, sugeriu Jane Meloney. “Ele podia entrar pela janela do quarto da irmã.”

“É uma boa passagem”, concordou Stahr. “Direto pra cena do diário.”

Broaca estava bem desperto agora.

“Vou apontar a câmera pra ele”, falou. “Deixá-lo se afastar da câmera. Uma tomada fixa a partir de uma boa distância — e deixá-lo ir se afastando. Não sigo atrás. Começo com uma tomada próxima e de novo o deixo ir. Sem dar destaque ao rapaz, exceto no contraste com o resto do telhado e o céu.” Gostou da sequência — era o tipo de cena de diretor que não se via mais em nenhuma página de roteiro. Pensou em recorrer a uma grua — era mais barato do que construir, no chão, um telhado com um céu artificial. Aquilo era bem do feitio de Stahr — o céu, literalmente, era o limite. Fazia tempo demais que trabalhava com judeus para ainda acreditar na lenda de que eram sovinas.

“Na terceira sequência ele acerta o padre”, disse Stahr.

“O quê?”, berrou Wylie. “E ter os católicos pegando no nosso pé?”

“Falei com Joe Breen. Houve casos de padres agredidos. Não vai pegar mal com eles.”

Seguia adiante, em tom calmo — e de repente parou, no momento em que a srta. Doolan deu uma olhada para o relógio.

“É muita coisa pra vocês aprontarem até segunda?”, quis saber de Wylie.

Wylie olhou para Jane, que olhou de volta, mas nem se deu ao trabalho de consentir. Wylie percebeu que o fim de semana ia por água abaixo, mas era um homem diferente daquele que adentrara o escritório. Quando se está ganhando mil e quinhentos por semana, trabalho extra não é alguma coisa que se estranhe, ainda mais quando seu filme está ameaçado. Como escritor freelancer, Wylie fracassara por falta de dedicação, mas agora havia alguém a quem se dedicar, e logo quem, Stahr. A sensação não passaria ao deixar o escritório — nem enquanto estivesse por ali, no estúdio. Sentia um grande senso de propósito. Aquela mistura, pouco tempo antes enunciada por Stahr, de sensatez, sensibilidade prudente, engenhosidade afetada e uma certa concepção meio ingênua do vergão infligido coletivamente o inspirava a fazer sua parte, a

contribuir com seu tijolo, ainda que tal esforço estivesse condenado de saída, que o resultado fosse se revelar tão sem graça quanto uma pirâmide.

Pela janela, Jane Meloney observava o fio d'água que descia até o refeitório. Almoçaria em seu escritório e, enquanto estivesse esperando a comida chegar, tricotaria algumas carreiras. O homem viria à uma e quinze trazendo o perfume francês contrabandeado pela fronteira mexicana. Não cometia nenhum pecado — era como violar a Lei Seca.

Broaca ficou vendo Reinmund bajular Stahr. Sentia que Reinmund estava ganhando espaço. Seu salário era de setecentos e cinquenta por semana para exercer autoridade parcial sobre diretores, roteiristas e astros que recebiam muito mais. Usava um par de sapatos ingleses baratos que havia comprado perto de Beverley Wilshire, e que Broaca esperava que estivessem lhe apertando os pés, mas logo estaria mandando buscar uns pares na Peel's e abandonaria seu chapéu tirolês enfeitado com uma pena. Tinha feito bonito na guerra, porém nunca mais se sentiu em paz consigo mesmo desde o tapa de mão espalmada que levou de Ike Franklin.

A sala estava enfumaçada e, detrás da fumaça, detrás de sua mesa, Stahr se recolhia cada vez mais, ainda cortês, um ouvido dedicado a Reinmund, o outro à srta. Doolan. A reunião tinha acabado.

*

[*Stahr deveria receber, em seguida, o príncipe Agge, da Dinamarca, o qual "queria aprender do começo sobre cinema" e aparece na lista de personagens do autor descrito como "um pioneiro fascista"*.]

"O sr. Marcus está ligando de Nova York", disse a srta. Doolan.

"Como assim?", perguntou Stahr. "Pois eu o vi aqui ontem à noite."

"Bem, ele está na linha — é uma ligação de Nova York e a voz é da srta. Jacobs. É do escritório dele."

Stahr soltou uma risada.

"Vou encontrar com ele no almoço", falou. "Não existe um avião tão rápido que seja capaz de trazê-lo a tempo."

A srta. Doolan voltou ao telefone. Stahr esperou para ver o que ela diria.

"Está certo", logo veio dizer a srta. Doolan. "Foi um engano. O sr. Marcus ligou para a Costa Leste, pela manhã, contando sobre o terremoto e a inundação no terreno dos fundos, e parece que disse ao pessoal lá que perguntasse a você. Era uma secretária nova que não entendeu o sr. Marcus. Acho que ela se confundiu."

"Acho que sim", disse Stahr, taciturno.

O príncipe Agge não entendeu nenhum dos dois, mas, querendo encontrar algo de fabuloso, interpretou aquilo como algo triunfantemente americano. O sr.

Marcus, cujas salas ficavam logo ali, no corredor, havia telefonado para o escritório de Nova York a fim de perguntar a Stahr sobre a inundação. O príncipe ficou fantasiando algum tipo de intricada relação, sem se dar conta de que aquela confusão se desenrolara inteiramente no outrora brilhante e afiado cérebro do sr. Marcus, que cada vez mais amiúde vinha falhando.

"Acho que devia ser uma secretária recém-contratada mesmo", repetiu Stahr. "Alguma outra mensagem?"

"O sr. Robinson ligou", informou a srta. Doolan, já se encaminhando para o refeitório. "Disse que uma das mulheres falou o nome, mas ele esqueceu — acha que era Smith ou Brown ou Jones."

"Grande ajuda."

"E lembra de ela ter dito que acabou de se mudar pra Los Angeles."

"Lembro que ela usava um cinto prateado", falou Stahr, "com estrelas recortadas."

"Ainda estou tentando descobrir mais notícias sobre Pete Zavras. Falei com a esposa dele."

"O que ela disse?"

"Ah, que eles passaram por coisas terríveis — perderam a casa, ela doente…"

"E o problema de vista?"

"Ela parecia não saber nada a respeito do problema dele. Nem fazia ideia de que está ficando cego."

"Estranho."

Pensou no assunto a caminho do almoço, mas era um negócio tão confuso quanto o problema do ator que o procurara naquela manhã. Os problemas de saúde das pessoas não pareciam ser da sua alçada — não se preocupava nem com os seus próprios. Na alameda próxima ao refeitório, esperou passar um caminhão que, carregado de meninas em figurinos brilhantes da época da Regência, vinha do terreno dos fundos. Trajes ao vento, os jovens rostos maquiados o encaravam, curiosos, e ele, enquanto passavam, respondeu com um sorriso.

Onze homens e seu convidado, o príncipe Agge, se sentaram à mesa do salão privativo do refeitório do estúdio para almoçar. Eram os homens do dinheiro — os mandachuvas; a menos que tivessem um convidado, comiam num silêncio entremeado, por vezes, de perguntas sobre as esposas e os filhos uns dos outros, ou, absortos na superfície de suas consciências por alguma questão, comentavam-na. Oito a cada dez deles eram judeus — cinco em dez, estrangeiros, incluindo um grego e um inglês; e se conheciam todos fazia muito tempo: havia uma hierarquia no grupo, do velho Marcus ao velho Leanbaum,

que era quem tinha comprado o lote de ações mais privilegiado do negócio e jamais ganhava permissão de ultrapassar um milhão por ano com seus filmes.

O velho Marcus ainda se mantinha capaz de, com inquietante desenvoltura, desempenhar suas funções. Um instinto que parecia nunca atrofiar o alertava do perigo, de complôs contra ele — quando os demais o consideravam acuado é que se tornava, ele próprio, mais perigoso. Seu rosto pálido havia adquirido tal imobilidade que, mesmo aqueles acostumados a observar-lhe o reflexo do canto interno do olho, deixaram de poder vê-lo. A natureza colocara ali, para encobrir, suíças brancas; a armadura estava completa.

Enquanto Marcus era o mais velho, Stahr era o mais novo do grupo — àquela altura a discrepância de idades não era tanta, embora ele tivesse começado a se sentar entre aqueles senhores sendo ainda um menino prodígio de vinte e dois anos. Na época, mais do que agora, um homem do dinheiro entre iguais. Naquele tempo, era capaz de calcular custos com uma velocidade e uma precisão que os deixavam tontos — pois não eram mágicos, tampouco especialistas nisso, apesar do imaginário popular sobre judeus e finanças. A maioria ali devia o sucesso obtido a qualidades diferentes e incompatíveis. Mas, num grupo, uma tradição acaba prevalecendo sobre os menos adaptados, e eles ficavam satisfeitos de olhar para Stahr e nele ver sublimado seu desejo de controle financeiro, experimentando uma espécie de alegria, como se o feito fosse deles mesmos, a exemplo do que sentem torcedores de futebol.

Stahr, em sua configuração atual, distanciara-se desse dom em particular, embora a habilidade não o tivesse abandonado.

O príncipe Agge se acomodou entre Stahr e Mort Fleishacker, o advogado do estúdio, e de frente para Joe Popolos, dono da sala de projeções. Era vagamente avesso a judeus de forma geral, um mal do qual estava tentando se curar. Homem turbulento quando servia na Legião Estrangeira, achava que os judeus prezavam por demais salvar a própria pele. Mas se dispunha a acreditar que talvez fossem diferentes na América, em circunstâncias outras, e certamente tinha Stahr na conta de um homem e tanto em todos os sentidos. Quanto ao resto — para ele, homens de negócios, em sua maioria, eram de uma chatice feroz —, sempre se voltava, em busca de referencial, ao sangue azul que corria em suas veias.

Meu pai — vou chamá-lo de sr. Brady, como o príncipe Agge, ao me contar sobre esse almoço — estava preocupado com um filme e Leanbaum, tendo deixado o encontro mais cedo, aproximou-se para ocupar a cadeira em frente.

“E quanto à ideia daquela produção na América do Sul, Monroe?”, perguntou.

O príncipe Agge notou um lampejo de atenção na direção deles, perceptível

a ponto de parecer que uma dúzia de pares de cílios ressoava feito morcegos batendo asas. E de novo silêncio.

“Estamos tocando”, falou Stahr.

“Com o mesmo orçamento?”, quis saber Brady.

Stahr aquiesceu.

“É desproporcional”, disse Brady. “Não vai haver nenhum milagre em tempos difíceis como estes — nenhum *Anjos do inferno* ou *Ben Hur*, em que dá pra gastar a fundo perdido e depois recuperar.”

O ataque fora planejado, provavelmente, pois Popolos, o grego, entrou no assunto com uma conversa meio enrolada.

“Não é fácil de adotar, Monroe, a ideia que a gente quer adotar nesta época que mudou. O que podia fazer quando a gente tinha negócio de prosperidade é difícil pensar agora.”

“O que você acha disso, Marcus?”

Todos os olhares seguiram o de Stahr na direção da cabeceira da mesa, mas, como se estivesse de sobreaviso, o sr. Marcus já havia feito sinal a seu garçom particular, atrás dele, de que gostaria de se levantar, e naquele exato momento era erguido pelo rapaz. Olhou para eles parecendo de tal forma impotente que era difícil imaginar que de vez em quando saía para dançar em noitadas com sua namorada canadense.

“Monroe é nosso gênio em matéria de produção”, disse. “Conto com Monroe e confio totalmente nele. Nem cheguei a ver a inundação eu mesmo.”

Houve um momento de silêncio enquanto o velho se retirava.

“Não se consegue um faturamento de dois milhões de dólares neste país, hoje em dia”, falou Brady.

“Não consegue”, concordou Popolos. “Nem pegando pessoal à força e botando lá, não consegue.”

“Provavelmente não”, concedeu Stahr. Fez uma pausa, como que para se certificar de que todos o ouviam. “Acho que podemos contar com um milhão, duzentos e cinquenta mil nas projeções itinerantes. Talvez um milhão e meio, no total. E mais uns duzentos e cinquenta mil no exterior.”

Outro momento de silêncio — desta vez um silêncio perplexo, um pouco confuso. Por sobre o ombro, Stahr pediu ao garçom que contatasse seu escritório pelo telefone.

“Mas e o seu orçamento?”, questionou Fleishacker. “Seu orçamento é de setecentos e cinquenta mil, pelo que sei. E suas previsões não passam disso, não há lucro.”

“Não sou eu quem está prevendo aqueles números”, respondeu Stahr. “Não temos garantia de mais do que um milhão e meio.”

O recinto estava em suspenso a ponto de o príncipe Agge conseguir perceber, a meio caminho do chão, o monte de cinzas que caía de um charuto. Fleishacker, o rosto congelado de espanto, começou a falar, mas um telefone foi entregue a Stahr por cima de seu ombro.

"Do seu escritório, sr. Stahr."

"Ah, sim — ah, olá, srta. Doolan. Descobri tudo sobre o Zavras. É um daqueles boatos nojentos — aposto um braço… Ah, você conseguiu. Bom… bom. Faça o seguinte: mande-o ir hoje à tarde ao meu oculista — dr. John Kennedy — e diga pra trazer um atestado e tire uma cópia — entendido?"

Desligou — e, com um quê de passional, se voltou à mesa como um todo.

"Algum de vocês chegou a ouvir uma história de que Pete Zavras estava perdendo a visão?"

Um ou outro aquiesceu. Mas a maioria dos presentes ainda estava à espera, respiração suspensa, para saber se Stahr havia se confundido com seus números um minuto antes.

"Pura bobagem. Ele diz que nunca foi a um oculista — e nunca soube por que os estúdios se voltaram contra ele", continuou Stahr. "Alguém não gostava dele ou falou demais, e Zavras está sem trabalho há mais de um ano."

Ouviu-se um murmúrio convencional de solidariedade. Stahr assinou o cheque e fez menção de se levantar.

"Desculpe, Monroe", insistiu Fleishacker, observado por Brady e Popolos. "Sou mais ou menos novo por aqui, e talvez não esteja conseguindo compreender coisas implícitas e explícitas." Falava rápido, mas as veias em sua testa saltavam de orgulho com a grandiloquência de seu estilo acadêmico. "Entendi direito? Você disse que espera faturar duzentos e cinquenta mil a menos do que é seu orçamento?"

"É um filme de qualidade", respondeu Stahr, fingindo inocência.

Todos começavam a entender agora, mas ainda sentiam que havia algum truque ali. Stahr pensava, certamente, que o filme faturaria. Ninguém em seu juízo…

"Nos últimos dois anos, não nos arriscamos", disse ele. "Está na hora de fazermos um filme que dê algum prejuízo. Perder esse dinheiro de bom grado — isso vai nos trazer público novo."

Alguns ainda estavam pensando que Stahr lançaria algum prognóstico, e favorável, mas ele não deixou dúvidas.

"O filme vai dar prejuízo", disse, levantando-se, a mandíbula levemente pronunciada e os olhos brilhantes e sorridentes. "Seria um milagre maior ainda do que *Anjos do inferno* se as cifras empatassem. Mas temos um certo compromisso com o público, conforme tem dito Pat Brady nos jantares da

Academia. É bom para a sequência das produções que a gente lance um filme deficitário.”

Cumprimentou com um movimento de cabeça o príncipe Agge, o qual, enquanto respondia com uma rápida mesura, tentou captar, numa última olhada, o efeito geral do que Stahr tinha acabado de dizer, mas não foi capaz de perceber nada. Os olhares de todos não eram tanto de abatimento, mas fixos num ponto indefinido à distância, logo acima da linha da mesa, as pálpebras piscando ligeiras, e não se ouvia um só cochicho no recinto.

*

Ao saírem do salão privativo, eles atravessaram um canto do refeitório propriamente dito. O príncipe Agge observava tudo com avidez. O ambiente estava animado com personagens do Primeiro Império, ciganos, cidadãos e soldados de suíças paramentados com casacas enfeitadas. Olhando-se de uma pequena distância, eram homens de um século antes, tal como viviam então, e Agge se perguntou que aparência teriam ele e os homens de seu tempo em alguma futura produção de época.

Foi então que avistou Abraham Lincoln, e o que sentia mudou totalmente. Crescera ainda na alvorada do socialismo escandinavo, quando a biografia do presidente americano escrita por Nicolay era muito lida. Tinham-lhe dito que Lincoln era um grande homem que devia ser admirado, e ele, ao contrário, passou a odiá-lo, porque tentavam forçar aquela admiração. Mas agora, vendo-o ali sentado, pernas cruzadas, o rosto amistoso concentrado num jantar de quarenta centavos, sobremesa incluída, envolto em seu xale, como se precisasse se proteger do errático sistema de ventilação — agora o príncipe Agge, enfim em visita à América, tinha a visão do turista que observa a múmia de Lênin no Kremlin. Aquele, então, era Lincoln. Stahr deixara o visitante para trás e se voltava para esperá-lo — mas Agge continuava a olhar.

Aquele, então, ele pensou, era o destino de todos eles.

Lincoln de repente levou um pedaço triangular de torta à boca, engolindo-o, e o príncipe Agge, um pouco assustado, correu para junto de Stahr.

“Espero que a visita esteja sendo como o senhor queria”, disse Stahr, sentindo que o negligenciara. “Vamos ter filmagens dentro de meia hora, e então o senhor poderá ir a quantos sets desejar.”

“Prefiro ter a sua companhia”, falou o príncipe Agge.

“Vou ver se há mensagens para mim”, respondeu Stahr. “Então seguimos juntos.”

O cônsul do Japão o procurava a respeito do lançamento de uma história de espionagem que talvez ferisse suscetibilidades nacionais em seu país. Havia ligações e telegramas. E Robby com mais alguma informação.

“Agora ele lembrou do nome da moça. Tem certeza de que era Smith”, disse a srta. Doolan. “Perguntou se ela queria entrar pra pegar uns sapatos secos e a garota respondeu que não — de modo que não pode nos processar.”

“Pois agora ele lembrou de ‘tudo’, que porcaria — ‘Smith’. Grande ajuda.” Stahr refletiu por um momento: “Peça à companhia telefônica uma lista dos Smiths que solicitaram novas linhas no último mês. Ligue pra todos eles”.

“Certo.”

4

“Como vai, Monroe?”, disse Red Ridingwood. “Fico feliz que tenha vindo.”

Stahr passou por ele, atravessando o estúdio na direção de um cenário que reproduzia uma sala esplêndida, a ser usada nas filmagens do dia seguinte. O diretor Ridingwood o seguiu e, passado um momento, deu-se conta de que, por mais que andasse ligeiro, Stahr sempre conseguia estar um ou dois passos à frente. Reconheceu aquilo como sinal de descontentamento — ele próprio já usara o mesmo recurso. Tivera um estúdio próprio, algum dia, e ele mesmo havia recorrido àquela encenação toda. Nada do que Stahr pudesse fazer o surpreenderia. Sua tarefa era resolver situações, e Stahr não podia, no fim das contas, passar por cima dele em seu próprio território. Goldwyn certa vez tentara desautorizá-lo, e Ridingwood o induzira a tentar representar um número na frente de cinquenta pessoas — o resultado foi o que esperava: teve sua autoridade restabelecida.

Stahr chegou ao esplêndido cenário e parou.

“Não está bom”, disse Ridingwood. “Falta imaginação. Pouco me importa como vai ser a iluminação…”

“Por que você me chamou pra ver isso?”, perguntou Stahr, parado ao lado do diretor. “Por que não resolveu com o Art?”

“Não pedi que você descesse aqui, Monroe.”

“Você pretendia ser seu próprio supervisor.”

“Desculpe, Monroe”, continuou Ridingwood, paciente, “mas não pedi que você descesse aqui.”

Stahr virou as costas, repentinamente, e caminhou de volta até onde estavam as câmeras. O olhar e a boca aberta de um grupo de visitantes por um momento se desviaram da heroína do filme, seguiram Stahr e, por fim, novamente se voltaram, absortos, à atriz. Eram Cavaleiros de Colombo. Já tinham visto seu anfitrião carregado em procissão, mas aquilo era ter seu sonho transformado em realidade.

Stahr parou junto à cadeira dela. Usava um vestido decotado que deixava ver as marcas claras de uma irritação cutânea no peito e nas costas. Antes do início de cada cena, os locais afetados eram cobertos com um creme, imediatamente removido ao final da filmagem. O cabelo tinha a cor e a viscosidade de sangue coagulado, mas a luz de uma estrela podia, de fato, ser

flagrada em seus olhos.

Antes que pudesse abrir a boca, Stahr ouviu às suas costas uma voz solícita: “Ela está radiante. Absolutamente radiante.”

Era um diretor-assistente, e a intenção havia sido a de um delicado elogio. À atriz, para que não tivesse nem o trabalho de se mover, evitando retesar a pele maltratada. A Stahr, por tê-la contratado. E, por extensão, a Ridingwood.

“Tudo certo?”, perguntou Stahr, simpático.

“Ah, tudo bem”, assentiu ela, “não fossem esses p… da imprensa.”

Ele piscou para ela, suave.

“Não vamos deixar que eles cheguem perto de você”, disse.

O nome da moça, naquele momento, havia se tornado sinônimo de “vadia”. Ela, ao que se podia presumir, criara para si a imagem de uma daquelas rainhas que, nos quadrinhos de Tarzan, misteriosamente governam uma nação negra. Tratava o resto do mundo como se fossem os negros. Era um mal necessário, trazida para um único filme.

Ridingwood caminhou junto com Stahr até a porta de saída do estúdio.

“Está tudo bem”, garantiu o diretor. “Ela está numa boa, na medida do possível.”

Ninguém podia escutá-los ali, e Stahr parou de repente, fulminando Red com o olhar.

“O que você anda filmando é um lixo”, disse Stahr. “Sabe o que ela parece fazendo essas cenas? Uma canastrona.”

“Estou tentando tirar dela o seu melhor…”

“Me acompanhe”, falou Stahr, abrupto.

“Acompanhar? Digo ao pessoal pra fazermos uma pausa?”

“Deixe tudo aí como está”, disse Stahr, empurrando a porta com forração que dava para o lado de fora do estúdio.

Carro e motorista o aguardavam ali. Minutos eram coisa preciosa, na maioria dos dias.

“Suba”, disse Stahr.

Red percebia agora que era sério. Entendeu na mesma hora até do que se tratava. A moça o mantinha sob seu domínio desde o primeiro dia, com frieza e sem papas na língua. Ele era do tipo paz e amor, e sem reclamar permitira que ela fizesse um trabalho medíocre.

Stahr adivinhou seus pensamentos.

“Você não consegue controlá-la”, disse. “Falei pra você o que eu queria. Queria uma mulher *má* — e ela ficou entediante no filme. Receio que tenhamos de parar por aqui, Red.”

“Com o filme?”

“Não. Vou colocar o Harley pra dirigir.”

“Tá certo, Monroe.”

“Desculpe, Red. Tentamos alguma outra coisa uma outra hora.”

O carro encostou em frente ao escritório de Stahr.

“Termino aquela cena?”, quis saber Red.

“Já está sendo terminada”, respondeu Stahr, taciturno. “O Harley ficou lá.”

“Como é que…”

“Ele entrou enquanto saíamos. Pedi que lesse o roteiro na noite passada.”

“Veja bem, Monroe…”

“Estou bem ocupado hoje, Red”, falou Stahr, seco. “Faz três dias que você desistiu de vez.”

Aquilo era uma confusão lastimável, pensou Ridingwood. Ele saía perdendo um pouco, bem pouco — provavelmente não poderia desposar uma terceira mulher agora, como havia planejado. Nem mesmo a satisfação de uma encrenca ele teria — quando alguém se desentendia com Stahr, não saía por aí alardeando isso. Stahr era o maior cliente que havia naquele seu mundo, e sempre — quase sempre — tinha razão.

“E o meu paletó?”, lembrou, de repente. “Deixei em cima de uma cadeira no estúdio.”

“Eu sei”, respondeu Stahr. “Aqui está ele.”

Fazia tanto esforço para ser generoso com o lapso de Ridingwood que tinha esquecido que levava o paletó na mão.

*

A “Sala de Projeção do sr. Stahr” era uma sala de cinema em miniatura com quatro fileiras de poltronas superestofadas. Em frente à primeira fileira, havia mesas compridas equipadas com luminárias de luz suave, campainhas e telefones. Encostado à parede, ficava um piano de armário, esquecido ali desde os primórdios do cinema falado. A sala tinha sido decorada, e as poltronas, recauchutadas havia apenas um ano, mas, pelo uso intensivo, os estragos já voltavam a aparecer.

Era onde Stahr se sentava às duas e meia, e novamente às seis e meia, para assistir ao que tivesse sido rodado no dia. Geralmente a ocasião era de uma tensão atroz — o que veria ali eram *faits accomplis* — o resultado final de meses de aquisições, planejamento, escrita e reescrita, escolha de elenco, construção de cenários e iluminação, ensaios e filmagens — fruto de *insights* brilhantes ou de deliberações desesperadas, de letargia, conspiração e suor. Nesse ponto, a tortuosa manobra era encenada, e em suspensão — chegavam relatos da frente de batalha.

Além de Stahr, assistiam às projeções representantes de todos os

departamentos técnicos, e ainda os supervisores e diretores de produção dos filmes em avaliação. Os diretores não compareciam — oficialmente, porque seu trabalho estava terminado; na verdade, porque o que tivesse de ser discutido ali diria respeito a dinheiro. Com o tempo, desenvolveu-se a percepção delicada de uma necessária distância.

O pessoal já estava reunido. Stahr chegou e rapidamente ocupou seu lugar, enquanto o murmúrio das conversas foi sumindo. Recostou-se e recolheu o joelho magro para junto de si na poltrona, e as luzes da sala se apagaram. Um fósforo foi riscado na fileira do fundo — e silêncio.

Na tela, uma tropa de soldados franco-canadenses conduzia suas canoas corredeira acima. A cena fora filmada no tanque de um dos estúdios e, ao final de cada tomada, quando se podia ouvir a voz do diretor dizendo "Corta!", os atores em cena relaxavam, limpando o suor da testa e às vezes soltando risadas hilariantes — e a água do tanque parava de correr e a ilusão cessava. À parte ter escolhido qual das sequências preferia e dito que era "um bom recurso", Stahr não fez comentários.

A cena seguinte, ainda nas corredeiras, envolvia um diálogo entre a garota canadense (Claudette Colbert) e o *courrier du bois* (Ronald Colman), ela se dirigindo a ele de uma canoa. Transcorridos alguns metros de rolo, Stahr subitamente falou.

"O tanque foi desmontado?"

"Sim, senhor."

"Monroe… é que precisavam dele para…"

Stahr cortou a conversa, peremptório.

"Montem de novo agora mesmo. Vamos fazer novamente aquela segunda tomada."

As luzes se acenderam por um momento. Um dos diretores de produção saiu de sua poltrona e se postou à frente de Stahr.

"Uma cena com tão belas interpretações jogada fora", ralhou Stahr, em voz baixa. "Sem enquadramento. A câmera ficou numa posição em que só pegava o topo da cabeça da Claudette o tempo todo em que ela estava falando. Era bem isso que queríamos, não? É exatamente o que as pessoas querem ver — o topo da cabeça de uma bela moça. Diga ao Tim que podia ter economizado usando um boneco dela em tamanho natural."

As luzes voltaram a se apagar. O diretor de produção, para sair do caminho, agachou-se junto à poltrona de Stahr. A cena foi exibida novamente.

"Percebe agora?", perguntou Stahr. "E tem um risco na imagem — ali, à direita, está vendo? Descubra se é do projetor ou da película."

Quase no final da tomada, Claudette Colbert lentamente erguia a cabeça,

revelando seus formidáveis olhos cristalinos.

“Era esse o enquadramento que precisávamos ter o tempo inteiro”, falou Stahr. “Ela se saiu muito bem também. Veja se consegue consertar isso até amanhã ou o final da tarde de hoje.”

Pete Zavras não teria cometido um deslize daqueles. Não havia, em toda a indústria, meia dúzia de operadores de câmera em que se pudesse confiar plenamente.

As luzes retornaram; o supervisor e o diretor de produção daquele filme se retiraram.

“Monroe, esse material foi rodado ontem — chegou tarde da noite.”

A sala ficou escura. Na tela, surgiu a cabeça de Shiva, imensa e imperturbável, alheia ao fato de que em algumas horas seria levada por uma inundação. Uma multidão de fiéis se amontoava em torno dela.

“Quando forem repetir essa cena”, falou Stahr, de repente, “coloque umas crianças no alto da cabeça. Melhor checar antes se não é algum tipo de desrespeito, mas acho que não tem problema. Crianças costumam poder qualquer coisa.”

“Sim, Monroe.”

Um cinto prateado com estrelas recortadas… Smith, Jones ou Brown… Questão pessoal — será a mulher do cinto prateado que…?

Outro filme, e o cenário mudara para Nova York, uma história de gângsteres, e Stahr ficou impaciente.

“A cena está uma porcaria”, disse em voz alta, de repente, na escuridão. “Mal escrita, com elenco mal escolhido, nada presta. Aqueles tipos nem são durões. Parecem um bando de guardinhas de porta de escola fantasiados — que diabos aconteceu aí, Lee?”

“A cena foi escrita hoje de manhã no próprio set”, respondeu Lee Kapper. “Burton queria resolver a coisa toda no Estúdio 6…”

“Pois está uma porcaria. E essa aí também. Não serve pra nada filmar um troço desses. Ela própria não acredita no que está dizendo — tampouco o Cary. ‘Eu te amo’ em *close* — você vai ser escorraçado! E a roupa da moça está muito formal.”

Fez-se um sinal na sala escura, o projetor parou, as luzes se acenderam. A sala ficou em silêncio, todos à espera. O rosto de Stahr estava inexpressivo.

“Quem escreveu a cena?”, quis saber, passado um minuto.

“Wylie White.”

“Ele tem conseguido ficar sóbrio?”

“Certamente.”

Stahr refletia.

“Coloquem uns quatro roteiristas pra trabalhar na cena hoje à noite”, disse. “Vejam lá quem podem conseguir. Sidney Howard ainda está por aí?”

“Apareceu hoje de manhã.”

“Conversem com ele. Expliquem o que estou querendo pra essa sequência. A moça está mortalmente aterrorizada — ela está paralisada. Simples assim. As pessoas não conseguem sentir três emoções ao mesmo tempo. E, Kapper…”

O cenógrafo se inclinou para a frente em sua poltrona na segunda fileira.

“Pois não.”

“Tem alguma coisa com aquele cenário.”

Olhares discretos foram trocados por toda a sala.

“E o que é, Monroe?”

“Me diga *você*”, respondeu Stahr. “Está muito abarrotado. Não captura o olhar. Parece barato.”

“Não custou pouco.”

“Eu sei que não. Não é nada muito complicado, mas tem alguma coisa. Dê uma olhada hoje à noite. Talvez seja mobília demais — ou do tipo errado. Talvez uma janela ajude. Você não conseguiria forçar a perspectiva um pouco mais na direção daquele corredor?”

“Vou ver o que posso fazer.” Kapper, enquanto conferia o relógio, foi saindo da fileira de poltronas.

“Preciso começar agora mesmo”, falou. “Vou trabalhar durante a noite e damos um jeito no cenário de manhã.”

“Certo. Lee, você pode refilmar essas cenas, não?”

“Acho que sim, Monroe.”

“Eu me responsabilizo. E o material com as cenas de luta?”

“É o próximo.”

Stahr assentiu. Kapper se apressou em direção à saída e a sala voltou a ficar escura. Na tela, quatro homens encenavam uma sensacional briga de socos num galpão. Stahr riu.

“Olha só o Tracy”, falou. “Olha só como vai pra cima daquele cara. Aposto que já entrou em algumas dessas na vida.”

Os homens não paravam de se socar. Sempre a mesma briga. E sempre, ao final, se encaravam sorrindo, às vezes tocando o ombro do oponente num gesto amistoso. O único ali que corria algum perigo era o dublê, um pugilista que, se quisesse, mataria os outros três. O perigo era só que se empolgassem e deixassem de seguir as instruções sobre os golpes. Mesmo assim, o ator mais jovem estava com medo de ser acertado no rosto e, para disfarçar suas piscadas, o diretor havia lançado mão de engenhosos ângulos e interposições.

E então dois homens se esbarravam interminavelmente junto a uma porta,

reconheciam-se e seguiam seus caminhos. Encontravam-se, sobressaltavam-se e continuavam a andar.

Em seguida, uma menininha estava lendo debaixo de uma árvore e, acima dela, num dos galhos, um menino também lia. A menina estava entediada e queria conversar com o menino. Ele não lhe dava atenção. O caroço da maçã que comia caiu na cabeça da menina.

Uma voz se manifestou no escuro: “Está muito longo, não está, Monroe?”

“Nem um pouco”, disse Stahr. “Está bom. Tem uma atmosfera agradável.”

“Só achei que se estende demais.”

“Às vezes três metros de rolo podem parecer que demoram demais — noutras, uma cena ocupando vinte vezes isso é muito curta. Quero falar com o montador antes de ele fazer o corte — essa é uma sequência que vai ficar na memória.”

Falava o oráculo. Não havia o que questionar ou discutir. Stahr precisa ter razão sempre — não apenas na maior parte do tempo, mas sempre — sob pena de a estrutura vir abaixo, como se fosse de manteiga e derretesse.

Mais uma hora se passou. Fragmentos de sonhos ornavam a parede da sala, eram analisados, davam lugar a outros — os quais seriam sonhados por multidões, ou então descartados. Com dois testes, um deles para um personagem masculino, outro de uma moça, a sessão se encaminhou para o fim. Em comparação com as tomadas em avaliação, em seu ritmo próprio e tenso, os testes rolavam de maneira suave e acabavam; a audiência relaxou nas poltronas; Stahr escorregou o pé de volta para o chão. Opiniões eram bem-vindas. Um dos técnicos declarou que levaria a moça para casa de bom grado; o resto do pessoal ficou indiferente.

“Alguém arranjou um teste pra essa moça há uns dois anos. Ela deve estar mais rodada — mas não parece que melhorou muito. Já o ator é bom. Não podemos usá-lo no papel do velho príncipe russo em *Estepes*?”

“Ele *é* um velho príncipe russo”, falou o diretor de elenco, “mas tem vergonha disso. É comunista. E o papel de príncipe é o único que não faria.”

“É o único papel que serve pra ele”, disse Stahr.

As luzes se acenderam. Stahr enrolou seu chiclete de volta no invólucro e o colocou no cinzeiro. Voltou-se inquisitivo para sua secretária.

“Filmagens no Estúdio 2”, ela informou.

Deu uma conferida rápida no que estava sendo feito lá: imagens em movimento sendo capturadas contra um fundo de outras imagens em movimento por um dispositivo engenhoso. Tinha uma reunião no escritório de Marcus cujo assunto era se *Manon* teria um final feliz, e Stahr continuava com a mesma opinião que já havia dado — fazia um século e meio que aquela história dava

dinheiro sem final feliz. Estava irredutível — àquela hora da tarde era quando conseguia ser mais persuasivo, e a resistência a sua posição acabou sendo minada na direção de outro tema: cederiam uma dúzia de astros e estrelas para uma campanha em prol dos desabrigados pelo terremoto em Long Beach. Num surto repentino de generosidade, cinco deles já haviam doado, de uma vez, um total de vinte e cinco mil dólares. Tinham sido generosos, mas não como os pobres sabem ser. Aquilo não era caridade.

No escritório, novidades do oculista ao qual enviara Pete Zavras: os olhos do cinegrafista estavam praticamente em perfeito estado. O médico fizera um atestado, uma fotocópia do qual estava sendo entregue a Zavras. Stahr andava de um lado ao outro do escritório, cheio de si, a srta. Doolan a admirá-lo. O príncipe Agge aparecera para agradecer pela visita aos sets naquela tarde e, enquanto conversavam, um supervisor passou o recado cifrado de que uns roteiristas de nome Tarleton "descobriram" e estavam em vias de se demitir.

"São bons roteiristas", Stahr explicou ao príncipe, "e não temos muitos deles por aqui."

"Como assim, se você pode contratar quem quiser?", exclamou o visitante, surpreso.

"Ah, nós os contratamos, mas aí eles chegam e não são bons roteiristas — de modo que precisamos trabalhar com o que temos."

"Por exemplo?"

"Qualquer um que aceite as condições e tenha a decência de permanecer sóbrio — pegamos todo tipo de gente — poetas desiludidos, dramaturgos iniciantes, moças universitárias — e então os colocamos em duplas pra trabalhar numa ideia e, se a coisa estiver indo muito devagar, acrescentamos mais dois ao mesmo projeto. Já tive até três duplas trabalhando de forma independente numa ideia."

"E os roteiristas gostam do esquema?"

"Se ficam sabendo, não. Não são gênios — e nenhum deles conseguiria ganhar mais em outro lugar. Mas esses dois, os Tarleton, são um casal da Costa Leste — dramaturgos muito bons. Acabaram de descobrir que não são os únicos trabalhando no enredo e isso os deixou transtornados — mexeu com seu senso de unidade, é essa a palavra que vão usar."

"Mas como se consegue essa… unidade?"

Stahr hesitou — sua expressão era taciturna, exceto pelos olhos, que faiscavam.

"A unidade sou eu", disse. "Venha nos visitar outras vezes."

Recebeu os Tarleton para uma conversa. Disse-lhes que gostava do trabalho deles, olhando para a sra. Tarleton como se fosse capaz de adivinhar qual tinha

sido sua contribuição específica no roteiro datilografado. Disse-lhes, em tom ameno, que os tiraria daquele filme para colocá-los em outro, com menos pressão e mais tempo. Conforme já meio que esperava, os dois imploraram para ficar no primeiro projeto, pela perspectiva de aparecerem nos créditos em lugar de destaque, mesmo que dividindo-os com outros. Aquele esquema era uma vergonha — vulgar, comercial, deplorável. Ele mesmo o criara — fato que deixou de mencionar.

Assim que saíram, a srta. Doolan entrou, triunfante.

"Sr. Stahr, a moça do cinto está na linha."

Stahr passou da sala de visitas ao escritório sozinho, sentou-se atrás da escrivaninha e apanhou o telefone com um tremendo frio na barriga. Não sabia o que queria. Não havia pensado na questão como fizera com o caso de Pete Zavras. De início, a única coisa que desejara saber era se eram "profissionais", se a moça não seria uma atriz produzida para se parecer com Minna, a exemplo do que certa vez fizera com uma jovem, fantasiando-a de Claudette Colbert para fotografá-la nas poses da original.

"Alô", ele disse.

"Alô."

Enquanto procurava a expressão breve de surpresa que recuperasse a sensação da noite anterior, começou a ceder ao terror, e precisou de determinação para espantá-lo.

"Então — foi difícil te achar", falou. "*Smith* — e você se mudou recentemente pra cá. Essas eram as únicas informações que tínhamos. Além de um cinto prateado."

"Ah, sim", respondeu a voz, ainda desconfortável, insegura. "Eu estava mesmo usando um cinto prateado ontem à noite."

E agora, para onde ir?

"*Quem* é você?", perguntou a voz, com um toque nervoso de dignidade burguesa.

"Eu me chamo Monroe Stahr", disse ele.

Uma pausa. Era um nome que nunca aparecia na tela, e ela pareceu ter dificuldades para reconhecê-lo.

"Ah, sim — claro. O marido de Minna Davis."

"Isso."

Seria uma brincadeira? Com a visão intacta da noite anterior voltando-lhe à mente — aquela pele, irradiando um brilho peculiar, como que fosforescente —, ele se perguntou se aquilo não poderia ser um truque para atingi-lo de alguma forma. Não sendo Minna, mas ainda assim sendo ela. As cortinas, sopradas pelo vento, subitamente invadiram o escritório, os papéis sobre sua mesa

murmuraram e a intensa realidade do mundo lá fora o fez sentir, de leve, o coração apertado. Caso pudesse sair dali agora, assim como estava, o que aconteceria se voltasse a encontrá-la — a expressão de velado deslumbramento, a boca prestes a estourar num riso humano, pobre mas imenso.

“Gostaria de encontrá-la. Que tal você vir aqui ao estúdio?”

De novo a hesitação — e então uma recusa direta.

“Ah, acho melhor não. Sinto muito.”

A última frase indicava um tom formal e distante, um beco sem saída. A vaidade mais ordinária e superficial veio em socorro de Stahr, ajudando-o a ser persuasivo em sua urgência.

“Gostaria que viesse”, falou. “Tenho uma razão pra isso.”

“Bem… temo que…”

“Será que eu poderia ir até você?”

Nova pausa, não porque ela hesitasse agora, ele sentiu, mas porque tentava concatenar uma resposta.

“Tem uma coisa que você não sabe”, disse ela, finalmente.

“Ah, provavelmente que você é casada”, respondeu ele, impaciente. “Não tem nada a ver com isso. Estou pedindo pra termos um encontro às claras, traga seu marido, se você tem um.”

“É que isso… isso é meio que impossível.”

“Por quê?”

“Eu me sinto uma tola só de estar falando com você, mas sua secretária insistiu — pensei que tivesse deixado cair alguma coisa minha na inundação de ontem à noite e que você tivesse encontrado.”

“Quero muito encontrá-la, por cinco minutos que seja.”

“Quer me contratar pra algum filme?”

“Não era bem essa minha ideia.”

Houve um silêncio tão prolongado que ele pensou tê-la ofendido.

“Onde podemos nos encontrar?”, perguntou ela, inesperadamente.

“Aqui? Ou na sua casa?”

“Não — em algum lugar na rua.”

De repente Stahr não conseguia pensar em lugar nenhum. A casa dele — um restaurante? Onde é que as pessoas se encontram? Em esconderijos, em bares?

“Encontro você em algum lugar às nove”, ela disse.

“Acho que vai ser impossível a essa hora.”

“Então deixa pra lá.”

“Tudo bem, às nove, mas pode ser aqui perto? Tem uma lanchonete em Wilshire…”

*

Eram quinze para as seis. À espera, do lado de fora, havia dois homens que todos os dias, àquela mesma hora, acabavam preteridos, sua reunião era adiada. Aquela era uma hora fatigada — o assunto que os homens vinham tratar não era tão importante que precisasse ser despachado, nem tão insignificante que pudesse ser ignorado. De modo que ele adiou mais uma vez e, sentado imóvel à sua escrivaninha, ficou pensando na Rússia. Não exatamente na Rússia, mas no filme sobre a Rússia que estava prestes a lhe consumir outra infértil meia hora. Ele sabia das muitas histórias sobre a Rússia, isso sem mencionar "a" história, e vinha sustentando um exército de roteiristas e pesquisadores fazia mais de um ano, mas todas as histórias que se apresentavam tinham a pegada errada. Sentia que o enredo podia ser inspirado nos treze estados americanos, e no entanto o resultado insistia em ser outro, em novos termos que davam margem a possibilidades desagradáveis e problemas. Considerava que estava tendo uma atitude muito justa com os russos — não pensava em outra coisa que não fosse um filme simpático ao país, mas o projeto continuava a dar dor de cabeça.

"Sr. Stahr — o sr. Drummon está aí, com o sr. Kirstoff e a sra. Cornhill, a respeito do filme russo."

"Certo — mande-os entrar."

Depois disso, entre seis e meia e sete e meia, assistiu ao que havia sido rodado à tarde. Normalmente, não fosse por seu compromisso com a moça, ele passaria o início da noite na sala de projeção ou no estúdio de dublagem, mas, com os transtornos de horário causados pelo terremoto da noite anterior, decidiu ir jantar. Ao retornar ao escritório, encontrou Pete Zavras esperando, o braço numa tipoia.

"Você é o Ésquilo e o Eurípides do cinema", disse Zavras, espontâneo. "E ainda o Aristófanes e o Menandro."

Fez uma mesura.

"Quem são esses?", perguntou Stahr, com um sorriso.

"Meus conterrâneos."

"Não sabia que você fazia filmes na Grécia."

"Está brincando comigo, Monroe", falou Zavras. "O que estou querendo dizer é que você é um cara tão fino quanto eles. Me salvou, totalmente."

"Você está bem agora?"

"Não foi nada no meu braço. É como se me dessem uns beijinhos aqui. Se esse é o resultado, valeu a pena fazer o que fiz."

"E como é que você acabou fazendo logo aqui?"

"Diante do oráculo de Delfos", respondeu Zavras. "Do Édipo que respondeu à charada. Só queria pegar o filho da puta que começou essa história."

“Você me faz sentir pena de mim mesmo por não ter estudado”, falou Stahr.

“Isso não me serve de nada”, disse Pete. “Um diploma em Salônica e olha só qual foi o meu fim.”

“Ainda não foi.”

“Se quiser ver alguém degolado, a qualquer hora do dia ou da noite”, acrescentou Zavras, “você tem meu telefone.”

Stahr fechou os olhos e os abriu novamente. A silhueta de Zavras perdeu um pouco da nitidez contra a luz do sol. Apoiou-se na mesa atrás de si e, mantendo a normalidade na voz, disse: “Boa sorte, Pete.”

A sala tinha escurecido quase completamente, mas ele conseguiu dar alguns passos, de forma mecânica, até o escritório, entrou e esperou pelo clique da porta se fechando antes de tatear em busca das pílulas. A garrafa d’água se chocou contra a mesa; o copo tilintou. Ele se sentou numa cadeira grande, à espera de que a benzedrina fizesse efeito antes de ir jantar.

*

No caminho de volta do refeitório, Stahr enxergou a mão que acenava para ele de um conversível pequeno. Reconheceu, pelas cabeças vistas de trás, na cabine, um jovem ator e sua namorada, observando-os desaparecer portão afora no crepúsculo de verão. Aos poucos ia perdendo a sensibilidade para essas coisas, a ponto de parecer que Minna havia levado consigo a emoção que lhes era própria; sua capacidade de apreciar o esplendor desaparecia de tal modo que, em breve, o luxo de um eterno luto também iria embora. Associando infantilmente Minna a prazeres materiais, quando chegou ao escritório, mandou buscar seu conversível pela primeira vez naquele ano. A grande limusine parecia carregada de lembranças de reuniões e de sono de puro esgotamento.

Ao deixar o estúdio, ainda estava tenso, mas o carro sem capota trouxe o fim de tarde de verão para perto de Stahr, e ele olhou em volta. Havia a lua no final do bulevar, e uma ilusão boa de que era uma lua diferente a cada noite, a cada ano. Outras luzes cintilavam em Hollywood desde a morte de Minna: nas barracas de rua, limões e toranjas e maçãs verdes resplandeciam seu brilho fosco e oblíquo. Diante dele, piscou a luz violeta de freio do carro à frente e, na esquina seguinte, ele a viu piscar outra vez. Por todo lado, holofotes riscavam o céu. Numa esquina deserta, dois homens misteriosos carregavam um tambor reluzente em trajetória errática nos céus.

Na lanchonete, uma mulher estava parada junto ao balcão de doces. Era alta, quase tão alta quanto Stahr, e encabulada. Era obviamente uma situação nova para ela e, se Stahr não tivesse os modos que tinha — os mais atenciosos e educados —, ela não levaria aquilo adiante. Cumprimentaram-se e saíram dali sem mais palavras, sem quase se olharem — embora, chegando à calçada, Stahr

já soubesse: ela não era nem mais nem menos do que uma bela moça americana — nada que se comparasse à beleza de Minna.

“Pra onde estamos indo?”, ela quis saber. “Pensei que você teria um motorista. Não faz mal — sou boa de briga.”

“Briga?”

“Sei que isso não foi nada gentil.” Ela forçou um sorriso. “Mas é que falam coisas *horríveis* de gente como você.”

Stahr achou graça da ideia de que fosse alguém assustador — e logo não achou mais.

“Por que você queria me ver?”, perguntou ela ao entrar no carro.

Ele ficou parado, imóvel, do lado de fora, desejando lhe dizer que descesse imediatamente. Mas ela já estava acomodada no carro, e ele sabia ser o principal responsável por aquela situação infeliz — cerrou os dentes e deu a volta para embarcar também. A luz do poste iluminava diretamente o rosto dela, e era difícil acreditar que aquela era a moça da noite anterior. Stahr não via mais semelhança alguma com Minna.

“Vou levar você pra casa”, disse ele. “Onde é?”

“Pra casa?”, espantou-se ela. “Não tem pressa — desculpe se o ofendi.”

“Não. Foi muita gentileza sua ter vindo. Fui um idiota. Ontem à noite, pensei ter enxergado em você uma réplica exata de uma pessoa que conheci. Estava escuro e uma luz ofuscava minha vista.”

Ela ficou ofendida — ele a recriminava por não se parecer com outra pessoa.

“Era só isso então!”, falou. “Que engraçado.”

Rodaram em silêncio durante um minuto.

“Você foi casado com Minna Davis, não foi?”, disse ela, numa centelha de intuição. “Me desculpe por mencionar isso.”

Ele dirigia em velocidade, mas controlando-se para não parecer que corria de propósito.

“Sou um tipo bem diferente de Minna Davis”, ela disse, “se foi isso que você quis dizer. Talvez você estivesse pensando na garota que estava comigo. Ela se parece mais com Minna Davis do que eu.”

Aquilo não o interessava mais. Era acabar logo com o negócio e esquecer.

“Será que não era ela?”, quis saber a moça. “Ela é minha vizinha.”

“Não pode ser”, falou ele. “Lembro do cinto prateado que você estava usando.”

“Era eu mesma com o cinto prateado.”

Estavam a noroeste do Sunset, subindo por um dos cânions, entre as montanhas. Bangalôs iluminados surgiam ao longo da estrada sinuosa, e a

eletricidade que lhes dava vida transpirava no ar da noite feito um ruído radiofônico.

“Está vendo aquela última luz, lá no alto? A Kathleen mora lá. Minha casa fica logo do outro lado.”

Passado um momento, ela disse: “Pare aqui”.

“Pensei que você tinha dito que mora do outro lado do morro.”

“Quero dar uma passada na casa da Kathleen.”

“Acho melhor eu…”

“Quero descer aqui”, falou ela, impaciente.

Stahr desembarcou atrás dela. A moça seguiu em direção a uma casinha nova quase totalmente encoberta por um salgueiro e, quase sem pensar, Stahr a acompanhou até os degraus da entrada. Ela tocou a campainha e se voltou para se despedir dele.

“Desculpe por desapontá-lo”, disse.

Era ele quem sentia por ela agora — lamentava por ambos.

“Foi culpa minha. Boa noite.”

Um naco de luz surgiu na porta entreaberta, e uma voz de moça indagou: “Quem é?”. Stahr levantou a vista.

Ali estava ela — rosto e forma e sorriso contra a luz que vinha do interior da casa. Era o rosto de Minna — a pele, irradiando um brilho peculiar, como que fosforescente, a boca, com seu contorno atraente que jamais cobrava consequências — e, sobretudo, aquela graciosidade que assombrou e fascinou toda uma geração.

O coração dele, como na noite anterior, saltou-lhe para fora do peito, só que dessa vez para ali ficar, em disposição amplamente benéfica.

“Ah, Edna, não dá pra entrar aqui”, disse a moça. “Estava fazendo faxina, e a casa está com um cheiro forte de amoníaco.”

Edna começou a rir, uma risada alta e confiante. “Acho que ele queria conhecer você, Kathleen”, falou.

O olhar de Stahr e o de Kathleen se encontraram e se entrelaçaram. Por um instante, os dois fizeram amor como nunca mais ninguém ousou depois deles. Em cada um, o vislumbre do outro foi mais lento do que um abraço, mais urgente do que um chamado.

“Ele me ligou”, explicou Edna. “Parece que pensou que…”

Stahr a interrompeu, dando um passo adiante, para onde havia luz.

“Temi que vocês tivessem sido maltratadas no estúdio, ontem à noite.”

Mas o que ele realmente dissera não se traduzia em palavras. Ela ouviu atenta, sem embaraço. A vida brilhava com força em ambos — Edna parecia distante na escuridão.

“Não nos maltrataram”, disse Kathleen. Uma brisa fria fez balançar a mecha castanha sobre sua fronte. “Não devíamos ter entrado lá.”

“Espero que vocês, ambas”, falou Stahr, “apareçam pra fazer um tour no estúdio.”

“Quem é você? Alguém importante?”

“Ele foi casado com Minna Davis, é produtor”, disse Edna, como se aquilo fosse uma piada muito boa, “e isso que ele está dizendo não é o que me disse agora há pouco. Acho que ele está a fim de você.”

“Cala a boca, Edna”, respondeu Kathleen, brusca.

Como se de repente se desse conta de sua inconveniência, Edna falou: “Me liga, tá bom?”, e seguiu seu rumo em direção à rua. Mas levava consigo o segredo dos dois — tinha visto a centelha acesa entre eles na escuridão.

“Lembro de você”, Kathleen falou para Stahr. “Você nos resgatou da inundação.”

E agora? A ausência de Edna já era sentida. Estavam sozinhos, e andando sobre uma superfície por demais frágil, considerando o que já se passava entre os dois. Não tinham um ponto em comum. O mundo dele parecia distante — e ela não tinha um, exceto pela cabeça de Shiva, por aquela porta entreaberta.

“Você é irlandesa”, ele disse, tentando inventar um mundo para ela.

A moça aquiesceu.

“Morei em Londres um tempão — não achei que você descobriria.”

Os agressivos faróis verdes de um ônibus passaram voando na rua escura. Os dois permaneceram em silêncio até que tivesse ido embora.

“Sua amiga Edna não gostou de mim”, ele disse. “Acho que por causa da palavra Produtor.”

“Ela também é recém-chegada por aqui. É uma bobinha que não faz nada por mal. *Eu* é que devia ter medo de você.”

Ela investigou a expressão dele. Pensou, como todo mundo, que parecia cansado — e logo se esqueceu disso, pois ele suscitava a imagem de uma fogueira em noite fria.

“Imagino que as garotas fiquem o tempo todo atrás de você, querendo trabalhar no cinema.”

“Já desistiram”, ele falou.

Estava minimizando — continuavam todas lá, ele sabia, logo atrás da porta, mas fazia tanto tempo que ele estava no negócio que o clamor de suas vozes não era diferente do barulho do trânsito na rua. Mas sua posição majestática persistia: um rei só podia ter uma rainha; Stahr, pelo menos era o que supunham, era capaz de coroar muitas delas.

“Acho que isso pode significar que você se tornou um cínico”, disse ela.

“Sua intenção não é me colocar no cinema?”

“Não.”

“Que bom. Não sou atriz. Uma vez, em Londres, um cara chegou pra mim no Carlton perguntando se eu não faria um teste, mas pensei um pouco e, no fim, não fui.”

Estavam de pé, quase imóveis, como se no momento seguinte ele fosse partir e ela, entrar em casa. Stahr riu de repente.

“Sinto como se estivesse te impedindo de fechar a porta com o pé, feito um cobrador.”

Ela riu junto.

“Desculpe não poder te convidar pra entrar. Será que posso ir lá dentro pegar minha jaqueta, então podemos sentar aí fora?”

“Não.” Ele não conseguia entender muito bem por quê, mas achava que era hora de ir embora. Talvez voltasse a vê-la — talvez não. Não achava ruim que fosse assim.

“Você vai aparecer lá no estúdio?”, falou. “Não posso prometer que faço eu mesmo o tour, mas, se aparecer, não deixe de avisar no meu escritório.”

Um cenho franzido, não mais do que a sombra de um fio de cabelo entre os olhos dela.

“Não tenho certeza”, disse. “Mas agradeço muito o convite.”

Stahr sabia que, por alguma razão, ela não apareceria — bastou um instante e havia escapado dele. Ambos sentiam que o momento passara. Ele precisava ir, ainda que não fosse a lugar nenhum, e que saísse de mãos vazias. De um ponto de vista mais prático, vulgar, ele não tinha o telefone dela — nem mesmo sabia seu sobrenome; mas parecia impossível perguntar-lhe essas coisas agora.

Ela o acompanhou até o carro, Stahr se sentindo oprimido por sua beleza radiante, sua novidade inexplorada; mas, ao saírem da sombra, o que havia entre eles era a luz do luar.

“É isso?”, ele perguntou, espontâneo.

Viu pesar no rosto dela — mas também um tremor nos lábios, um sorriso indeciso a encurvá-los, um abrir e fechar de cortinas revelando uma passagem proibida.

“Espero mesmo que a gente volte a se encontrar”, disse ela, quase formal.

“Eu sentiria muito se não acontecesse.”

Ficaram distantes por um momento. Mas, depois de fazer a conversão mais próxima, retornar e vê-la ainda ali, esperando, depois de acenar e partir, ele se sentiu exultante e feliz. Alegrava-o que fosse possível haver beleza neste mundo sem o aval do departamento de escalação de elenco.

Em casa, porém, enquanto o mordomo lhe preparava chá no samovar, sentiu

uma curiosa solidão. Era a velha dor que retornava, difícil e deliciosa. Ao abrir o primeiro dos dois roteiros à sua espera naquela noite, e que em breve veria na tela, linha por linha, parou um momento, pensando em Minna. Explicou a ela que aquilo não significava nada, que ninguém jamais seria como ela, que ele sentia muito.

*

Aquele fora um dia de Stahr, tipicamente. Não sei quanto à doença, quando começou etc., pois ele manteve segredo a respeito, mas sei que desmaiou algumas vezes naquele mês porque o papai me contou. O príncipe Agge foi minha fonte sobre o que aconteceu durante o almoço no refeitório, na ocasião em que ele disse aos outros que faria um filme para perder dinheiro — o que não era pouca coisa, considerando os homens com quem conversava e o fato de possuir um grande naco das ações, e sob contrato de repartição de lucros.

Wylie White me contou muita coisa, e acreditei nele por causa de seu sentimento intenso por Stahr, mistura de ciúme e admiração. Quanto a mim, a quem interessar possa, estava completamente apaixonada por ele àquela altura.

5

Feliz da vida, fui visitá-lo na semana seguinte. Ou assim pensei; quando Wylie chegou, eu havia colocado um traje esportivo para dar a impressão de que estivera desde cedo ao ar livre, sob o orvalho matinal.

“Vou me jogar debaixo do carro do Stahr hoje”, falei.

“E por que não deste aqui?”, sugeriu ele. “Um dos melhores carros de segunda mão que Mort Fleishaker vendeu na vida.”

“Não entro nessa”, respondi, distante. “Você tem uma esposa na Costa Leste.”

“Ela já faz parte do passado”, devolveu ele. “Você tem um grande trunfo — a consciência do próprio valor. Acha que alguém ia olhar pra você se não fosse a filha de Pat Brady?”

Não nos deixamos afetar por comentários como nossas mães se deixariam. Nada — não há nada que um homem da nossa época diga que signifique muito. Que a gente fique esperta, que estão se casando por dinheiro, ou então nós é que dizemos isso a eles. Tudo ficou mais simples. Será?, era o que nos perguntávamos.

Mas naquele momento, enquanto ligava o rádio e o carro acelerava por Laurel Canyon ao som de “The Thundering Beat of My Heart”, não acreditei que Wylie tivesse razão. Eu tinha um rosto bonito, embora um pouco redondo demais, e uma pele que parecia agradável ao toque, pernas interessantes, além de não precisar usar sutiã. Não era das mais meigas por natureza, mas quem era Wylie para me recriminar por isso?

“Não acha que é inteligente da minha parte ir até lá de manhã?”, perguntei.

“É. Em se tratando do homem mais ocupado da Califórnia. Ele vai gostar. Por que você não o acordou às quatro da madrugada?”

“Bem por isso. À noite ele já está cansado. Passou o dia inteiro vendo pessoas pela frente, e algumas delas nem de longe desinteressantes. Se chego logo de manhã, os pensamentos dele tomam um rumo diferente.”

“Não gosto disso. É muito descarado.”

“O que você tem a oferecer? E não seja grosseiro.”

“Amo você”, disse ele, sem muita convicção. “E mais do que amo seu dinheiro, o que não é pouco. Quem sabe seu pai não me promova a supervisor?”

“Se quisesse, eu poderia me casar com o rapaz mais popular de Yale hoje mesmo, e ir morar em Southampton.”

Mudei de estação e encontrei duas opções, “Gone” e “Lost” — era um ano de boas canções. A música voltava a melhorar. Quando eu era mais jovem, durante a Depressão, não havia coisas tão animadas, e os melhores momentos tinham ficado nos anos 1920, com Benny Goodman tocando “Blue Heaven” ou Paul Whiteman, com “When Day Is Done”. Tudo o que havia para ouvir eram as orquestras. Mas agora eu gostava de tudo, menos do papai cantando “Little Girl, You’ve Had a Busy Day”, na tentativa de criar um clima sentimental entre pai e filha.

“Lost” e “Gone” não criavam o clima certo, então mudei de estação outra vez e sintonizei “Lovely to Look At”, que era o tipo de letra que me agradava. Olhei para trás enquanto cruzávamos o topo das montanhas mais baixas — o ar tão límpido que dava para ver as folhas das árvores em Sunset Mountain, a três quilômetros de distância. Às vezes a gente é arrebatado — pelo ar, simplesmente, desobstruído, descomplicado.

“*Lovely to look at — de-lightful to know-w*”, cantei.

“Você pretende cantar para o Stahr?”, quis saber Wylie. “Se for fazer isso, invente um verso dizendo quanto eu seria um bom supervisor.”

“Ah, mas a conversa vai se resumir a Stahr e a mim”, rebati. “Ele vai olhar pra mim e pensar: ‘Nunca tinha reparado nela pra valer’.”

“Essa fala não entrou em nenhum roteiro este ano.”

“… então ele vai dizer ‘Cecilinha’, do mesmo jeito como falou na noite do terremoto. Vai dizer que não tinha percebido que eu já era uma mulher.”

“E você não vai precisar mover uma palha.”

“Vou simplesmente ficar ali, resplandecente. Depois que ele tiver me beijado como quem beija uma criança…”

“Meu roteiro tem tudo isso”, queixou-se Wylie, “e preciso mostrá-lo a Stahr amanhã.”

“… ele então vai se sentar com as mãos no rosto e dizer que jamais havia pensado em mim daquela maneira.”

“Quer dizer que já no beijo vai rolar alguma coisa?”

“Vou estar ali, resplandecente, já te falei. Quantas vezes preciso dizer que estou na flor da idade?”

“Isso está começando a me soar bem picante”, falou Wylie. “Melhor a gente parar por aqui — preciso trabalhar ainda esta manhã.”

“Aí ele diz que parece que desde sempre esteve destinado a ser o que é.”

“Isso é puro cinema. É o sangue de produtor nas suas veias.” Ele fingiu um calafrio. “Odiaria receber uma transfusão desse negócio.”

“Aí ele diz…”

“Já sei as falas dele todas”, disse Wylie. “O que quero saber é quais são as

suas.”

“Alguém entra”, continuei.

“E você dá um pulo, levantando-se do sofá enquanto alisa a saia.”

“Está querendo que eu desça aqui mesmo e volte pra casa?”

Estávamos em Beverly Hills, bairro que ia ficando muito bonito então, com seus pinheiros havaianos altos. Hollywood é uma cidade com nítidas divisões, de modo que se pode saber exatamente que classe de pessoas, economicamente falando, mora em cada região, de executivos e diretores aos técnicos, em seus bangalôs, e aos temporários. Aquele era o bairro dos executivos, e uma de suas fatias mais requintadas. Não chegava a ser tão romântico quanto os vilarejos melancólicos da Virginia ou de New Hampshire, mas parecia agradável naquela manhã.

“*They asked me how I knew*”, ressoava o rádio, “*… my love was true*.”

Meu coração pegava fogo, embaçando meus olhos e todo o resto, mas eu calculava minhas chances em meio a meio. Caminharia decidida para ele, sem deixar transparecer se iria passar direto ou beijá-lo na boca — e então pararia a uns poucos centímetros e diria “Olá” num tom desconcertantemente desprovido de ênfase.

E foi o que fiz — embora, claro, não tenha sido como esperava: os belos olhos escuros de Stahr olhando direto nos meus, sabedores, eu tinha essa certeza mortal, de tudo que se passava na minha cabeça — e sem se constranger por isso, nem um pouquinho. Acho que fiquei lá uma hora, imóvel, e ele não fez mais do que, com um esgar do canto da boca, colocar as mãos nos bolsos.

“Você vai comigo ao baile hoje à noite?”, perguntei.

“Que baile?”

“Dos roteiristas, no Ambassador.”

“Ah, sim.” Ele refletiu. “Não posso ir com você. Talvez apareça mais tarde. Temos uma pré-estreia em Glendale.”

Tudo muito diferente do que estava planejado. Quando ele se sentou, eu fiz o mesmo e recostei minha cabeça entre os telefones, como se fosse mais um item da escrivaninha, e olhei para ele; e os olhos escuros dele se mantiveram fixos nos meus, por gentileza e nada mais. Os homens geralmente não percebem esses momentos em que uma garota pode ser deles de graça. Consegui apenas que ele tivesse este pensamento: “Por que você não se casa, Celia?”

Talvez mencionasse Robby mais uma vez, tentando me arranjar um par.

“O que eu podia fazer pra que um homem interessante se interesse por mim?”

“Diga a ele que está apaixonada.”

“Fico no pé dele?”

“Sim”, ele disse, com um sorriso.

“Sei lá. Se a coisa não vai, é porque não é pra ser.”

“Eu me casaria com você”, ele respondeu, inesperadamente. “Estou me sentindo sozinho pra caramba. Mas sou um velho, e por demais cansado, pra assumir o que quer que seja.”

Dei a volta na escrivaninha e parei perto dele.

“Me assuma.”

Ele ergueu a vista, surpreso, pela primeira vez compreendendo que eu falava muito sério.

“Ah, não”, disse. Pareceu quase infeliz por um momento. “Sou casado com o cinema. Não tenho muito tempo” — e ele se corrigiu, rápido — “quero dizer, tempo nenhum.”

“Você não conseguiria me amar.”

“Não é isso”, ele falou e — exatamente como sonhei, mas com uma diferença: “Nunca pensei em você dessa maneira, Celia. Te conheço há tanto tempo. Alguém me falou que você ia se casar com Wylie White”.

“E você… nem reagiu.”

“Sim, reagi. Ia falar com você sobre isso. Espere até que ele complete dois anos sem beber.”

“Não estou nem considerando a hipótese, Monroe.”

A conversa havia fugido totalmente do rumo planejado, e, também como nos meus devaneios, alguém entrou — só que eu tinha quase certeza de que obedecendo a um comando oculto de Stahr.

Para sempre vou pensar naquele momento, quando senti a presença da srta. Doolan às minhas costas, bloco de anotações na mão, como o fim da infância, como se ali se encerrasse aquele tempo em que a gente recorta figuras. Estava olhando não para Stahr, à minha frente, mas para uma figura dele que eu recortara repetidas vezes: o olhar que, irradiando uma sofisticada compreensão acerca do interlocutor, logo apontava na direção das amplas sobrancelhas, dardejando seus dez mil planos e complôs; o rosto que envelhecia a partir de dentro, de modo que não havia nele rugas de preocupação ou aflição, apenas um ascetismo subtraído a uma silenciosa batalha autoimposta — ou a alguma doença duradoura. Era mais atraente para mim do que qualquer rapaz corado e bronzeado circulando entre Coronado e Del Monte. Ele era minha figura recortada, como se fotos suas tivessem decorado meu armário na escola. Foi o que eu disse a Wylie White, e, quando uma garota fala ao homem que é seu segundo preferido a respeito do primeiro… é porque está apaixonada.

*

Reparei na moça muito antes de Stahr aparecer no baile. Não era bonita,

pois não há moças assim em Los Angeles — uma sozinha até chama atenção, mas pegue uma dúzia delas e já não se diferenciam. Tampouco era uma beldade profissional — do tipo que torna o ar rarefeito a ponto de até os homens saírem do recinto para respirar. Uma moça apenas, com a pele de um dos anjos coadjuvantes de Rafael e um estilo que obrigava a uma segunda inspeção para ver se o que chamou atenção é alguma coisa que ela está usando.

Reparei nela e a esqueci. Estava sentada nos fundos, atrás de umas colunas, numa mesa cujo atrativo era uma estrela de segunda e esquecida, a qual, na esperança de ser notada e conseguir uma ponta, se levantava para dançar com uns sujeitos desalinhados de quando em quando. Eu me lembrei, com vergonha, da minha primeira festa, em que a mamãe me fez dançar vezes sem conta com o mesmo rapaz para me manter sob os holofotes. A atriz de segunda falou com várias das pessoas da nossa mesa, mas, como tínhamos mais o que fazer com nossa encenação de membros da alta sociedade, não conseguiu nada.

Do nosso ponto de vista, parecia que todos ali queriam alguma coisa.

“Espera-se que a gente circule animadamente”, disse Wylie White, “como nos velhos tempos. Quando percebem o propósito, perdem o interesse. Daí toda essa melancolia — a única maneira de esse pessoal manter a autoestima é se portando como personagens de Hemingway. Mas, lá no fundo, sentem pela gente um ódio funesto, e a gente sabe disso.”

Ele tinha razão — eu sabia que desde 1933 os ricos só conseguiam ser felizes sozinhos quando reunidos.

Vi o momento em que, à meia-luz no alto da ampla escada, Stahr entrou e, parado com as mãos nos bolsos, olhou em volta. Era tarde, e as luzes pareciam brilhar menos, embora fossem as mesmas. O espetáculo no tablado tinha terminado, exceto por um sujeito que, com um letreiro, anunciava que à meia-noite, no Hollywood Bowl, Sonja Henie ia patinar em sopa quente. O homem seguia sua dança, e o letreiro às suas costas ia perdendo a graça. Alguns anos antes, haveria por ali uns bêbados. A estrela esquecida parecia estar procurando por eles, esperançosa, por cima do ombro de seu parceiro de pista. Eu a segui com os olhos enquanto retornava à mesa…

… e lá estava Stahr, para minha surpresa, conversando com a outra moça. Sorriam um para o outro como se o mundo estivesse começando ali.

*

Stahr não estava esperando nada daquilo quando parou no alto da escada, minutos antes. A pré-estreia o decepcionara e, depois dela, e ainda bem em frente ao cinema, ele havia se envolvido numa cena com Jacques La Borwitz que agora lamentava. Já se dirigia para onde estava reunido o pessoal de Brady, na festa, quando viu Kathleen sentada sozinha no centro de uma mesa comprida e

branca.

A coisa mudou imediatamente. À sua passagem, a caminho de onde estava a moça, as pessoas se encolhiam junto às paredes até parecerem figuras pintadas num mural; a mesa branca se tornou ainda mais comprida, um altar onde a sacerdotisa permanecia só. A vitalidade nele cresceu, e Stahr poderia ter ficado um longo tempo parado, de frente para ela, do outro lado daquela mesa, a olhar e sorrir.

Os donos da mesa iam retornando, rastejantes — Stahr e Kathleen dançavam.

Quando a moça chegou mais perto, as várias visões que eu tivera dela se embaralharam; por um momento, tornou-se irreal. Em geral, o crânio de uma garota a fazia palpável, mas não daquela vez — Stahr seguiu embevecido enquanto cruzavam a pista de dança até a última fronteira, onde, atravessando um espelho, adentraram um outro baile, com outros dançarinos, cujos rostos eram familiares, porém nada mais do que isso. Nesse novo território, ele começou a falar, veloz e urgente.

“Como você se chama?”

“Kathleen Moore.”

“Kathleen Moore”, ele repetiu.

“Não tenho telefone, se é nisso que você está pensando.”

“Quando você vai aparecer lá no estúdio?”

“Isso não vai ser possível. De verdade.”

“Por que não? Você é casada?”

“Não.”

“Não é casada?”

“Não, nem nunca fui. Mas um dia serei, quem sabe.”

“Alguém daquela mesa?”

“Não.” Ela riu. “Quanta curiosidade!”

Mas ela estava profundamente envolvida com ele, dissessem o que dissessem um ao outro. Seus olhos o convidavam a uma comunhão romântica de intensidade inacreditável. Como se tivesse se dado conta disso, ela disse, assustada: “Preciso voltar pra lá agora. Minha próxima dança já está prometida.”

“Não quero perder você de vista. Será que podemos almoçar ou jantar juntos?”

“Impossível.” Mas sua expressão, sem que ela pudesse evitar, corrigia a frase: “É possível, quem sabe. A fresta da porta continua aberta, se você for capaz de se esgueirar por ela. Mas rápido — temos pouco tempo”.

“Preciso voltar”, ela disse outra vez, mais alto. Então deixou cair os braços, parou de dançar e olhou para ele com um riso travesso.

“Quando estou com você, não respiro direito”, falou.

Segurando a barra do vestido, virou as costas e atravessou de volta o espelho. Stahr a seguiu até perto da mesa, onde ela parou.

“Obrigada pela dança”, ela disse, “e agora, sério, boa noite.”

E então quase saiu correndo.

Stahr foi até a mesa em que o esperavam e se juntou ao grupo da alta-roda — de Wall Street, Grand Street, Loundon County, Virginia e Odessa, Rússia. Falavam todos, entusiasmados, sobre um cavalo que fizera uma carreira muito veloz, o sr. Marcus o maior entusiasta do tema entre eles. Stahr aventou que os judeus teriam se apoderado do culto a cavalos como algo simbólico — durante anos os cossacos é que andavam montados, e os judeus, a pé. Agora os judeus tinham seus cavalos, o que lhes dava um senso de extraordinário bem-estar e poder. Stahr se sentou e fingiu prestar atenção, chegando a aquiescer quando algo era dito a seu respeito, mas o tempo todo espiando a mesa atrás das colunas. Se tudo não tivesse sido como foi, até mesmo o fato de ele ter ligado o cinto prateado à moça errada, Stahr talvez pensasse que se tratava de alguma elaborada armação. Mas a obscuridade daquilo estava além de qualquer suspeição. E no momento seguinte ele viu que ela lhe escapava novamente — a gesticulação na outra mesa indicava que se despediam. Ela estava indo embora, ele a perdia.

“Lá vai a Cinderela”, disse Wylie White, malicioso. “Favor devolver o sapatinho na Sapataria Regal, 812, South Broadway.”

Stahr a alcançou no comprido saguão do piso de cima, onde mulheres de meia-idade, acomodadas num espaço reservado, isolado por cordas, observavam a entrada do salão de baile.

“Está indo embora por minha causa?”, ele perguntou.

“Já estava indo mesmo.” Mas acrescentou, quase com ressentimento: “Ficaram falando como se eu tivesse dançado com o príncipe de Gales. Todos me olhando. Um dos homens queria desenhar um retrato meu, outro queria me ver amanhã”.

“Isso é tudo o que eu quero”, falou Stahr, suave, “mas quero muito mais do que ele.”

“Como você é insistente”, disse ela, fatigada. “Uma das razões por que vim embora da Inglaterra é que lá os homens sempre queriam impor a vontade deles. Pensei que aqui fosse diferente. Não basta eu dizer que não quero te encontrar?”

“Normalmente, sim”, concordou Stahr. “Por favor, acredite em mim, já estou muito fora do meu normal. Eu me sinto um idiota. Mas preciso que a gente volte a se ver e conversar.”

Ela hesitou.

“Não há razão pra se sentir um idiota”, falou. “Você é um homem bom demais pra se sentir assim. Mas devia enxergar esta situação como ela é.”

“E como ela é?”

“Você se apaixonou por mim — completamente. Você sonha comigo.”

“Tinha te esquecido”, declarou ele, “até o momento em que entrei por aquela porta.”

“Me esqueceu em pensamento, talvez. Mas soube de cara, ao te conhecer, que você é o tipo de homem que gosta de mim…”

Ela se interrompeu. Perto deles, um homem e uma mulher, também convidados da festa, se despediam: “Diga que mandei um oi pra ela — diga que a amo muito”, falou a mulher, “… vocês dois — vocês todos — as crianças”. Stahr não era capaz de dizer coisas assim, coisas que todo mundo dizia. Não conseguiu pensar em nada mais para falar a ela, enquanto caminhavam até o elevador, além de: “Acho que você tem toda razão.”

“Ah, então admite?”

“Não, não é isso”, ele recuou. “É que você tem esse jeito: as coisas que diz, o jeito de andar, sua aparência neste exato minuto…” Notou que ela cedia um pouco, e sua esperança aumentou. “Amanhã é domingo, e em geral trabalho aos domingos, mas, se você tiver curiosidade sobre qualquer coisa em Hollywood, qualquer pessoa que queira conhecer ou encontrar, deixe que eu marque pra você, por favor.”

Estavam parados perto do elevador. A porta se abriu, mas ela não entrou.

“Como você é modesto”, disse. “Só fica falando sobre me mostrar o estúdio, me levar pra lá e pra cá. Você nunca fica sozinho?”

“Amanhã vou estar me sentindo muito sozinho.”

“Ah, pobre rapaz — estou quase chorando por você. Ele tem todas as estrelas do cinema dando em cima e escolhe a mim.”

Stahr sorriu — tinha deixado a guarda aberta àquele ataque.

O elevador chegou novamente. Ela fez sinal ao ascensorista para esperar.

“Sou uma mulher fraca”, falou. “Se aceitar que nos encontremos amanhã, você vai me deixar em paz? Não, não vai. Você vai se comportar ainda pior. Não pode dar boa coisa, só me prejudicar, por isso digo que não, obrigada.”

Ela entrou no elevador. Stahr entrou junto, e os dois sorriram enquanto desciam os dois andares até o saguão, ocupado por lojinhas. Do outro lado, a multidão era contida pela polícia, cabeças e ombros inclinados para a frente, tentando enxergar a passarela. Kathleen estremeceu.

“Eles me pareceram tão estranhos quando cheguei”, disse, “como se estivessem furiosos comigo por não ser famosa.”

“Conheço outra saída.”

Atravessaram um armazém, desceram por uma alameda e saíram na noite clara e fresca da Califórnia, ao lado do estacionamento. Ele se sentia distante do baile agora, ela também.

“Muita gente do cinema costumava morar por aqui”, ele disse. “John Barrymore e Pola Negri, naqueles bangalôs ali. E Connie Talmadge vivia naquele prédio de apartamentos estreito e alto, lá adiante.”

“Alguém ainda mora aqui hoje?”

“Os estúdios se mudaram para a área rural”, ele falou, “para onde antigamente era a área rural. Mas passei uns bons momentos aqui.”

Não mencionou que, dez anos antes, Minna e a mãe dela haviam morado em outro dos apartamentos lá adiante.

“Quantos anos você tem?”, ela quis saber, de repente.

“Perdi as contas — quase trinta e cinco, acho.”

“Na mesa, falaram de você como um menino prodígio.”

“Isso é o que eu vou ser aos sessenta”, ele respondeu, taciturno. “Você vai me encontrar amanhã, não vai?”

“Vou”, ela disse. “Onde?”

De repente não havia um lugar para se encontrarem. Ela não iria a uma festa na casa de alguém, nem para o campo, tampouco nadar, embora tenha hesitado aqui, e a um restaurante conhecido também não. Parecia difícil de agradar, mas ele sabia que era por alguma razão. A seu tempo descobriria qual. Ocorreu-lhe que talvez ela fosse irmã ou filha de alguém famoso, comprometida a manter-se discreta. Sugeriu que ele a fosse buscar e eles poderiam, então, decidir.

“Não vai dar certo”, ela falou. “Que tal aqui? — mesmo lugar.”

Ele concordou com a cabeça — apontando para o arco debaixo do qual se encontravam.

Levou-a até o carro dela, pelo qual não obteria mais do que oitenta dólares no mercado de usados, e isso se encontrasse um comprador generoso, e a observou se afastar num ronco barulhento. Na entrada da festa, um alarido acompanhou a saída de outro favorito do público, e Stahr pensou se voltava até lá para se despedir.

*

Aqui é Celia, retomando em pessoa a narrativa. Stahr finalmente voltou — eram mais ou menos três e meia — e me convidou para dançar.

“Como você está?”, ele quis saber, como se não tivesse me visto de manhã. “Acabei precisando conversar longamente com um cara.”

Ele queria manter segredo também — a coisa era séria.

“Levei-o para dar uma volta de carro”, continuou ele, inocentemente. “Não

tinha me dado conta de quanto esta parte de Hollywood está mudada.”

“Mudada?”

“Ah, sim”, ele falou, “completamente. Irreconhecível. Não saberia te dizer muito bem o quê, mas mudou totalmente — tudo. Como se fosse uma cidade nova.” Passado um momento, ele reforçou: “Não tinha ideia de quanto estava mudada”.

“E quem era o cara?”, sondei.

“Um velho amigo”, ele respondeu, vago, “alguém que conheci há muito tempo.”

Eu havia pedido ao Wylie que tentasse discretamente descobrir quem ela era. Ele fora até a mesa e a ex-estrela, animada, o fizera se sentar. Não: ela não sabia quem era a moça — a amiga de uma amiga de alguém — nem o homem que a trouxera sabia bem.

De modo que Stahr e eu dançamos ao som da linda música de Glen Miller — tocava “I’m on a See-Saw”. Estava bom de dançar agora, com bastante espaço na pista. Mas a solidão era maior — maior do que antes de a garota ir embora. Para mim, assim como para Stahr, ela havia levado a noite consigo, carregado com ela a dor da punhalada que eu sentira — deixado o grande salão de baile vazio e sem emoção. Agora já não havia nada, e eu dançava com um homem distraído, que me falava sobre como Los Angeles estava mudada.

*

Na tarde seguinte, eles se encontraram como se fossem estranhos num país estrangeiro. A noite anterior era passado, a garota com quem ele havia dançado não existia mais. Um chapéu de cor indistinta entre o rosa e o azul, com um véu quase imperceptível, atravessou o terraço na direção dele, então parou, sondando-lhe o rosto. Stahr também parecia um estranho para ela, terno marrom e gravata preta que o tornavam um homem mais tangível do que o smoking da festa, ou do que o rosto e a voz na escuridão da noite em que se conheceram.

Ele foi o primeiro dos dois a ter certeza de que estava diante da mesma pessoa: na parte superior, o rosto era o de Minna, luminoso, têmporas delicadas de um castanho cujos reflexos cambiantes compunham o tom suave do cabelo cacheado. Stahr até poderia tê-la envolvido com um braço e puxado para junto dele quase com a intimidade com que se abraça alguém da família — já conhecia, nela, a curva do pescoço, a própria compleição da coluna vertebral, os cantos dos olhos e o jeito de respirar — mesmo a textura das roupas que usava.

“Você ficou a noite toda aqui esperando?”, perguntou ela, a voz sussurrante.

“Nem me mexi do lugar.”

O problema persistia, ainda o mesmo — não tinham aonde ir.

“Queria tomar um chá”, ela sugeriu, “se houver um lugar onde você não

seja conhecido.”

“Você falando assim, parece que um de nós tem má reputação.”

“E não é verdade?”, ela riu.

“Vamos até a praia”, convidou Stahr. “Tem um lugar lá onde, certa vez, fui perseguido por uma foca amestrada.”

“Você acha que essa foca poderia nos preparar um chá?”

“Bem — ela é amestrada. Mas não acho que seja capaz de falar — não acho que seja amestrada a esse ponto. Que coisa é *essa* que você está tentando esconder?”

Passado um momento, ela falou, suave: “Talvez o futuro”, e de um jeito que poderia significar qualquer coisa, ou mesmo coisa nenhuma.

Quando iam saindo, no carro dele, ela apontou para o dela, um calhambeque no estacionamento.

“O que você acha, é seguro?”

“Sei não. Notei uns forasteiros barbudos rondando por aí.”

Kathleen olhou para ele, alarmada.

“Sério?” Viu que ele sorria. “Acredito em tudo o que você diz”, falou. “É esse seu jeito meigo. Não entendo por que as pessoas têm tanto medo de você.” Ela o perscrutou, em aprovação — um pouco apreensiva com a palidez dele, acentuada pela tarde iluminada. “Você trabalha tanto assim? Trabalha mesmo todo domingo?”

Ele satisfez o interesse dela — de forma impessoal, mas não indiferente.

“Nem sempre. Antigamente tínhamos uma casa — tínhamos uma casa com piscina e tal — e o pessoal aparecia aos domingos. Eu costumava jogar tênis e nadar. Não nado mais.”

“Por que não? Faz bem pra você. Pensei que todos os americanos nadassem.”

“Minhas pernas ficaram finas demais — já faz alguns anos, e passei a ter vergonha. Tem outras coisas que eu costumava fazer — um monte de coisas: jogava handebol quando garoto, e às vezes aqui mesmo — tínhamos uma quadra, que foi destruída por uma tempestade.”

“Você tem um bom físico”, ela disse, um elogio formal, querendo dizer apenas que ele era um magro elegante.

Stahr fez que não com a cabeça, rejeitando o comentário.

“O que mais gosto é de trabalhar”, ele disse. “Meu trabalho é muito agradável.”

“Você sempre quis trabalhar com cinema?”

“Não. Quando era mais jovem, queria ser um gerente de escritório — do tipo que sabe onde é o lugar de cada coisa.”

Ela sorriu.

“Engraçado. E hoje você é muito mais do que isso.”

“Não, acabei sendo mesmo um gerente de escritório”, falou Stahr. “É meu dom, se é que tenho algum. Só que, assim que assumi meu posto, descobri que ninguém sabia o lugar de nada. E descobri que era preciso saber por que cada coisa estava onde estava, e se devia ou não ser deixada ali. Começaram a jogar tudo pra mim, e era um ofício dos mais complexos. Logo passei a ter todas as chaves. E eles não se lembrariam mais qual delas abria cada uma das fechaduras, caso eu as devolvesse.”

Pararam num sinal vermelho, e um vendedor de jornais avançou até ele, aos berros: “Mickey Mouse Assassinado! Randolph Hearst declara guerra à China!”.

“Vamos ter de comprar esse jornal”, ela disse.

Quando seguiram adiante, ela endireitou o chapéu e se recompôs. Vendo que ele a observava, sorriu.

Ela estava alerta e calma — virtudes que, naquele momento, eram valiosas. Por toda parte dominava a lassidão — a Califórnia estava cheia de gente fatigada e sem nada a perder. E havia jovens, rapazes e moças, que viviam tensos porque, em espírito, ainda estavam na Costa Leste, enquanto ali travavam, e perdiam, uma batalha contra o clima. Mas o segredo que todos tinham em comum era a dificuldade de manter algum esforço continuado — um segredo que Stahr não conseguia admitir de fato nem para si mesmo. Ele sabia, porém, que pessoas de outros lugares traziam um fluxo de energia nova durante algum tempo.

Os dois agora se tratavam amavelmente. Ela não havia feito um movimento sequer, nem tomado atitude alguma que destoasse de sua beleza, que de algum modo saísse do esquadro. Estava tudo em seu lugar. Ele a avaliava como o faria com a tomada de um filme. E ela não era como uma daquelas filmagens ruins, não era confusa, era clara — segundo o sentido especial que ele dava à palavra, o que implicava equilíbrio, sutileza e proporção, era “agradável”.

Chegaram a Santa Monica, onde se localizavam as mansões de uma dúzia de astros e estrelas, encurraladas em meio a uma superlotação que em breve seria equivalente à de Coney Island. Desceram o morro na direção da vastidão do céu e do mar azuis, contornando a costa até que a praia tivesse novamente se transformado numa faixa amarela que se estreitava e alargava, os banhistas sumindo e reaparecendo em igual proporção.

“Estou construindo uma casa nesta área”, contou Stahr, “bem mais adiante. Nem sei por que estou fazendo isso.”

“Talvez pra mim.”

“Talvez.”

“Acho esplêndido que você esteja construindo uma mansão pra mim sem

nem saber como eu era.”

“Não é bem uma mansão. E não tem telhado. Eu não sabia que tipo você ia querer.”

“Não precisamos de telhado. Me disseram que aqui nunca chovia. É como…”

Pela forma repentina como ela se interrompeu, ele soube que se lembrara de alguma coisa.

“É só uma coisa que já passou”, disse ela.

“Que coisa?”, ele quis saber, “outra casa sem telhado?”

“É. Outra casa sem telhado.”

“Você era feliz lá?”

“Eu vivia com um cara”, ela falou, “há muito, muito tempo — tempo demais. Um desses erros terríveis que a gente comete. Continuei a morar com ele por um longo tempo após ter resolvido que não queria mais, mas ele não me deixava ir embora. Até tentava, mas não conseguia deixar. Até que, finalmente, fugi.”

Ele escutava, pesando as palavras dela, mas sem julgá-la. Nenhuma alteração sob o chapéu azul e rosa. Ela tinha uns vinte e cinco anos. Teria sido um desperdício se não amasse e fosse amada.

“Éramos próximos demais”, ela contou. “Talvez devêssemos ter tido filhos — seriam um contrapeso à relação. Mas não dá pra ter filhos quando a casa nem um teto tem.”

Certo, agora ele sabia alguma coisa dela. Não seria mais como na noite anterior, quando, como se estivesse numa reunião de roteiro, ele não parava de se dizer: “Não sabemos nada da moça. Não precisamos saber muito — mas precisamos saber alguma coisa”. Um vago passado se desenhava atrás dela, algo mais tangível do que a cabeça de Shiva ao luar.

Chegaram ao restaurante, lotado de carros em passeio de domingo. Ao desembarcarem, o grito da foca amestrada disparou reminiscências em Stahr. O dono contou que o animal jamais andava no banco de trás do carro, sempre passava para o da frente. O homem, era evidente, criara laços com o animal, embora ainda não admitisse isso para si mesmo.

“Queria ir ver a casa que você está construindo”, disse Kathleen. “Não quero chá — chá é passado.”

Bebeu uma coca em vez disso, e eles então seguiram em frente por mais uns quinze quilômetros sob um sol tão forte que ele precisou apanhar dois pares de óculos escuros num compartimento. Mais uns seis ou sete quilômetros e desceram uma pequena colina, chegando à estrutura da casa de Stahr.

Uma rajada vinda das bandas do sol lançou um borrifo por sobre as pedras e

para cima do carro. Uma betoneira, toras de madeira e detritos de construção, uma ferida aberta na paisagem marinha, jaziam à espera de que o domingo acabasse. Eles circularam perto da fachada, onde se erguiam enormes pilastras para sustentar o que viria a ser o terraço.

Ela olhou para as frágeis montanhas atrás, sobressaltando-se de leve diante de seu árido esplendor, e Stahr percebeu…

"Não adianta procurar pelo que não está aí", falou, animado. "Imagine que você está em cima de um daqueles globos com o mapa da Terra — sempre quis ter um quando era menino."

"Entendi", disse ela, depois de um momento. "Fazendo isso, você consegue sentir a Terra girar, não é?"

Ele aquiesceu.

"É. Senão seria sempre *mañana* — à espera da manhã ou da lua."

Adentraram a estrutura de andaimes. Uma das peças, projetada para ser o salão principal, já tinha até as estantes de livros embutidas, os suportes das cortinas e o alçapão no chão, onde se acomodaria o projetor de filmes. E, para surpresa de Kathleen, o cômodo dava para uma varanda com cadeiras estofadas e uma mesa de pingue-pongue a postos. Uma segunda mesa de pingue-pongue ficava no recém-plantado gramado, logo adiante.

"Na semana passada, trouxe convidados para um almoço pré-inauguração", ele confessou. "Tinha plantado umas mudas — grama e outras coisinhas. Queria ver como ficaria a atmosfera do lugar."

Ela riu de repente.

"Isso é grama de verdade?"

"É, sim — é de verdade."

Adiante da faixa que prenunciava o gramado, a escavação do que seria a piscina, naquele momento tomada por um bando de gaivotas que, ao percebê-los, alçou voo.

"Você vai morar aqui totalmente sozinho?", ela quis saber. "Não vai trazer nem umas dançarinas?"

"Provavelmente. Costumava fazer planos, mas agora não mais. Pensei que aqui seria um bom lugar pra ler meus roteiros. O estúdio é minha casa de verdade."

"Foi o que me contaram sobre os homens de negócios americanos."

Ele notou um toque de crítica no comentário.

"A gente faz aquilo que nasceu pra fazer", falou, suave. "Mais ou menos uma vez por mês alguém tenta me reformar, me diz que vou ter uma velhice vazia quando não puder mais trabalhar. Mas a coisa não é tão simples."

O vento engrossava. Era hora de ir, e ele já havia tirado as chaves do carro

do bolso e as chacoalhava na mão, absorto. O toque metálico de um telefone gritou de algum lugar, atravessando a tarde ensolarada.

Não tinha vindo de dentro da casa, e os dois agora corriam de lá para cá no jardim, feito crianças brincando de esconde-esconde — até que, finalmente, acorreram ao depósito de ferramentas junto à quadra de tênis. O telefone, aborrecido pela demora, latia ameaçadoramente da parede. Stahr hesitou.

“Deixo essa porcaria tocar?”

“Eu não conseguiria. A menos que tivesse certeza de quem é.”

“Ou é engano, ou alguém tentando me achar.”

Atendeu.

“Alô… Interurbano de onde? Sim, é o sr. Stahr quem está falando.”

Sua atitude mudou perceptivelmente. Ela presenciava o que poucos antes dela haviam visto em uma década: Stahr estava impressionado. Não chegava a ser inédito, porque ele com frequência fingia se impressionar, mas aquilo o fez parecer mais jovem por um momento.

“É o presidente”, ele disse a ela, num tom quase severo.

“Da sua companhia?”

“Não, dos Estados Unidos.”

Tentava agir naturalmente por causa dela, mas sua voz denotava ansiedade.

“Certo, eu aguardo”, respondeu ao telefone, e virando-se para Kathleen: “Já falei com ele outras vezes”.

Ela ficou observando. Ele sorriu de volta e piscou, como prova de que, embora devesse dar toda a atenção àquilo, não a havia esquecido.

“Alô”, disse logo em seguida. Ficou escutando. Então falou novamente: “Alô”. Franziu o cenho.

“Você poderia falar mais alto”, pediu, educado, e então: “Quem?… O que significa isso?”

Ela viu que a expressão do rosto dele era de contrariedade agora.

“Não quero falar com ele”, disse Stahr. “Não!”

Voltou-se para Kathleen: “Acredite se quiser, mas é um orangotango.”

Esperou até que uma longa explicação tivesse terminado; então repetiu: “Não quero falar com ele, Lew. Não tenho nada a dizer que possa interessar a um orangotango.”

Acenou para Kathleen se aproximar e, quando ela chegou ao telefone, ele segurou o aparelho de modo que pudesse escutar uma estranha respiração e um grunhido roufenho do outro lado da linha. Em seguida, uma voz: “Não é armação, Monroe. Ele é capaz de falar e é a cara do McKinley. O senhor Horace Wickersham está aqui comigo, com uma foto do McKinley na mão…”

Stahr ouvia pacientemente.

“Já temos um chimpanzé”, falou, depois de um momento. “Arrancou um pedaço do John Gilbert no ano passado… Tá certo, coloque o bicho na linha de novo.”

Adotou um tom formal, como se falasse a uma criança.

“Alô, orangotango.”

Sua expressão mudou, e ele se virou para Kathleen.

“Ele disse ‘Alô’.”

“Pergunte o nome dele”, sugeriu a moça.

“Alô, orangotango — meu Deus, era só o que me faltava! —, você sabe o seu nome?… Parece que não sabe… Escute, Lew. Não estamos filmando nada parecido com *Kink Kong*, e *O macaco peludo* não tem nenhum macaco… Claro que tenho certeza. Sinto muito, Lew, tchau.”

Ficou aborrecido com Lew, pois pensou mesmo que fosse o presidente e por isso tinha mudado sua atitude, agindo de acordo com a suposta ocasião. Sentiu-se um pouco ridículo, mas Kathleen se sensibilizou e passou a gostar mais dele porque, do outro lado da linha, era um orangotango.

*

Tomaram o caminho de volta, ao longo da costa, com o sol atrás deles agora. A casa parecia mais acolhedora quando partiram, como se isso tivesse sido consequência da visita — o brilho áspero do lugar era mais suportável quando não se estava ali só de passagem, como visitantes na superfície resplandecente da Lua. Olhando para trás a partir de uma curva na costa, viram o céu ganhando um tom rosado por detrás da estrutura incompleta, e aquele ponto lá no alto pareceu uma simpática ilha, ao mesmo tempo que prometia horas agradáveis num dia futuro.

Depois de passarem por Malibu, com seus bangalôs vistosos e barcaças de pesca, estavam de volta à seara humana de carros empilhados congestionando a extensão da rodovia, de praias feito formigueiros sem nenhum padrão, exceto pelas cabeças que, no mar, eram pontos pretos salpicados.

Confortos de cidade eram cada vez mais visíveis — cobertores, esteiras, guarda-sóis, fogareiros, sacolas cheias de roupas —; os prisioneiros haviam posto de lado suas algemas naquela areia. Era seu aquele mar, se Stahr assim o quisesse, ou se soubesse o que fazer com ele — apenas com seu consentimento é que outros molhavam os pés e os dedos nas frias e turbulentas águas do mundo do homem.

Stahr pegou um desvio a partir da estrada do mar, subindo um cânion e contornando uma montanha por outra via, deserta de gente. O morro foi virando a periferia da cidade. Parou para abastecer e estava de pé junto ao carro.

“A gente podia ir jantar”, falou, em tom quase ansioso.

“Você talvez estivesse trabalhando a esta hora.”

“Não — não tinha planejado nada. Não podíamos sair pra jantar?”

Ele sabia que ela tampouco tinha planos — nenhum compromisso à espera ou lugar especial aonde ir.

Ela regateou.

“Que tal se a gente fosse comer alguma coisa naquela lanchonete ali do outro lado da rua?”

Ele deu uma olhada no lugar, avaliando.

“É isso mesmo que você quer?”

“Gosto de comer nessas lanchonetes americanas. Me parecem uma coisa tão esquisita, tão estranha.”

Sentaram-se em banquetas altas para tomar sopa de tomate e comer sanduíches quentes. Era a coisa mais íntima que haviam feito juntos, e ambos sentiram uma espécie perigosa de solidão, e a perceberam um no outro. Compartilharam os cheiros variados do lugar, o amargor, a doçura e o azedume, o mistério da garçonete, que tinha o cabelo tingido apenas na superfície e preto por baixo, e, refeição terminada, a natureza morta de seus pratos vazios — uma casca de batata, um pedaço de picles e um caroço de azeitona.

*

Na rua, sob o crepúsculo, já não parecia esforço nenhum sorrir para ele quando entraram no carro.

“Muito obrigada. Foi uma tarde agradável.”

Não estavam longe da casa dela. Sentiram que o início do trecho mais íngreme e o carro roncando mais alto, em segunda marcha, eram o começo do fim. Os bangalôs na subida do morro tinham as luzes acesas — ele ligou também os faróis. Stahr sentia um peso na boca do estômago.

“Vamos sair outras vezes.”

“Não”, ela respondeu de pronto, como se estivesse esperando por aquilo. “Vou te escrever uma carta. Me desculpe por esse mistério todo — na verdade, faço isso como consideração a você, pois te quero muito bem. Você devia tentar não trabalhar tanto. Precisa se casar de novo.”

“Ah, não é isso que você devia dizer”, ele desabafou em protesto. “Fomos só nós dois hoje. Pode não ter significado nada pra você — pra mim significou muito. Queria ter mais tempo pra te falar sobre isso.”

Mas, se ele ganharia o tempo que queria, teria de ser na casa dela, pois já tinham chegado e, enquanto o carro encostava à entrada, ela fazia que não com a cabeça.

“Preciso ir agora. Na verdade, sou comprometida. Não contei a você.”

“Não é verdade. Mas tudo bem.”

Acompanhou-a até a porta, parando nos degraus que eram seus desde a outra noite, à espera de que ela encontrasse as chaves dentro da bolsa.

“Achou?”

“Achei”, ela disse.

Era a deixa para que ela entrasse, mas queria olhar para ele uma vez mais e, deitando a cabeça para a esquerda, depois para a direita, tentava divisar seu rosto na última claridade do crepúsculo. Inclinou-se demais para a frente, e foi natural que a mão dele terminasse por lhe tocar a parte de trás do braço e o ombro, e que ele a trouxesse para junto da sombra do peito. Ela fechou os olhos, sentindo o serrilhado da chave no punho apertado. Soltou um “ah” num suspiro, e então outro “ah”, enquanto ele a puxava ainda mais para perto e, com o queixo, girava o rosto dela de leve. Ambos sorriam quase imperceptivelmente, e ela tinha o cenho franzido também, quando a minúscula distância entre eles se dissolveu na escuridão.

Quando voltaram a se afastar, ela balançava a cabeça ainda, embora mais de espanto do que tentando negar o que acontecia ali. E era assim que acontecia, então, de repente, culpa sua, mas desde muito antes, em que momento? Acontecia assim, de repente, e a cada instante o fardo de arrancar a si mesma da união dos dois, daquilo, se tornava mais pesado e inimaginável. Ele estava exultante; ela se ressentia e não podia culpá-lo, mas não compartilharia daquele júbilo, pois era uma derrota. Até então era uma derrota. E então ela pensou que, se interrompesse a situação de derrota, abandonando-o ali e entrando em casa, ainda assim não seria uma vitória. Simplesmente não seria nada.

“Isso não foi ideia minha”, disse, “não foi ideia minha mesmo.”

“Posso entrar?”

“Ah, não — não.”

“Então vamos nos enfiar nesse carro e partir pra algum lugar.”

Aliviada, ela se ateve à exata expressão — partir dali imediatamente era uma vitória, ou assim parecia — como se escapasse da cena de um crime. E logo estavam no carro, morro abaixo com a brisa fresca contra o rosto, e aos poucos ela voltou a si. Agora tudo ficava claro, preto no branco.

“Vamos voltar pra sua casa na praia”, ela falou.

“Pra lá?”

“É — voltar pra sua casa. Não vamos falar mais nada. Só quero ir.”

*

De volta à costa, o céu estava cinzento, e em Santa Monica uma súbita pancada de chuva se abateu sobre eles. Stahr parou no acostamento, colocou uma capa de chuva e puxou a capota de lona. “Temos um teto”, disse.

O limpador de para-brisa tiquetaqueava, um som caseiro, como o do relógio

do vovô. Taciturnos, carros deixavam as praias úmidas em direção à cidade. Mais adiante, neblina — os acostamentos da estrada, de ambos os lados, desapareceram, e as luzes dos carros na outra pista pareciam estáticas até pouco antes de, num clarão, cruzarem em sentido contrário.

Os dois haviam deixado para trás uma parte de si mesmos, e se sentiam leves e livres naquele carro. A neblina se infiltrava por uma fresta, e Kathleen tirou o chapéu rosa e azul de um jeito calmo e lento que o levou a observá-la, tenso, e então ela guardou o acessório sob um pedaço de lona no banco de trás. Depois balançou o cabelo e, ao ver que Stahr ainda olhava, sorriu.

O restaurante da foca amestrada não passava de um ponto de luz na direção do oceano. Stahr baixou o vidro com um rangido e procurava por pontos de referência, mas uns poucos quilômetros adiante a neblina cedeu, e logo à frente deles uma curva da estrada levou à casa. Ali, a lua aparecia por trás das nuvens. Sobre o mar, havia ainda uma luz cambiante.

A casa tinha se recolhido um pouco a seus aspectos mais concretos. A caminho do único cômodo já pronto, cheirando a serragem e madeira molhada, passaram pelas vigas gotejantes de um batente de porta e venceram misteriosos obstáculos que lhes alcançavam a altura da cintura. Quando ele a tomou nos braços, os dois por pouco não conseguiam divisar os olhos um do outro naquela meia escuridão. Ele logo tirou a capa de chuva.

“Espere”, ela disse.

Precisava de um momento. Não via o que aquela relação poderia trazer de positivo e, embora isso não a impedisse de estar feliz e sentir desejo, precisava de um momento para pensar no que era aquilo, para voltar uma hora atrás no tempo e entender como acontecera. Ela esperou em seus braços, movendo a cabeça de um lado para outro levemente, como antes, só que mais lenta, e sem jamais tirar os olhos dos dele. Foi quando descobriu que ele tremia.

Ele se apercebeu no mesmo momento, e seus braços relaxaram. Imediatamente, com voz rouca e provocante, ela lhe falou, ao mesmo tempo que puxava o rosto dele para si. Em seguida, ainda de pé, usando os joelhos e com algum esforço, segurando-o com um dos braços, despiu-se de alguma coisa, que chutou para longe. Ele não tremia mais e a abraçou de novo, enquanto se ajoelhavam juntos e deslizavam para o chão, sobre a capa de chuva.

*

Mais tarde, permaneceram deitados sem dizer nada, e então ele sentiu por ela um amor tão cheio de ternura que a abraçou apertado a ponto de fazer rebentar uma costura do vestido. O pequeno estalo os trouxe de volta à realidade.

“Te ajudo”, ele disse, tomando das mãos dela.

“Espera um pouco. Eu estava pensando numa coisa.”

Ela ficou ali, deitada no escuro, pensando irracionalmente no bebê inteligente e infatigável que teria, mas em seguida deixou que ele a ajudasse a se levantar… Quando voltou ao cômodo, estava iluminado pelo único ponto de luz instalado.

“Um sistema de luz de uma só lâmpada”, ele disse. “Apago?”

“Não. Está bem agradável assim. Quero ver você.”

Sentaram na moldura de madeira da janela, as solas dos sapatos se tocando.

“Você parece distante”, ela disse.

“Você também.”

“Está surpreso?”

“Com o quê?”

“Com o fato de sermos duas pessoas outra vez. Você não pensa — espera — sempre virar uma pessoa só, e aí descobre que ainda são duas?”

“Eu me sinto muito próximo de você.”

“Eu também de você”, ela disse.

“Obrigado.”

“*Eu* é que agradeço.”

Riram.

“Era o que você queria?”, ela perguntou. “Ontem à noite, quero dizer.”

“Não conscientemente.”

“Fico pensando quando foi que tudo se arranjou”, ela meditou. “Tem um momento em que a gente não precisa, e aí, no momento seguinte, sabe que nada neste mundo será capaz de evitar que aconteça.”

Aquilo denotava alguma experiência e, para sua surpresa, gostou dela ainda mais por isso. Para o temperamento dele, afeito à repetição apaixonada, mas não a recapitular o passado, era certo que as coisas devessem ser assim.

“Sou *mesmo* uma mulher rodada”, ela disse, seguindo os pensamentos dele. “Acho que é por isso que não me dei bem com a Edna.”

“Quem é Edna?”

“A garota que você pensou que fosse eu. Aquela pra quem você ligou — que mora em frente à minha casa. Ela se mudou pra Santa Barbara.”

“Quer dizer que era uma prostituta?”

“Parece que sim. Foi morar numa dessas, como dizem vocês, casas de tolerância.”

“Engraçado.”

“Se ela fosse inglesa, eu teria descoberto de cara. Mas parecia igual às outras. Só me contou quando estava indo embora.”

Ele a viu ter um calafrio e se levantou para envolvê-la com a capa de chuva. Abriu um armário e uma pilha de travesseiros e esteiras de praia veio ao chão.

Havia uma caixa de velas, as quais ele acendeu por todo o cômodo, ligando também o aquecedor elétrico à tomada que antes era usada para a lâmpada.

“Por que Edna teve medo de mim?”, ele quis saber, de repente.

“Por você ser um produtor. Tinha tido uma experiência terrível, ou foi uma amiga dela que teve. E acho, também, que ela era tremendamente idiota.”

“Como foi que a conheceu?”

“Ela apareceu lá em casa. Talvez achasse que eu era da mesma laia. Dava pinta de ser uma pessoa muito agradável. Me falou pra chamá-la de Edna, o tempo todo dizia: ‘Por favor, me chame de Edna’; aí finalmente comecei a chamá-la de Edna e ficamos amigas.”

Ela desceu da moldura da janela, de modo que ele pudesse colocar uns travesseiros para se sentarem e como encosto para ela.

“Que é que eu posso fazer?”, ela disse. “Sou uma parasita.”

“Não, não é.” Ele a envolveu nos braços. “Fique paradinha pra se esquentar.”

Ficaram ali, em silêncio, por um tempo.

“Sei por que você gostou de mim no começo”, ela disse. “Edna me contou.”

“O que foi que ela disse?”

“Que me pareço com… Minna Davis. Várias pessoas já me disseram isso.”

Ele se reclinou, afastando-se, e aquiesceu.

“Aqui”, ela disse, levando as mãos às maçãs do rosto e deformando as bochechas de leve. “Aqui e aqui.”

“Sim”, concordou Stahr. “Foi muito esquisito. Você se parece mais com o que ela *era* realmente do que com a Minna das telas.”

Ela se levantou, mudando de assunto com essa atitude, como se tivesse receio de falar daquilo.

“Já me aqueci”, disse. Foi até o armário, deu uma espiada dentro e voltou vestindo um aventalzinho cuja estampa de pequenos cristais lembrava neve. Olhou em volta com ar crítico.

“Claro, a gente acabou de se mudar”, disse, “e há essa espécie de eco aqui.”

Abriu a porta que dava para a varanda e trouxe para dentro duas cadeiras de vime, secando-as. Ele observava seus movimentos, atento, ainda que meio temeroso de que o corpo dela revelasse algum defeito e quebrasse o encanto. Ele havia assistido aos testes de filmagem de mulheres cuja beleza vira desaparecer segundo a segundo, como se uma bela estátua saísse a caminhar sobre as frágeis articulações de uma boneca de papel, mas Kathleen tinha firmeza nos pés — e sua fragilidade não passava de uma ilusão.

“Parou de chover”, ela disse. “Estava chovendo no dia em que cheguei. Uma chuva tenebrosa — um barulhão igual ao de cavalos relinchando.”

Ele riu.

“Você vai acabar gostando. Especialmente se for ficar por aqui. Está pensando em ficar? Não pode me contar agora? Qual é o mistério?”

Ela balançou a cabeça.

“Ainda não — não vale a pena contar.”

“Vem cá, então.”

Ela se aproximou e permaneceu de pé junto de Stahr, que recostou o rosto ao tecido frio do avental.

“Você é um homem cansado”, ela falou, pondo a mão nos cabelos dele.

“Não nesse sentido.”

“Não foi a isso que me referi”, ela se apressou em corrigir. “Quis dizer que você vai acabar ficando doente de tanto trabalhar.”

“Não queira ser minha mãe”, ele disse.

Seja minha amante, pensou. Queria romper com o padrão de sua vida. Se ia morrer em breve, como haviam dito os dois médicos, queria deixar de ser Stahr por um tempo e sair à caça do amor como os homens que nada têm a oferecer, como esses rapazes anônimos que espreitam na escuridão das ruas.

“Você tirou meu avental”, disse ela, suave.

“É.”

“Será que ninguém vai nos ver da praia? Apago as velas?”

“Não, não apague.”

Mais tarde, recostada numa almofada branca, ela sorria para ele.

“Eu me sinto como Vênus em sua meia concha”, falou.

“Por que você pensou nisso agora?”

“Olhe pra mim — não pareço uma figura de Boticelli?”

“Não sei”, respondeu Stahr com um sorriso. “Se você diz.”

Ela bocejou.

“Foi tão bom. E estou gostando tanto de você.”

“Você sabe muito das coisas, não sabe?”

“Como assim?”

“Ah, umas pequenas coisas que você diz. Ou talvez seja o jeito como diz essas coisas.”

Ela ponderou.

“Não sei muito”, disse. “Não fui pra universidade, se é disso que está falando. Mas o cara sobre quem te contei sabia tudo e tinha paixão por me ensinar. Inventava programas de estudos e me fazia frequentar cursos na Sorbonne e ir a museus. Aproveitei alguma coisa.”

“Ele era o quê?”

“Era meio que pintor, um gênio terrível. E muito mais. Queria que eu lesse

Spengler — tudo se resumia a isso. Toda a história e a filosofia e a harmonia, tudo pra que eu pudesse chegar a Spengler, e então eu o abandonei antes. No fim das contas, acho que era essa a principal razão por que ele não queria me deixar ir embora."

"Quem foi Spengler?"

"Pois estou te dizendo que não chegamos lá", ela riu, "e agora estou esquecendo tudo muito pacientemente, pois é improvável que eu vá conhecer outro como ele."

"Ah, mas você não devia esquecer", disse Stahr, chocado. Respeitava muito o aprendizado, tinha uma memória ancestral das *Schules*. "Você não devia esquecer."

"Esse negócio era apenas o substituto dos bebês."

"Você poderia ensinar seus bebês", ele disse.

"Poderia?"

"Claro que poderia. Poderia proporcionar isso a eles enquanto ainda fossem pequenos. Quando preciso saber alguma coisa, tenho de perguntar a algum escritor bêbado. Não jogue fora o que aprendeu."

"Certo", ela disse, e se levantou. "Vou repassar aos meus filhos. Mas é um negócio que nunca acaba, esse — quanto mais a gente sabe, mais existe pra aprender, e não para nunca. Aquele cara podia ter sido qualquer coisa, se não fosse um covarde e um tolo."

"Mas você era apaixonada por ele."

"Ah, sim — de todo o coração." Ela olhou pela janela, protegendo os olhos. "Tem umas luzes lá. Vamos até a praia?"

Ele ficou de pé de um pulo e exclamou: "Nossa, acho que são os cardumes!"

"O quê?"

"É hoje à noite. Está em todos os jornais." Ele correu para fora e ela o ouviu abrindo a porta do carro. Logo voltava com um jornal.

"É às dez e dezesseis. Daqui a cinco minutos."

"Um eclipse ou algo assim?"

"Peixes muito pontuais", ele falou. "Tire os sapatos e as meias e venha comigo."

Era uma bela noite azul. A maré estava mudando, e os peixinhos prateados se espalhavam à beira d'água à espera das dez e dezesseis. Alguns segundos após a hora marcada, os cardumes vieram dar à praia com a maré, e Stahr e Kathleen agora caminhavam de pés descalços por entre eles, saltitantes na areia. Um preto veio na direção dos dois, pela praia, recolhendo os peixes em dois baldes como se catasse gravetos. Surgiam em duplas e trios e em pelotões e

companhias, incansáveis e eufóricos e zombeteiros em redor dos pés enormes dos invasores, assim como já faziam antes de Sir Francis Drake ter fincado sua insígnia num dos rochedos da costa.

“Queria ter outro balde”, disse o preto, parando para descansar um momento.

“Você veio de longe”, falou Stahr.

“Costumava ir a Malibu, mas não gostam que a gente faça isso lá — aquele pessoal do cinema.”

Uma onda quebrou, obrigando-os a recuar, e no rápido refluxo dela a areia voltou a ficar viva.

“Vale a pena vir até aqui?”, quis saber Stahr.

“Não vejo a coisa assim. Na verdade, faço esses passeios pra ler um pouco de Emerson. Já leu?”

“Eu já”, respondeu Kathleen. “Alguma coisa.”

“Tenho um dos livros dele aqui embaixo da camisa. Também trouxe uns autores rosa-cruzes, mas estou enjoado deles.”

O vento havia mudado um pouco — as ondas estavam mais fortes, e eles caminhavam ao longo da linha de espuma na areia.

“O senhor trabalha com quê?”, o preto perguntou a Stahr.

“Com filmes.”

“Ah.” Passado um momento, ele acrescentou: “Nunca vou ao cinema”.

“Por que não?”, devolveu Stahr, direto.

“Não serve pra nada. Nunca deixo meus filhos irem.”

Stahr ficou olhando para ele, e Kathleen para Stahr, numa atitude protetora.

“Alguns filmes são bons”, ela disse, uma onda a borrifá-los; mas o homem não a escutou. Ela acreditou que podia contra-argumentar e repetiu o comentário, e desta vez ele a encarou com indiferença.

“Os rosa-cruzes são contra o cinema?”, Stahr quis saber.

“Acho que não sabem do que são *a favor*. Numa semana é de uma coisa, na seguinte é de outra.”

Já os peixinhos não tinham dúvidas. Meia hora havia se passado e eles continuavam a aparecer. O preto enchera seus dois baldes e, por fim, seguiu praia acima na direção da estrada, sem saber que tinha feito balançar uma indústria.

Stahr e Kathleen voltaram à casa, e ela tentava pensar em como faria para afastar dele aquele baixo-astral momentâneo.

“Coitado desse zambo”, falou.

“Como é?”

“Não é assim que vocês chamam esses pobres coitados, de zambos?”

“Não usamos nenhum nome especial pra eles.” Depois de um momento, ele disse: “Eles têm seus próprios filmes”.

Já na casa, junto ao aquecedor, ela colocou novamente os sapatos e as meias.

“Estou gostando mais da Califórnia agora”, falou, em tom deliberado. “Acho que estava meio faminta de sexo.”

“Não vamos ficar só nisso, vamos?”

“Você sabe que não.”

“É bom estar perto de você.”

Ela soltou um pequeno suspiro ao se levantar, tão pequeno que ele não chegou a notar.

“Não quero mais te perder”, ele disse. “Não sei o que você pensa de mim, ou mesmo se pensa em mim. Como você provavelmente já deve ter adivinhado, meu coração é um túmulo”, ele hesitou, perguntando-se se aquilo era mesmo verdade, “mas você é a mulher mais atraente que conheço desde nem sei mais quando. Não consigo parar de olhar pra você. Não sei, neste momento, qual é exatamente a cor dos seus olhos, mas eles me fazem lamentar por todas as pessoas do mundo que…”

“Para, para!”, ela gritou, rindo. “Você vai me fazer ficar namorando o espelho por semanas. Meus olhos não são de cor nenhuma — são apenas olhos feitos pra ver, e sou tão normal quanto pra mim é possível ser. Tenho dentes bons pra uma garota inglesa…”

“Seus dentes são lindos.”

“… mas não chego aos pés dessas moças que vejo por aí.”

“Para com isso *você*”, ele falou. “O que eu disse é verdade, e sou um homem comedido.”

Ela permaneceu imóvel por um momento — pensando. Olhou para ele, depois de volta para si mesma, em seguida mais uma vez para ele — e então abandonou o que pensava.

“Precisamos ir”, ela disse.

*

Eram pessoas diferentes ao pegarem o caminho de volta. Tinham percorrido a estrada ao longo da costa quatro vezes naquele dia, a cada vez um casal mudado. Deixavam para trás curiosidade, tristeza e desejo; aquele era um verdadeiro retorno — a eles mesmos, a todo o seu passado e o seu futuro e à presença invasora do amanhã. Ele pediu a ela que se sentassem bem perto no carro, e ela atendeu, mas não pareciam próximos, porque para isso é preciso que se esteja ganhando intimidade. Nada é permanente. A língua dele coçava: queria convidá-la a irem dormir na casa alugada onde morava — mas sentiu que isso o

faria parecer solitário. Quando o carro já subia o morro até a casa dela, Kathleen procurou por algo atrás do estofado do assento.

“Perdeu alguma coisa?”

“Talvez tenha caído aqui”, ela falou, tateando dentro da bolsa na escuridão.

“E o que era?”

“Um envelope.”

“Importante?”

“Não.”

Mas, ao chegarem à casa, com as luzes internas acesas, ela o ajudou a remover o encosto e procurou mais uma vez.

“Não importa”, disse, enquanto caminhavam até a entrada. “Qual é o endereço da sua casa de verdade?”

“É só Bel-air. Não tem número.”

“Onde fica Bel-air?”

“É uma espécie de condomínio, perto de Santa Monica. Mas é melhor você me ligar no estúdio.”

“Certo… boa noite, sr. Stahr.”

“*Sr.* Stahr”, ele repetiu, espantado.

Ela se corrigiu, meiga.

“Bem, então boa noite, Stahr. Assim está melhor?”

Ele se sentiu um pouquinho rejeitado.

“Como você quiser”, falou. Recusava-se a deixar transparecer algum distanciamento. Ficou olhando para ela e balançou a cabeça de um lado para o outro, imitando o gesto dela, dizendo sem dizer: “Você sabe o que se passou comigo”. Ela suspirou. Então voltou aos braços dele e, por um momento, era sua de novo, completamente. Antes que pudesse haver alguma nova mudança, Stahr sussurrou um boa-noite e virou as costas para voltar ao carro.

Veloz morro abaixo, escutava o próprio interior como se um tema musical, poderoso, estranho e sólido, de autoria de um compositor desconhecido, estivesse prestes a ser tocado pela primeira vez. Logo soaria a música, mas, como o compositor era novo, ele não reconheceria o tema esperado de imediato. Viria talvez disfarçado no som das buzinas dos carros nos bulevares em tecnicolor lá embaixo, ou então mal se ouviria, um rufar no tambor abafado da lua. Esforçava-se para escutar, sabendo apenas que havia música prestes a começar, nova música, música da qual ele gostava mas não entendia. Era difícil reagir a algo que se poderia abarcar em toda a sua extensão — aquilo era novo, confuso, impossível de interromper ao meio e conduzir o resto com uma antiga partitura.

E havia ainda, persistente, e intimamente ligada à primeira, a questão do

preto que encontrara na praia. Sua figura esperava por Stahr em casa, com os baldes cheios de peixinhos prateados, e estaria à sua espera no estúdio, na manhã seguinte. Tinha dito que não deixava que os filhos escutassem a história de Stahr. Era preconceituoso e estava errado, e alguém, de algum jeito, precisava lhe mostrar isso. Um filme, muitos filmes, uma década de filmes teriam de ser feitos para fazê-lo ver que estava equivocado. Desde o encontro com ele, Stahr já havia descartado quatro projetos — um dos quais programado para entrar em produção naquela semana. Eram filmes limítrofes em termos de interesse, mas, submetendo-os ao crivo do preto, ao menos se dera conta de que eram umas porcarias. E trouxe de volta um filme difícil que havia atirado aos lobos, Brady, Marcus e os demais, indo cuidar de outra coisa. Resgatou aquele em nome do preto.

Ao encostar diante de sua casa, as luzes da varanda se acenderam e o empregado filipino surgiu nos degraus da entrada para levar o carro. Na biblioteca, Stahr encontrou a seguinte lista de telefonemas: La Borwitz

Marcus

Harlow

Reinmund

Fairbanks

Brady

Colman

Skouras
Fleishacker *etc*.
O empregado filipino veio até a sala com uma carta.
“Caiu de dentro do carro”, informou.
“Obrigado”, disse Stahr. “Estava procurando.”
“Vai assistir a algum filme hoje à noite, sr. Stahr?”
“Não, obrigado — pode se recolher.”

A carta, para sua surpresa, estava endereçada ao Ilmo. sr. Monroe Stahr. Começou a abri-la — foi quando lhe ocorreu que ela a estivera procurando para, possivelmente, recolhê-la. Se Kathleen tivesse telefone, ele teria ligado para pedir permissão antes de abrir a correspondência. Manteve-a na mão por um momento. Havia sido escrita antes de se conhecerem — era estranho pensar que, o que quer que estivesse escrito ali, agora não valia mais; interessava apenas como suvenir, por representar um estado de espírito que já não existia.

Ainda assim, ele não gostava da ideia de lê-la sem pedir à moça. Largou a carta junto a uma pilha de roteiros e, pegando o de cima, sentou-se, pousando-o no colo. Estava orgulhoso por ter resistido ao primeiro impulso de abrir a carta. Parecia ser a prova de que não estava “perdendo a cabeça”. Com Minna, isso jamais acontecera, mesmo no início — tinham formado a combinação mais ajustada e régia que se possa imaginar. Ela o amara sempre e, pouco antes de sua morte, ainda que Stahr resistisse e se surpreendesse, foi a ternura dele que rebentou e emergiu, fazendo-o se apaixonar por ela. Apaixonado por Minna e pela morte ao mesmo tempo — pelo mundo no qual ela parecia tão sozinha que ele chegou a desejar ir junto.

Mas nunca fora uma obsessão sua “deixar-se encantar pelas damas” — seu irmão era capaz de se destruir por uma mulher, ou melhor, por uma, depois outra, depois outra. Mas Stahr, em seus anos de juventude, ficava com elas uma vez e só, nunca mais — como quem para no primeiro drinque. Reservava a mente para um tipo bem diverso de aventura — alguma coisa melhor do que uma série de farras emocionais. Como muitos outros homens brilhantes, amadurecera um sujeito totalmente frio. Começou ali pelos doze, provavelmente, com aquela recusa completa comum aos de extraordinária força mental, na base do “Olha isso: está tudo errado — uma desordem — tudo mentira — uma fraude…”, e ele então varreu a coisa toda do caminho, tudo, como fazem os homens da sua espécie; e depois, em vez de se tornar um filho da puta como a maioria deles, olhou em torno, vendo a paisagem infértil que restara, e disse para si mesmo: “Pra *isto aqui*, jamais vou servir”. De modo que tinha tomado a tolerância, a bondade, a indulgência e até mesmo a afeição como lições.

O rapaz filipino voltou com uma garrafa d’água e tigelas contendo nozes e

frutas e desejou boa noite. Stahr abriu o primeiro roteiro e começou a ler.

Leu durante três horas — parava, aqui e ali, para fazer correções com um lápis. Às vezes mirava o teto, reconfortado por algum vago pensamento feliz que não estava no roteiro, e a cada vez demorava um minuto para conseguir lembrar o que era. Então compreendia que era Kathleen e olhava para a carta — era agradável receber uma carta.

Eram três horas da manhã quando uma veia começou a latejar no dorso de uma de suas mãos, sinalizando que era hora de parar. Kathleen estava bem distante agora na noite que se desvanecia — os diferentes aspectos dela projetados na memória de um único e arrebatado estranho, a ele direcionados como resultado de algumas escassas horas. Pareceu-lhe que não havia mais problema em abrir a carta.

Caro sr. Stahr, Dentro de meia hora, vou honrar meu compromisso com o senhor. Quando nos despedirmos, entrego-lhe esta carta. É para lhe dizer que em breve vou me casar e que não poderei mais vê-lo depois de hoje.

Devia ter lhe contado ontem à noite, mas não me pareceu que isso lhe dissesse respeito. E seria uma bobagem desperdiçar uma bela tarde falando disso e vendo seu interesse por mim desaparecer. Que desapareça por completo — agora. A esta altura, já terei dito o suficiente para convencê-lo de que sou digna de um Troféu Abacaxi. (Acabo de aprender esse termo — com minha convidada da noite passada, que ligou e ficou uma hora de visita. Ela parece acreditar que todo mundo merece um Troféu Abacaxi — menos você. Acho que era para eu lhe contar que ela pensa isso, então dê a ela um emprego, se puder.) Fico muito lisonjeada que alguém rodeado de tantas lindas mulheres — não consigo terminar a frase, mas você sabe o quero dizer. E vou me atrasar se não sair agora mesmo para encontrá-lo.

Com meus melhores votos, Kathleen Moore O primeiro sentimento de Stahr se assemelhou a um medo; a segunda coisa que pensou foi que a carta não valia mais — ela chegara mesmo a tentar recolhê-la. Mas então lembrou daquele “sr. Stahr”, nas despedidas, e de que ela havia pedido seu endereço — provavelmente já teria escrito outra carta dizendo, igualmente, adeus. Ficou chocado com a indiferença da carta em relação ao que acontecera depois, embora não houvesse lógica nisso. Leu-a novamente, reparando que não antecipava nada. E, no entanto, chegando em casa ela havia desistido de recuperá-la para si, diminuindo a importância dos acontecimentos todos, desviando a mente do fato de que nenhum outro homem ocupara sua consciência naquela tarde. Mas ele nem conseguia mais acreditar nisso agora, e a aventura toda começava a se desfazer no momento mesmo em que, investigando, a recapitulava. O carro, a

montanha, o chapéu, a música, a própria carta se desintegravam como restos de papelão entre os detritos da casa em construção. E Kathleen partia, levando na bagagem a lembrança de seus gestos, a cabeça que se movia suave, o corpo rijo e ardente, os pés descalços na areia úmida e revolta. Os céus empalideceram e escureceram — o vento e a chuva, agora lúgubres, carregaram os peixinhos prateados de volta ao mar. Mais um dia, só isso, e tudo que restava sobre a mesa era a pilha de roteiros.

Subiu para o outro piso. Minna voltou a morrer depois do primeiro lance de escadas, e ele então a esqueceu de novo, absorta e miseravelmente, passo a passo até o último degrau. O andar vazio se estendeu ao redor — portas detrás das quais não havia ninguém dormindo. No quarto, Stahr tirou a gravata, desamarrou os sapatos e se sentou na beirada da cama. A coisa toda tivera seu desfecho, exceto por algo que não conseguia lembrar o que era; por fim lembrou: o carro dela tinha ficado no estacionamento do hotel. Programou o despertador para ter seis horas de sono.

*

Aqui é Cecilia retomando a história. Acho que seria de grande interesse acompanhar o que eu mesma fazia a essa altura, uma vez que estamos falando de uma época da minha vida da qual me envergonho. As coisas de que as pessoas se envergonham geralmente rendem boas histórias.

Quando mandei que Wylie fosse dar uma sondada na mesa de Martha Dodd, ele não conseguiu descobrir quem era a moça, mas súbito aquilo havia se tornado meu principal interesse na vida. Também tinha o palpite — correto — de que era igualmente o de Martha Dodd. Ter à sua mesa uma garota que é admirada pela realeza, reconhecida pela coroa em nosso pequeno sistema feudal — e nem ao menos saber seu nome!

Apenas uma pessoa que eu conhecia costumava falar com Martha, e seria óbvio demais ir até ela, mas fui ao estúdio na segunda e dei uma passada no escritório de Jane Meloney.

Jane Meloney era bem amiga minha. Eu a via mais ou menos como uma criança vê um agregado da família. Sabia que ela era roteirista, mas cresci pensando que roteiristas e secretárias eram a mesma coisa, porém sem deixar de levar em conta que roteiristas geralmente cheiravam a bebida e apareciam para jantar com mais frequência. A maneira de se referir a ambas as categorias era a mesma quando não estavam por perto — a exceção era a espécie a que chamavam dramaturgos, os quais vinham da Costa Leste. Eram tratados com respeito mesmo na sua ausência — se estavam presentes, acabavam misturados com os demais na classe genérica de pessoal do escritório.

A sala da Jane ficava no “prédio dos roteiristas veteranos”. Havia um em

cada equipe, uma turma de remanescentes dos tempos do cinema mudo emitindo lamúrias monocórdias de redatores e vadios enclausurados. Contava-se a história de um novo produtor que, vendo aquilo, acorreu excitado ao chefe: “Quem são aqueles sujeitos?”

“É pra serem roteiristas.”

“Foi o que pensei. Bem, fiquei observando uns dez minutos e dois deles não escreveram sequer uma linha.”

Jane estava a postos em sua máquina de escrever, preparando-se para a hora do almoço. Fui direta e disse a ela que tinha uma rival.

“É um mistério”, falei. “Não consegui nem descobrir o nome dela.”

“Ah”, disse Jane. “Bem, talvez eu esteja sabendo de algo a respeito. Ouvi alguém comentar alguma coisa.”

Alguém, claro, era seu sobrinho, Ned Sollinger, contínuo no escritório de Stahr. Um dia fora o orgulho e a esperança dela. Mandou-o estudar na Universidade de Nova York, onde ele chegou a jogar no time de futebol. Então, cursando o primeiro ano da faculdade de medicina, depois de levar um fora, dissecou aquela parte menos publicável do cadáver de uma senhora e a enviou para a garota que o preterira. Não me pergunte por quê. Tendo caído em desgraça com a sorte e aos olhos dos homens, recomeçou de baixo, e lá continuava.

“O que você sabe?”, perguntei.

“Foi na noite do terremoto. A moça caiu no lago do terreno dos fundos, e ele mergulhou para salvá-la. Outra pessoa me contou que ela havia se atirado da sacada dele e quebrado o braço.”

“Quem era ela?”

“Bem, isso também é curioso…”

O telefone tocou, e esperei impaciente enquanto ela mantinha uma longa conversa com Joe Reinmund. Ele parecia estar tentando, pelo telefone, descobrir se ela era mesmo boa com roteiros, ou se algum dia tinha de fato escrito algum. E isso porque circulava a história de que Jane teria estado presente no set no dia em que Griffith inventou o *close*! Reinmund falava e ela murmurava entre resmungos, contorcia-se, fazia caretas para o aparelho, depois o colocava sobre o colo, de modo que a voz apenas ressoasse ao longe — e ainda mantinha uma conversa paralela comigo.

“Por que ele faz isso — pra matar tempo entre dois compromissos?… Já me perguntou essas mesmas coisas umas dez vezes… respondi tudo num memorando que mandei pra ele…”

E para o telefone: “Se isso chegar ao Monroe, não me responsabilizo. Quero levar o negócio até o final.”

Fechou os olhos, agoniada de novo.

“Agora resolveu fazer seleção de elenco… e do elenco secundário… quer colocar o Bubby Ebson… Meu Deus, não tem mesmo o que fazer… agora está falando do Walter Davenport — ele quer dizer o Donald Crisp… está com uma enorme lista de atores aberta no colo, dá pra ouvi-lo virando as páginas… está se achando um cara muito importante hoje… um segundo Stahr, mas, pelo amor de Deus, tenho duas cenas pra escrever antes de ir almoçar.”

Reinmund finalmente desligou, ou acabou interrompido por alguém. Um garçom veio do refeitório com o almoço da Jane e uma coca-cola para mim — eu não estava almoçando durante aquele verão. Jane datilografou uma frase antes de começar a comer. Certo dia, eu estava por ali e ela, junto com um jovem roteirista, surrupiou uma história do *Saturday Evening Post* — mudando os personagens e tal. Aí passaram a escrever o enredo, cada linha de diálogo respondendo à linha anterior, e, claro, soava exatamente como gente da vida real empenhada em comunicar alguma coisa — graça ou delicadeza ou bravura. Sempre quis ver aquilo na tela, mas por alguma razão deixei passar.

Eu a achava tão adorável quanto um velho brinquedo barato. Faturava três mil por semana, e todos os seus maridos bebiam e a espancavam quase até matá-la. Mas naquele dia eu tinha um assunto importante para tratar ali.

“Você não sabe o nome dela?”, insisti.

“Ah…”, disse Jane, “é isso que você quer saber. Bem, ele ficou ligando pra ela depois, e disse à Kate Doolan que, no fim, era o nome errado.”

“Acho que ele a encontrou”, falei. “Você conhece Martha Dodd?”

“Não é que ela acabou mesmo muito mal, então!”, exclamou Jane, em pronta e afetada demonstração de solidariedade.

“Você poderia convidá-la pra almoçar amanhã?”

“Ah, mas acho que pelo menos pra comer ela ganha. Tem um mexicano que…”

Expliquei que minhas razões não eram exatamente filantrópicas. Jane concordou em ajudar. Ligou para Martha Dodd.

No dia seguinte, almoçamos juntas no Bev Brown Derby, um restaurante modorrento cuja cozinha era apreciada por clientes que pareciam sempre a fim de uma soneca. No almoço era mais animado, com algumas mulheres em polvorosa nos primeiros cinco minutos após terminarem a refeição, mas formávamos um trio morno. Devia ter exposto logo de cara minha curiosidade. Martha Dodd era uma moça do campo que nunca chegara a compreender totalmente o que lhe acontecera, o que não trouxera para ela vantagem alguma exceto uma expressão cansada nos olhos. Continuava a acreditar que a vida que havia experimentado é que era real, e o resto, apenas uma longa espera.

“Eu tinha uma casa linda em 1928”, ela nos contou, “mais de doze hectares

de terreno, um campo de minigolfe e uma piscina, mais uma vista maravilhosa. Chegava a enjoar com tantas margaridas na primavera.”

Acabei por convidá-la a ir conhecer o papai. Puro remorso, porque tinha “segundas intenções” e me envergonhava disso. Não se deve agir com motivos escusos em Hollywood — causa confusão. Todo mundo percebe e a gente acaba desgastada. Uma segunda intenção, ali, é um claro desperdício.

Jane se separou de nós na entrada do estúdio, irritada com minha atitude covarde. Martha havia se preparado internamente para encarar as possibilidades de sua carreira — que não eram das maiores, por causa de sete anos de ostracismo, mas equilibravam-se numa espécie de tenso consentimento, e eu seria veemente ao falar com papai. Eles nunca faziam muito por gente como Martha, que tanto dinheiro havia ajudado a faturar em certa época. Deixavam que essas pessoas caíssem na penúria, relegadas a trabalhos temporários — fariam melhor se as deportassem da cidade. E papai andava orgulhosíssimo de mim naquele verão. Eu precisava o tempo todo controlá-lo para que não saísse dizendo a todo mundo quanto minha educação havia sido isso e aquilo para resultar numa joia tão perfeita. E Bennington — ah, uma escola para poucos —, meu Deus, que vergonha. Garanti ao papai que, entre as estudantes, havia uma proporção normal de nascidas para camareiras e lavadoras de pratos, apenas disfarçadas pelo bom gosto dos figurinos chiques da Quinta Avenida; mas ele falava praticamente como um ex-aluno da minha faculdade. “Você teve de tudo”, costumava dizer alegremente. Tudo, aí incluídos, numa conta básica, os dois anos que passei em Florença, onde consegui, contra todos os mais certeiros prognósticos, permanecer como a única virgem do curso, e meu baile de debutantes em Boston, Massachusetts. Eu era uma autêntica flor da boa e velha aristocracia capitalista.

De modo que eu sabia que, de seu escritório, ele faria alguma coisa por Martha Dodd, e sonhei alto que talvez ajudasse também o caubói Johnny Swanson, e Evelyn Brent, e toda sorte de flores descartadas. Papai era um homem charmoso e simpático — exceto daquela vez que o encontrei em Nova York sem estar esperando — e havia algo de tocante no fato de ser o meu pai. Afinal de contas, era o *meu* pai — e faria qualquer coisa no mundo por mim.

Apenas Rosemary Schmiel estava na sala de espera do escritório, falando no telefone de Birdy Peters. Fez sinal para que eu sentasse, mas, empolgada com meus planos, disse a Martha para ficar à vontade, apertei o botão mágico sob a mesa de Rosemary e segui em direção à porta que se abria.

“Seu pai está em reunião”, gritou Rosemary. “Não exatamente em reunião, mas devo…”

A essa altura eu já atravessara a porta e o vestíbulo e outra porta, e então vi

papai em mangas de camisa, muito suado, tentando abrir uma janela. Era um dia quente, mas não havia me dado conta de quanto, e pensei que ele estava doente.

"Não, não, estou bem", disse. "O que houve?"

Expliquei a ele. Expliquei a teoria completa sobre pessoas como Martha Dodd, enquanto zanzava de um lado para o outro no escritório. Como dar um jeito de aproveitá-las e lhes garantir emprego regular? Papai parecia ter se entusiasmado com minhas ideias, e fazia que sim com a cabeça, aquiescendo, havia muito tempo que não me sentia tão próxima dele. Cheguei mais perto e dei-lhe um beijo no rosto. Ele tremia, a camisa ensopada.

"Você está doente", falei, "ou então está muito estressado."

"Não, não estou, de verdade."

"O que foi?"

"Ah, é o Monroe", ele disse. "Aquele desgraçado pensa que é o messias de Vine Street. Não sai do meu pé, dia e noite!"

"O que aconteceu?", eu quis saber, muito mais calma.

"Ah, ele fica lá, como se fosse um desgraçado de um sacerdote ou rabino, dizendo o que vai fazer e o que não vai. Não posso te contar agora — estou meio atarantado. Por que você não vai indo na frente?"

"Não com você nesse estado."

"Vamos, ande!" Farejei, mas ele jamais bebia.

"Vá pentear esse cabelo", falei. "Quero que você receba Martha Dodd."

"Mas aqui! Nunca mais vou me livrar dela."

"Lá fora, então. Vá se lavar primeiro. E trocar essa camisa."

Num gesto de exagerada impaciência, ele foi até o banheirinho adjacente. Fazia calor no escritório, como se tivesse estado fechado por horas, e talvez fosse isso o que o deixara doente, então abri outras duas janelas.

"Vá indo na frente", ele gritou detrás da porta trancada do banheiro. "Já vou."

"Seja muitíssimo simpático com ela", falei. "Nada de caridade."

Como se fosse a própria Martha a se manifestar, um longo lamento saiu de algum lugar da sala. Fiquei sobressaltada — em seguida, quando se repetiu, atônita; o ruído não vinha do banheiro onde o papai estava, não vinha de fora do escritório, e sim do armário na parede à minha frente. De onde tirei coragem, não sei, mas avancei para lá e abri a porta, e então a secretária do papai, Birdy Peters, despencou lá de dentro, nua — como um cadáver de filme. Com ela veio uma lufada de ar abafadiço e sufocante. Tombou de lado, uma das mãos ainda agarrada a algumas roupas, e ali ficou, no chão, banhada em suor — foi quando o papai saiu do banheiro. Eu podia senti-lo atrás de mim e, sem precisar me voltar, sabia exatamente qual era sua expressão, pois já o havia surpreendido

outras vezes.

“Cubra ela”, falei, cobrindo-a eu mesma com a capa do sofá. “Cubra!”

Saí do escritório. Rosemary Schmiel viu minha cara ao partir e reagiu com uma expressão aterrorizada. Nunca mais a vi, nem Birdy Peters. Quando íamos embora, Martha perguntou: “Qual é o problema, querida?” — e, como eu não respondia: “Você fez o melhor que pôde. Não era uma boa hora, provavelmente. Sabe o que eu vou fazer? Vou levar você pra conhecer uma garota inglesa muito simpática. Você viu a moça sentada à nossa mesa, aquela com quem Stahr dançou na outra noite?”.

De modo que, pagando o preço de uma pequena incursão ao esgoto da família, consegui o que queria.

*

Não lembro de muita coisa da visita. E um bom motivo era porque ela não estava em casa. Com a porta da frente destrancada, Martha foi entrando e chamando “Kathleen” com alegre familiaridade. A sala era despojada e formal como a de um hotel; havia flores à vista, mas não pareciam ter sido mandadas para ela. Martha encontrou ainda um bilhete sobre a mesa que dizia: “Deixe o vestido. Saí pra procurar emprego. Passo amanhã”.

Martha o leu duas vezes, mas não parecia ser endereçado a Stahr, e esperamos uns cinco minutos. As casas parecem mortas quando seus donos não estão. Não que eu esperasse vê-las saracoteando por aí, mas deixo a observação a quem interessar possa. Parecem bem mortas. Solenes, quase, uma mosca apenas tomando conta, e que não dá a mínima para quem chega, uma ponta de cortina esvoaçante.

“Só fico me perguntando que tipo de emprego”, disse Martha. “Domingo passado ela foi a algum lugar com Stahr.”

Mas eu não estava mais interessada. Parecia uma coisa terrível estar ali — sangue de produtor, pensei, horrorizada. E, num pânico repentino, puxei-a para fora, para a luz do sol. Não adiantou — eu me sentia péssima, deprimida. Sempre tivera orgulho do meu corpo — imaginava-o um corpo geométrico, e por isso tudo o que ele fazia parecia certo. E não existia, provavelmente, nenhum tipo de lugar, incluindo igrejas, escritórios e santuários, onde pessoas já não tivessem se abraçado — mas nunca ninguém havia me enfiado nua num buraco na parede, e no meio de um dia de trabalho.

*

“Se você estivesse numa farmácia”, disse Stahr, “pegando uma receita…”

“Você quer dizer numa drogaria?”, perguntou Boxley.

“Se estivesse numa drogaria”, concedeu Stahr, “pegando uma receita para alguma pessoa da sua família que estivesse muito doente…”

“… muito enferma?”, atalhou Boxley.

“Muito enferma. É *bem aí* que, se alguma coisa chamasse sua atenção lá fora, pela janela, qualquer coisa que o distraísse e mantivesse assim, seria provavelmente bom material pra cinema.”

“Um assassinato visto pela janela, você quer dizer.”

“Isso mesmo”, disse Stahr, sorrindo. “Poderia ser uma aranha fazendo sua teia na vidraça.”

“Claro… entendo.”

“Acho que não entende não, sr. Boxley. O senhor vê a coisa como deve ser na *sua* forma de expressão, não na nossa. Fica com as aranhas para o senhor e tenta colocar os assassinatos na nossa conta.”

“Eu devia ir embora”, falou Boxley. “Não sirvo pra vocês. Faz três semanas que estou aqui e não consegui fazer nada. Sugiro coisas, mas elas nunca vão para o papel.”

“Quero que fique. Alguma coisa no senhor não gosta de cinema, não gosta de contar uma história dessa forma…”

“É uma chateação desgraçada”, desabafou Boxley. “A gente não consegue se soltar…”

Conteve-se. Sabia que Stahr, o comandante, encontrava tempo para ele em meio a uma constante e compacta ventania — conversavam por sobre o rangido ininterrupto do cordame de um navio singrando em formidáveis e complicadas amuras no mar aberto. Ou então — parecia, às vezes — estavam numa enorme pedreira, onde até o mármore recém-cortado continha traços de antigos frontões, de inscrições meio apagadas do passado.

“Sempre fico querendo que fosse possível começar de novo”, disse Boxley. “O problema é essa produção em massa.”

“Essa é a condição”, falou Stahr. “Sempre há de existir uma. Estamos filmando a história de Rubens — suponha que eu te pedisse que retrate gente tola e rica como Bill Brady e eu, Gary Cooper e Marcus, quando o que você queria era pintar Jesus Cristo. Você não encararia como uma condição? A condição aqui é que temos de pegar o que as pessoas gostam de mais folclórico, embalar e devolver a elas. Qualquer coisa além disso é luxo. O senhor não é capaz de nos dar algum luxo, sr. Boxley?”

Boxley sabia que podia se juntar a Wylie White naquela mesma noite, no Troc, para falarem mal de Stahr, mas estava lendo Lord Charnwood e reconhecia que o outro, como Lincoln, era um líder conduzindo uma guerra em muitas frentes de batalha; sozinho, praticamente, tinha feito o cinema avançar de uma arrancada na última década, a ponto de o conteúdo das produções de primeira linha ter se tornado mais rico e de maior escopo do que aquilo que se

apresentava nos palcos. Stahr só se tornara um artista, assim como Lincoln um general, por necessidade e de forma autodidata.

"Venha ao escritório de La Borwitz comigo", disse. "Eles certamente estão precisando de um toque de luxo por lá."

Na sala de La Borwitz, dois roteiristas, uma estenógrafa e um supervisor de poucas palavras continuavam no mesmo impasse tenso e enfumaçado em que Stahr os deixara três horas antes. Encarou o rosto de um por vez e nada encontrou. Derrotado, La Borwitz falou com temor reverente.

"É que temos personagens demais, Monroe."

Stahr, afável, bufou.

"Essa é a ideia principal do filme."

Tirou uns trocados do bolso, olhou para a luminária do teto e lançou para o alto uma moeda de cinquenta centavos, que tilintou dentro do lustre. Examinou as moedas em sua mão e escolheu uma de vinte e cinco.

La Borwitz o observava com ar miserável; sabia que aquele era um dos truques preferidos de Stahr, e a areia da ampulheta já se esgotava. Naquele momento estavam todos de costas para La Borwitz. Súbito, ele tirou as mãos de sua plácida posição sob a mesa e as lançou bem alto no ar, tão alto que elas pareceram se soltar dos pulsos — e então ele as apanhou de volta, certeiro, quando caíram. Depois disso se sentiu melhor. Estava controlado.

Um dos roteiristas tinha sacado algumas moedas também, e logo foram definidas as regras. "A ideia é lançar a moeda tentando fazê-la passar entre as correntes do lustre. A que cair lá dentro acumula como aposta."

Jogaram por mais ou menos meia hora — todos menos Boxley, que se abancou de lado e mergulhou no roteiro, e a estenógrafa, que ficou computando os pontos. Calculou o prejuízo de ter os quatro sem trabalhar e chegou à cifra de mil e seiscentos dólares. Ao final, La Borwitz foi o vencedor, com cinco dólares e cinquenta de arremessos certos, e um porteiro trouxe uma escada portátil para que o dinheiro fosse retirado do lustre.

Boxley se manifestou de repente.

"Isto aqui é encheção de linguiça", disse.

"O quê!"

"Não é cinema."

Voltaram-se para ele, atônitos. Stahr disfarçou um sorriso.

"Então temos aqui um verdadeiro especialista em filmes!", exclamou La Borwitz.

"Um monte de belas falas", continuou Boxley, atrevido, "mas nenhuma situação dramática. Afinal de contas, isto aqui não é um romance, certo? E está muito longo. Não consigo descrever exatamente o que me incomoda, mas não

está funcionando muito bem. E não me empolga.”

Estava devolvendo na mesma moeda o que vinha escutando havia três semanas. Stahr ficou olhando de longe, espiando os demais com o canto do olho.

“Não precisamos de *menos* personagens”, falou Boxley. “Precisamos de *mais*. Essa é a ideia, pelo que entendo.”

“Essa é a ideia”, disseram os roteiristas.

“É… essa é a ideia”, repetiu La Borwitz.

Boxley se sentiu inspirado pela atenção que atraíra.

“Vamos deixar que cada personagem se veja no lugar de outro”, continuou. “O policial está prestes a prender o ladrão quando percebe que o outro, na verdade, tem a *sua* cara. Quero dizer, mostramos desse jeito. Quase daria pra dar um título assim: *Ponha-se no meu lugar*.”

De repente retomaram o trabalho — tocando variações sobre o tema como se fossem jazzistas numa banda de suingue em plena atividade. Talvez desistissem de tudo novamente no dia seguinte, mas a sala voltou a ganhar vida por um momento. O jogo de moedas tivera tanto efeito quanto a fala de Boxley. Stahr havia recriado a atmosfera propícia — sem jamais consentir com o papel de guia que conduzia os demais, mas se sentindo e agindo e até, por vezes, parecendo um garotinho dando seu show.

Ao sair, tocou de passagem o ombro de Boxley, num cumprimento deliberado — não queria que, passada uma hora, tivessem se unido contra ele e lhe tirassem o entusiasmo.

*

O dr. Baer o aguardava no escritório. Com ele, estava um rapaz de cor com um cardiógrafo portátil parecendo uma enorme mala. Stahr chamava aquilo de detector de mentiras. Tirou a camisa para que o exame semanal tivesse início.

“Como tem se sentido?”

“Ah… normal”, disse Stahr.

“Uns maus bocados? Tem conseguido dormir?”

“Não… umas cinco horas. Se vou cedo pra cama, simplesmente fico lá deitado.”

“Tome os comprimidos.”

“O amarelo me dá ressaca.”

“Tome dois dos vermelhos, então.”

“Esse negócio é um pesadelo.”

“Tome um de cada… o amarelo primeiro.”

“Certo, vou tentar. Como *você* tem passado?”

“Digamos que… eu me cuido, Stahr, me preservo.”

“Se cuida nada… passa a noite em claro, às vezes.”

“E então durmo o dia seguinte inteiro.”

Depois de dez minutos, Baer disse: “Parece que está tudo bem. A pressão sanguínea subiu cinco pontos.”

“Que bom”, falou Stahr. “Isso é bom, não é?”

“É bom, sim. Vou revelar os cardiogramas hoje à noite. Quando é que tiramos umas férias, você e eu?”

“Ah, uma hora dessas”, disse Stahr, descontraído. “Mais umas seis semanas e as coisas se acalmam.”

Baer olhou para ele com um afeto genuíno, que só fizera crescer naqueles últimos três anos.

“Você melhorou em 1933, quando deu uma descansada”, falou. “Mesmo tendo parado só por três semanas.”

“Vou fazer isso de novo.”

Não, não vai, pensou Baer. Com a ajuda de Minna, ele o havia obrigado a alguns curtos períodos de folga, anos antes, e ultimamente dava umas indiretas, tentando descobrir quem eram as pessoas que Stahr considerava seus amigos mais próximos. Quem seria capaz de tirá-lo da rotina e mantê-lo afastado? Algo que quase certamente seria inútil. A morte chegaria em breve para ele, agora. Em coisa de seis meses, podia-se prever, definitivamente. Qual seria o propósito de revelar os cardiogramas? Não dava para convencer um homem como Stahr a parar, deitar e ficar olhando o céu por seis meses. Ele preferiria morrer. Dizia outra coisa, mas, no fim, mantinha a clara urgência por uma total exaustão a que já se entregara antes. A fadiga era uma droga tanto quanto um veneno, e Stahr obtinha, aparentemente, certo prazer raro e quase físico de trabalhar zonzo de cansaço. Era uma perversão da força vital já conhecida do médico, mas que ele quase havia deixado de tentar controlar. Tinha curado um ou outro homem — vitórias inúteis, em que da matança sobravam os cartuchos.

“Mantenha a moderação”, disse Baer.

Trocaram um olhar. Será que Stahr sabia? Provavelmente. Mas não sabia quando — não sabia que seria tão breve.

“Se moderar, não posso pedir mais”, falou Stahr.

O rapaz de cor havia terminado de recolher a parafernália.

“Mesmo horário na semana que vem?”

“Ok, Bill”, disse Stahr. “Tchau.”

Quando a porta se fechou, Stahr ligou o ditafone. A voz da srta. Doolan soou imediatamente.

“O senhor conhece alguma Kathleen Moore?”

“Como assim?”, ele perguntou, surpreso.

“Tem uma srta. Kathleen Moore na linha. Diz que o senhor pediu a ela que

ligasse.”

“Ora, meu Deus!”, ele exclamou. Foi tomado de um arrebatamento indignado. Tinham se passado cinco dias — aquilo não ia dar certo, não mesmo.

“Ela está aguardando?”

“Sim.”

“Bem, então pode passar a ligação.”

Um momento depois, ouviu a voz soar perto dele.

“Você se casou?”, quis saber, o tom baixo e enfadado.

“Não, ainda não.”

Seu rosto e sua forma estavam bloqueados na memória — ele ali, sentado, e ela parecia se inclinar por sobre a escrivaninha, encarando-o à altura dos olhos.

“O que você pretende?”, ele perguntou na mesma voz mal-humorada. Era difícil falar naquele tom.

“Você recebeu mesmo a carta?”, ela perguntou.

“Sim. Chegou naquela noite.”

“É sobre isso que quero falar com você.”

Enfim soube como agir — indignadamente.

“O que há pra conversar a respeito?”, inquiriu.

“Tentei te escrever outra carta, mas não consegui.”

“Isso eu também já sei.”

Houve uma pausa.

“Ah, anime-se!”, disse ela, surpreendentemente. “Esse não parece você. É Stahr *mesmo* quem está falando, não é? Aquele sr. Stahr tão afável?”

“Eu me sinto um pouco indignado”, ele disse, de forma quase pomposa. “Não vejo qual é o propósito disto. Pelo menos eu tinha guardado uma agradável lembrança sua.”

“Não acredito que seja você”, ela falou. “A próxima coisa que vai fazer é me desejar sorte.” De repente soltou uma risada: “Foi isso que você planejou dizer? Sei como é horrível quando a gente planeja dizer uma coisa…”

“Nunca esperei que você voltasse a me procurar”, disse ele, digno; mas não adiantou, ela deu outra risada — um riso de mulher que é como o de uma criança, uma só sílaba, um gritinho de deleite.

“Sabe como você faz com que eu me sinta?”, ela perguntou. “Como num dia em Londres, durante uma infestação de lagartas, em que uma coisa quente e peluda caiu na minha boca.”

“Sinto muito.”

“Ah, por favor, acorde”, ela implorou. “Quero te ver. Não dá pra explicar as coisas pelo telefone. Pra mim também não foi fácil, entenda.”

“Estou muito ocupado. Tem uma pré-estreia em Glendale hoje à noite.”

“Está me convidando?”

“George Boxley, o escritor inglês, também vai.” Ele surpreendeu a si mesmo. “Quer vir conosco?”

“Como poderíamos conversar?”

Ela ponderou. “Por que não me liga depois da sessão?”, sugeriu. “A gente poderia ir dar uma volta.”

A srta. Doolan tentava, no enorme ditafone, entrar na linha com um diretor que naquele momento estava em filmagem — a única interrupção permitida. Ele girou o botão e bradou um “espere” impaciente para a máquina.

“Lá pelas onze?”, prosseguiu Kathleen, em tom de segredo.

A ideia de “ir dar uma volta” parecia tão insensata que, se tivesse conseguido pensar nas palavras para declinar do convite, ele as teria dito, mas não queria ser uma lagarta. Súbito não restava nele nenhuma outra atitude além da sensação de que, ao menos, o dia estava completo. Tinha agora uma noite — um começo, um meio e um fim.

*

Ele bateu na porta de tela, ouviu-a gritar lá de dentro e ali ficou, esperando no último degrau antes da entrada. De um ponto mais abaixo, vinha o zunido de um cortador de grama — um homem aparava o gramado à meia-noite. A lua estava tão brilhante que, quando o rapaz parou para descansar, apoiando-se no cabo do aparelho antes de voltar a empurrá-lo, cruzando o jardim, Stahr pôde vê-lo claramente, uns trinta metros adiante e abaixo. Havia uma agitação de meio de verão lá fora — início de agosto, com seus amores imprudentes e crimes impulsivos. Uma vez que pouca coisa mais se podia esperar do verão, tentava-se ansiosamente viver no presente — ou, se não houvesse presente, inventar um.

Ela apareceu, enfim. Estava toda diferente e feliz. Vestia um conjunto cuja saia não parava de puxar para cima no caminho até o carro, com um jeito vistoso, alegre, estimulante e despreocupado de quem diz: “Aperte o cinto, baby. Vamos nessa”. Stahr tinha trazido sua limusine com chofer, e a intimidade do interior do carro, às sacudidelas em mais uma curva na escuridão, dissipou de vez qualquer estranheza. A seu modo, o pequeno trajeto que fizeram foi um dos melhores momentos de toda a sua vida. Certamente um momento em que, caso ele soubesse que estava para morrer, saberia que não era naquela noite.

Ela lhe contou sua história. Sentou-se ao lado dele tranquila e luminosa por um tempo, ganhando embalo, excitada, levando-o com ela a lugares distantes, conhecendo e encontrando as pessoas que já conhecia. A história era vaga de início. “Aquele Cara” era o que ela havia amado e com quem tinha vivido. “Esse Americano” era o que a havia resgatado quando afundava em areia movediça.

“Quem é ele, o Americano?”

Ah, nomes… de que importavam? Nenhum tão importante quanto Stahr, nem tão rico. Ele tinha morado em Londres e agora ambos morariam ali. Ela seria uma boa esposa, uma pessoa real. Ele estava se divorciando — não apenas por causa dela — e isso adiava um pouco as coisas.

“Mas e o primeiro cara?”, Stahr quis saber. “Como é que você se meteu nessa?”

Ah, no começo foi uma bênção. Dos dezesseis aos vinte e um anos, o problema havia sido comida. No dia em que a madrasta a apresentou ao Tribunal, as duas tiveram que comer com um xelim, o mínimo para não desmaiarem de fraqueza. Um pedaço a seis pence, mas a madrasta ficou observando enquanto ela comia. Morreu depois de alguns meses, e ela teria vendido o próprio corpo por aquele xelim, se não estivesse debilitada demais para ir para a rua. Londres pode ser hostil — ah, se pode.

Ela contava com alguém?

Havia os amigos, na Irlanda, que enviavam manteiga. Havia o sopão. Havia as visitas a um tio, que lhe dava uns adiantamentos quando ela estava de estômago cheio, e ela pedia mais e conseguia cinquenta libras para não contar à esposa dele.

“Não dava pra você trabalhar?”, perguntou Stahr.

“Eu trabalhava. Vendia carros. Vendi um, certa vez.”

“Mas não dava pra você ter um emprego normal?”

“É difícil… é diferente. Havia a sensação de que gente como eu tirava os empregos de outras pessoas. Uma mulher me agrediu quanto tentei conseguir uma vaga como arrumadeira num hotel.”

“Mas você tinha passado por um Tribunal?”

“Foi minha madrasta quem fez isso — uma tentativa desesperada. Eu não era ninguém. Meu pai foi abatido pelos Black-and-Tans em 1922. Escreveu um livro chamado *Last Blessing*. Você já leu?”

“Não leio.”

“Queria que você comprasse os direitos de adaptação. É um bom livrinho. Até hoje recebo os direitos — dez xelins por ano.”

Aí ela conheceu “O Cara”, e eles deram a volta ao mundo. Ela já estivera em todos os lugares sobre os quais Stahr tinha feito filmes, e vivera em cidades de cujo nome ele jamais ouvira falar. Então “O Cara” entrou em decadência, bebendo e dormindo com as empregadas, tentando empurrá-la para os amigos. Estes, todos, tentavam convencê-la a continuar com ele. Diziam que ela o salvara e agora precisava se manter firme por mais tempo, indefinidamente, até o fim. Era seu dever. Fizeram uma enorme pressão. Mas ela havia conhecido O Americano e, por fim, se mandou.

“Você devia ter dado o fora antes.”

“Bem, sabe, era difícil.” Ela hesitou, e acabou decidindo falar. “Sabe, eu estava fugindo de um rei.”

Os parâmetros morais dele, de certa forma, desabaram — ela conseguira sobrepujá-lo. Uma confusão de pensamentos atravessou-lhe a galope a cabeça — um deles, um vago e antigo credo de que toda realeza é doentia.

“Não era o rei da Inglaterra”, ela falou. “Meu rei estava desempregado, como ele mesmo costumava dizer. Tem um monte de reis em Londres.” Ela riu — depois acrescentou, quase desafiadora: “Ele era muito atraente, até começar a beber e aprontar todas”.

“E ele era rei do quê?”

Ela lhe disse — e Stahr visualizou o rosto num velho cinejornal.

“Era um homem muito culto”, ela falou. “Seria capaz de ensinar todo tipo de assunto. Mas não se parecia muito com um rei. Não como você parece. Nenhum deles parecia.”

Dessa vez foi Stahr que riu.

“Você sabe o que eu quero dizer. Todos eles se sentiam antiquados. A maioria tentava com grande esforço se manter atualizada. Um era sindicalista, por exemplo. E outro costumava carregar com ele umas matérias sobre quando fora semifinalista de um torneio de tênis. Vi aqueles recortes uma dúzia de vezes.”

Seguiram rodando, atravessaram Griffith Park e além, passando pela escuridão dos estúdios em Burbank, pelos aeroportos e, no caminho de Pasadena, pelos letreiros de neon dos cabarés à beira da estrada. Em sua cabeça, ele a queria, mas era tarde, e a viagem, por si só, um prazer irresistível. Deram-se as mãos e, a certa altura, ela se aproximou e, em seus braços, disse: “Ah, você é *tão* gentil. Gosto *mesmo* de estar com você”. Mas a mente dela estava dividida — aquela não era uma noite dele, como a tarde de domingo havia sido. Estava absorta em si mesma, inflamada de entusiasmo por contar-lhe suas aventuras; ele não pôde evitar de se perguntar se afinal ouviria a história que ela vinha adiando, sobre O Americano.

“Faz quanto tempo que você conhece O Americano?”, ele quis saber.

“Ah, já o conhecia fazia vários meses. A gente costumava se encontrar. A gente se entendia. Ele sempre dizia: ‘Parece que, de agora em diante, são favas contadas’.”

“Então por que você me ligou?”

Ela hesitou.

“Queria te ver mais uma vez. E *também* — era pra ele chegar hoje, mas ontem à noite veio um telegrama dizendo que demoraria mais uma semana.

Queria conversar com um amigo — afinal, você *é* meu amigo.”

Ele a queria muito, mas uma parte de sua mente se mantinha fria e seguia dizendo: ela quer conferir se estou apaixonado, se quero me casar com ela. Só aí é que vai pensar se despacha ou não esse cara. Não vai considerar a hipótese até que eu tenha me comprometido.

“Você está apaixonada pelo Americano?”, perguntou.

“Ah, estou. Está tudo acertado. Ele salvou minha vida e minha razão. Está percorrendo meio mundo por mim. Por insistência minha.”

“Mas você está apaixonada por ele?”

“Ah, sim. Estou apaixonada.”

Aquele “ah, sim” lhe dizia que ela não estava — lhe dizia para falar sobre seus próprios sentimentos que ela então veria. Tomou-a nos braços e a beijou deliberadamente na boca e a reteve por um bom tempo. Era tão cálido.

“Hoje não”, ela sussurrou.

“Tudo bem.”

Passaram pela ponte dos suicídios, com seu novo e mais elevado alambrado.

“Sei o que é aquilo ali”, ela disse, “mas que idiotice. Os ingleses não se matam quando não conseguem o que querem.”

Fizeram o retorno na entrada de um hotel e iniciaram o caminho de volta. A noite estava escura, sem lua. A onda de desejo tinha passado e nenhum dos dois falou por um tempo. O papo dela sobre reis o havia transportado, estranhamente e em flashes, a um edulcorado White Way, na Main Street de Erie, Pensilvânia, quando era um menino de quinze anos. Havia um restaurante com lagostas na vitrine, e matinhos verdes e luzes brilhantes numa caverna de conchas, e além, atrás de uma cortina vermelha, o terrivelmente excêntrico e inquietante mistério de pessoas e música de violino. Isso foi logo antes de partir para Nova York. Aquela garota lhe trazia à lembrança peixes frescos no gelo e lagostas na vitrine. Ela era do tipo bonequinha. Minna nunca fora do tipo bonequinha.

Olharam um para o outro, e os olhos dela perguntavam: “Caso com O Americano?”. Stahr não respondeu. Passado um momento, falou: “Vamos a algum lugar no fim de semana.”

Ela ponderou.

“Amanhã, você quer dizer?”

“Amanhã mesmo.”

“Bem, amanhã te respondo”, disse ela.

“Responda hoje à noite. Senão vou ficar preocupado que…”

“Apareça um bilhete no seu carro?”, ela riu. “Não, não vai haver bilhetes no carro. Você já sabe de quase tudo agora.”

“Quase tudo.”

“É… quase. Umas poucas coisinhas.”

Ele precisaria saber que coisinhas eram essas. Ela contaria no dia seguinte. Ele duvidava — queria duvidar — que tivesse havido um emaranhado de relações frívolas: uma fixação a mantivera presa ao Cara, ao rei, obstinadamente e por longo tempo. Três anos de uma posição altamente anômala — um pé no palácio, outro nos bastidores. “Só rindo muito”, ela disse. “Aprendi a rir demais.”

“Ele podia ter casado com você — como aconteceu com a sra. Simpson”, protestou Stahr.

“Ah, ele era casado. E não era um romântico.”

Ela se interrompeu.

“E eu, sou?”

“É”, disse ela, contrariada, como se estivesse descartando um trunfo. “Uma parte sua é. Você é três ou quatro homens diferentes ao mesmo tempo, mas cada um deles um livro aberto. Como todos os americanos.”

“Não comece a confiar nos americanos tão implicitamente”, respondeu ele, sorridente. “Eles podem ser muito transparentes, mas mudam rapidinho.”

Ela pareceu preocupada.

“Mudam, é?”

“Muito rápido, e de maneira radical”, ele disse, “e não há o que os faça voltar ao que eram.”

“Você me assusta. Sempre tive uma grande sensação de segurança com os americanos.”

Ela pareceu tão sozinha que ele pegou sua mão.

“Aonde vamos amanhã?”, falou Stahr. “Que tal irmos às montanhas? Tenho uma pilhas de coisas a fazer amanhã, mas não vou fazer nada. Podemos começar a escalar às quatro da manhã que à tarde chegamos lá.”

“Não tenho muita certeza. Parece que estou um pouquinho confusa. Não me sinto muito mais aquela garota que veio pra Califórnia em busca de uma vida nova.”

Ele poderia ter dito: “Mas isto aqui é uma vida nova”, porque ele sabia que era, sabia que não podia deixá-la ir agora; mas alguma outra coisa pedia que ponderasse um pouco mais como adulto, sem romantismo. E que não dissesse nada a ela até o dia seguinte. Ela, no entanto, continuava a mirá-lo, o olhar passeando da testa ao queixo e então uma vez mais, de cima a baixo, com aquele estranho movimento ondulante e lento da cabeça.

… É sua chance, Stahr. Melhor aproveitar. Ela é sua garota. É ela quem pode salvá-lo, trazê-lo de volta à vida. Vai te colocar sob os cuidados dela e você

vai se fortalecer pra poder voltar. Mas pegue-a agora — declare-se e leve-a com você. Nenhum de vocês sabe, mas longe daí, nessa mesma noite, O Americano mudou de planos. Nesse momento mesmo o trem em que viaja atravessa Albuquerque a toda a velocidade; cumpre com precisão o itinerário. O maquinista está no horário. Pela manhã estará aqui.

… O chofer virou morro acima na direção da casa de Kathleen. Parecia fazer calor mesmo na escuridão — qualquer lugar ali perto pelo qual tivesse passado era, para Stahr, uma espécie de lugar encantado: aquela limusine, a casa sendo erguida na praia, as próprias distâncias que os dois haviam percorrido na extensão da cidade. O morro que subiam agora emitia certo brilho, um som contínuo que lhe despertava na alma um estado de prontidão e deleite.

Ao se despedir, ele sentiu novamente que era impossível deixá-la, ainda que por algumas horas. Eram apenas dez anos de diferença entre os dois, mas a loucura que o tomava era a do amor que sente um velho por uma menina. Uma profunda e desesperada urgência de tempo, um relógio no compasso do coração, o que o instou a, contra toda a lógica de sua vida, passando por ela e entrando na casa, dizer: “Isto é pra sempre”.

Kathleen aguardava, ela própria indecisa — uma geada rosada e prateada à espera de derreter com a primavera. Era uma europeia, reverente diante do poder, mas havia nela um poderoso autorrespeito que a impedia de ceder mais do que isso. Não se iludia quanto às considerações que moviam príncipes.

“Vamos às montanhas amanhã”, falou Stahr. Milhares de pessoas dependiam de suas decisões equilibradas — pode acontecer que, de repente, perca força uma característica que por vinte anos definiu alguém.

Na manhã seguinte, um sábado, ele esteve muito ocupado. Às duas, quando voltou do almoço, havia uma pilha de telegramas à espera — um navio da companhia se perdera no Ártico; uma das estrelas do estúdio caíra em desgraça; um roteirista movia um processo de um milhão de dólares. Judeus morriam miseravelmente além-mar. O último telegrama o confrontou: *Casei hoje ao meio-dia. Adeus*; e, num adendo colado numa etiqueta: *Envie sua resposta pela Western Union Telegram*.

6

Eu não sabia de nada disso. Fui para Lake Louise e, quando retornei, nem passei perto do estúdio. Acho que teria tomado o rumo da Costa Leste em meados de agosto — não fosse Stahr me ligar em casa, certo dia.

“Quero que você me ajude com uma coisa, Celia… quero conhecer alguém do Partido Comunista.”

“Quem?”, eu quis saber, um pouco surpresa.

“Qualquer membro do partido.”

“E você não tem um monte deles aí?”

“Quero dizer um dos líderes — de Nova York.”

O verão anterior, para mim, havia sido só política — eu teria conseguido até um encontro com Harry Bridges naquela época. Mas então meu namorado morreu num acidente de carro depois que voltei para a faculdade, e agora estava afastada dessas coisas. Tinha ouvido falar que um cara da *The New Masses* andava no pedaço, em algum lugar.

“Você garante imunidade?”, perguntei, brincando.

“Ah, sim”, respondeu Stahr, sério, “não vou prejudicá-lo. Arranje um que fale bem — diga pra trazer com ele um de seus livros.”

Falava como se pretendesse se encontrar com algum membro de seita oculta.

“Você quer loira ou morena?”

“Ah, arranje um cara”, falou ele, mais do que depressa.

Ouvir a voz de Stahr me animou — desde que flagrara o papai, as coisas todas pareciam patinar um pouco. Com Stahr, mudava tudo — mudava o jeito de ver, mudava o próprio ar.

“Não acho que seu pai precise ficar sabendo”, ele disse. “Podemos fingir que o cara é um músico búlgaro ou algo assim?”

“Ah, esse pessoal não anda mais disfarçado.”

Foi mais difícil de arranjar do que eu pensava — as negociações de Stahr com o Sindicato dos Roteiristas, que já duravam mais de um ano, caminhavam para um impasse. Talvez eles temessem ser corrompidos, e me perguntaram qual era a “proposta” de Stahr. Mais tarde, Stahr me contou que havia se preparado para a reunião vendo os filmes da Rússia revolucionária que tinha na filmoteca de casa. Também mandou projetar *O gabinete do doutor Caligari* e *O cão andaluz*, de Salvador Dalí, possivelmente porque suspeitava que tivessem

alguma coisa a ver com a questão. Os filmes russos o haviam surpreendido ainda nos anos 1920 e, por sugestão de Wylie White, chegara a pedir ao departamento de roteiros que lhe preparasse um “tratamento” de duas páginas baseado no *Manifesto comunista*.

Mas já não pensava nessa questão. Ele era um racionalista com ideias próprias e independentes do que diziam os livros — e acabara de conseguir superar uns mil anos de domínio judaico até fins do século xviii. Não suportava ver desmoronar tudo isso — prezava a apaixonada lealdade do *parvenu* a um passado imaginário.

A reunião aconteceu naquela que chamo de “sala do couro processado” — uma de um total de seis montadas para nós, anos atrás, por um decorador da Sloane, e então a expressão ficou na minha cabeça. Aquela era *a* sala típica de decorador: carpete de pele de angorá da cor do alvorecer, do mais delicado cinza que se possa imaginar — mal se ousava pisar nele; e os lambris prateados e as mesas revestidas de couro e os quadros em tons pastel e as frágeis silhuetas, tudo parecia tão facilmente sujeito a dano que a gente não podia respirar muito alto ali dentro, embora fosse maravilhoso olhar da porta quando, com as janelas abertas, as cortinas silvavam dolentes à brisa. O cômodo era descendente direto da velha sala de visitas americana, somente usada aos domingos. Mas mostrou-se a escolha perfeita, e eu esperava que, acontecesse o que acontecesse, a ocasião lhe daria o caráter próprio a torná-la, dali em diante, parte de nossa casa.

Stahr foi o primeiro a chegar. Estava pálido, nervoso e perturbado — exceto pela voz, que era sempre baixa e respeitosa. Havia um traço pessoal de bravura na maneira como recebia alguém — dirigia-se diretamente à pessoa, removendo qualquer coisa que estivesse no caminho, e a examinava inteira, como se não pudesse se conter. Dei-lhe um beijo, por alguma razão, e o conduzi à sala do couro processado.

“Quando você volta pra faculdade?”, ele quis saber.

Não era a primeira vez que pisávamos nesse terreno fascinante.

“Você gostaria de mim se eu fosse mais baixa?”, perguntei. “Eu podia usar salto baixo e o cabelo lambido.”

“Vamos jantar juntos hoje à noite”, ele sugeriu. “As pessoas vão achar que sou seu pai, mas não ligo.”

“*Amo* homens mais velhos”, assegurei-lhe. “Se o cara não andar de muletas, pra mim é como qualquer outro namorico.”

“E você já teve muitos assim?”

“O suficiente.”

“As pessoas se apaixonam e desapaixonam o tempo todo, não é mesmo?”

“A cada três anos, mais ou menos, segundo Fanny Brice. Acabei de ler no

jornal.”

“Eu me pergunto como conseguem”, falou Stahr. “Sei que é verdade porque vejo. Mas parecem tão *seguras* todas as vezes. E, então, de repente, não parecem mais tão convencidas. Mas se deixam convencer outra vez.”

“Você anda fazendo filmes demais.”

“Fico imaginando se elas se sentem tão seguras na segunda vez, ou na terceira, ou na quarta”, ele insistiu.

“Mais e mais a cada vez”, respondi. “Mais do que nunca na mais recente.”

Ele ponderou a respeito e pareceu concordar.

“Acho que sim. Mais do que nunca na mais recente.”

Não gostei do jeito como disse aquilo, e súbito vi que, sob a superfície, ele se sentia muito infeliz.

“Foi uma grande chateação”, ele disse. “Vai melhorar quando tiver terminado.”

“Espera aí *um minuto*! Talvez a indústria do cinema esteja nas mãos erradas.”

Brimmer, o membro do Partido Comunista, foi anunciado, e ao me dirigir a ele escorreguei num daqueles capachos de fios trançados e praticamente fui parar em seus braços.

Era um sujeito bem-apanhado, esse Brimmer — um pouco na linha de Spencer Tracy, mas com um rosto mais marcante, expressando um espectro mais amplo de reações. Não pude evitar de pensar, vendo ele e Stahr sorrirem, apertarem as mãos e se estudarem, que aqueles eram dois dos homens mais ágeis que eu já vira. De imediato se mostraram muito cautelosos da presença um do outro — tão corteses para comigo quanto se poderia desejar, mas suavizando o final das frases quando se voltavam na minha direção.

“O que vocês estão tentando fazer?”, inquiriu Stahr. “Meu pessoal mais jovem está todo contrariado.”

“Isso os mantém alertas, não é?”, disse Brimmer.

“Primeiro deixamos que uns russos inspecionassem nossas instalações”, falou Stahr. “Que as estudassem como modelo, você entendeu. E aí vocês tentam quebrar a unidade que faz com que sejamos esse modelo.”

“Unidade?”, repetiu Brimmer. “O senhor se refere ao que se conhece por Espírito da Companhia?”

“Ah, não, não falo disso”, atalhou Stahr, impaciente. “Parece que o alvo de vocês sou *eu*. Na semana passada, veio ao meu escritório um roteirista — um bêbado — um sujeito que circula por aí há anos à beira de ser internado — e começou a querer me dizer o que fazer.”

Brimmer sorriu.

“O senhor não me parece alguém a quem se poderia dizer o que fazer, sr. Stahr.”

Ambos gostariam de um chá. Quando voltei à sala, Stahr contava uma história sobre os irmãos Warner e Brimmer ria com ele.

“Vou te contar outra”, disse Stahr. “Balanchine, o bailarino russo, os confundia com os irmãos Ritz. Não sabia diferenciar entre os irmãos que estava treinando e os que pagavam seu salário. Costumava andar por aí comentando: ‘Não consigo fazer esses irmãos Warner acertarem a coreografia’.”

Parecia uma tarde tranquila. Brimmer perguntou a ele por que os produtores não haviam apoiado a liga antinazista.

“Por causa de vocês”, respondeu Stahr. “É a maneira como influenciam os roteiristas. A longo prazo estão perdendo tempo. Roteiristas são como crianças — mesmo em tempos normais, não conseguem se concentrar no trabalho.”

“Eles são como agricultores nessa indústria”, falou Brimmer, simpático. “Plantam a comida, mas não são convidados para o banquete. Têm por vocês, os produtores, o mesmo ressentimento do agricultor pelo sujeito da cidade.”

Eu me perguntava sobre a garota de Stahr — se estaria tudo acabado entre eles. Mais tarde, quando escutei de Kathleen a história toda, as duas paradas debaixo de chuva numa rua deplorável chamada Goldwyn Avenue, deduzi que aquele encontro devia ter ocorrido uma semana depois de ela ter enviado o telegrama. Não teve alternativa a não ser mandá-lo. O homem desembarcou do trem inesperadamente e a levou ao cartório sem a menor sombra de dúvida de que era isso o que ela queria. Eram oito da manhã, e Kathleen ficou tão confusa que sua principal preocupação foi descobrir como fazer chegar um telegrama a Stahr. Em tese, poderia ter parado e dito: “Escute, esqueci de te contar, mas é que conheci um cara”. Mas aquele caminho lhe fora apontado com tal precisão, tal confiança, tal esforço, tal alívio, que, ao delinear-se à sua frente, cortando de forma súbita a outra trajetória possível, ela se viu como num carro trafegando em circuito fechado. Ele a observou enquanto redigia o telegrama, olhando diretamente da posição onde estava, do outro lado da mesa, e ela só pôde esperar que não conseguisse ler de cabeça para baixo…

Quando minha mente voltou à sala, os dois acabavam de destruir os pobres roteiristas — Brimmer tinha chegado ao ponto de admitir que eles eram “instáveis”.

“Não são equipados pra lidar com a autoridade”, disse Stahr. “Não há o que substitua a capacidade de decisão. Às vezes é preciso fingir que se tem, mesmo quando não se tem nenhuma.”

“Já tive essa experiência.”

“É preciso dizer: ‘Tem de ser desse jeito — e de nenhum outro’ — ainda

que não se tenha certeza. Isso me acontece uma dúzia de vezes por semana. Situações em que não existem, de fato, razões para o que quer que seja. A gente finge que existem."

"Todos os líderes já passaram por isso", falou Brimmer. "Líderes trabalhistas, e líderes militares, certamente."

"Então precisei tomar uma atitude nessa história do Sindicato. Parece, pra mim, que se trata de uma disputa de poder, e tudo que estou disposto a ceder aos roteiristas é dinheiro."

"O senhor paga muito pouco a alguns deles. Trinta dólares por semana."

"Quem é que ganha isso?", quis saber Stahr, surpreso.

"Os que são *commodities*, fáceis de repor."

"Não os meus", retrucou Stahr.

"Ah, sim", falou Brimmer. "Dois sujeitos do seu departamento de curtas ganham isso, trinta dólares por semana."

"Quem?"

"Um se chama Ransome, e o outro, O'Brien."

Stahr e eu sorrimos ao mesmo tempo.

"Esses não são roteiristas", disse Stahr. "São primos do pai da Cecilia."

"Tem outros, em outros estúdios", falou Brimmer.

Stahr apanhou sua colher de chá e se serviu de um pouco de remédio de um frasco.

"O que é um pelego?", perguntou de repente.

"Um pelego? É um fura-greve ou um infiltrado."

"Foi o que pensei", disse Stahr. "Tenho um roteirista de mil e quinhentos por semana que, a cada vez que entra no refeitório, para atrás da cadeira de um e outro de seus colegas e diz: 'Pelego!'. Seria engraçado, não fosse o baita susto dos caras."

Brimmer soltou uma risada.

"Queria ver isso", falou.

"Você não gostaria de passar um dia comigo lá?", sugeriu Stahr.

Brimmer riu, realmente achando graça.

"Não, sr. Stahr. Mas não duvido que ficaria impressionado. Ouvi dizer que o senhor é um dos homens que mais trabalham duro, e com maior eficiência, de todo o mundo ocidental. Seria um privilégio observá-lo, mas acho que terei de declinar do convite."

Stahr olhou para mim.

"Gosto do seu amigo", disse. "É maluco, mas gosto dele." Encarou Brimmer de perto: "Nascido do lado de cá?".

"Ah, sim. Há várias gerações."

“Muitos deles como você?”

“Meu pai era pastor batista.”

“Quero saber se muitos deles são comunistas. Gostaria de conhecer esse judeuzão que tentou explodir a fábrica da Ford. Como é o nome…”

“Frankensteen?”

“Ele mesmo. Imagino que alguns de vocês acreditam nisso.”

“Vários”, falou Brimmer, seco.

“Você não”, disse Stahr.

Uma sombra de irritação cruzou o rosto de Brimmer.

“Ah, sim”, falou ele.

“Ah, não”, disse Stahr. “Talvez tenha acreditado um dia.”

Brimmer deu de ombros.

“Quem sabe o equilíbrio de forças não esteja mudando?”, falou. “No fundo do seu coração, sr. Stahr, o senhor sabe que estou certo.”

“Não”, respondeu Stahr. “Acho que isso tudo é papo furado.”

“… o senhor pensa consigo mesmo: ‘Ele tem razão’, mas acha que o sistema terá uma sobrevida além da sua.”

“Você não acha, realmente, que vai derrubar o governo.”

“Não, sr. Stahr. Mas achamos que talvez o senhor, sim.”

Estavam se provocando — aquelas cutucadinhas que os homens se dão às vezes. As mulheres também fazem isso; mas elas encampam a batalha, sem perdão. Não é agradável ver homens fazê-lo, porém, pois nunca se sabe o que vem em seguida. Certamente aquilo não melhorava, para mim, as associações tonais da sala, e, saindo por uma das portas altas, conduzi os dois até nosso jardim californiano em tons de amarelo e dourado.

Era pleno verão, mas a água fresca dos aspersores resfolegantes conferia um brilho primaveril ao gramado. Pude perceber que Brimmer admirava aquilo como quem suspira com o olhar — um jeito que esse pessoal tem. Ele se agigantara ali fora — era alguns centímetros mais alto do que eu pensara, os ombros largos. Me lembrava um pouco o Super-Homem, quando tirava os óculos. Para mim, ele era tão atraente quanto homens que na verdade não dão bola para mulheres podem ser. Jogamos uma rodada de pingue-pongue, todos contra todos, e ele tinha habilidade com a raquete. Escutei quando papai entrou em casa cantando aquela porcaria de “Little Girl, You’ve Had a Busy Day”, para em seguida se interromper, como se tivesse se lembrado de que não estávamos mais nos falando. Eram seis e meia — meu carro estava parado na entrada, e sugeri que fôssemos jantar no Trocadero.

Brimmer tinha aquela expressão do padre O’Ney quando, em Nova York, certa vez, dispensou a batina para ir comigo e com papai a um balé russo. Não

tinha exatamente de estar ali. Quando Bernie, o fotógrafo, que andava à espreita de algum bom flagrante, veio até nossa mesa, pareceu sentir-se encurralado — Stahr fez Bernie sair dali, e eu gostaria de ter tirado aquela foto.

Então, para meu espanto, Stahr tomou três coquetéis, um depois do outro.

"Agora vejo que você teve uma decepção amorosa", falei.

"O que te faz pensar isso, Cecilia?"

"Os coquetéis."

"Ah, eu nunca bebo, Cecilia. Me dá indigestão — nunca fui muito resistente."

Contei: "… dois… *três*".

"Nem percebi. Não consegui sentir o gosto. Achei que alguma coisa não estava certa."

Uma expressão tola e vidrada passou por seus olhos — então se foi.

"Este é meu primeiro drinque na semana", comentou Brimmer. "Bebi tudo a que tinha direito na Marinha."

A mesma expressão voltou aos olhos de Stahr — piscou para mim e, enfatuado, disse: "Esse agitador filho da puta esteve na Marinha."

Brimmer não soube muito bem como reagir àquilo. Ficou evidente que decidira botar na conta do que estava sendo aquela noite, pois sorriu debilmente, e vi que Stahr sorria também. Eu me senti aliviada ao perceber que estávamos no terreno seguro da grande tradição americana e tentei assumir o rumo da conversa, mas Stahr logo pareceu retomar a forma.

"Tipicamente, minha experiência é a seguinte", disse, muito sucinta e claramente, dirigindo-se a Brimmer. "O melhor diretor de Hollywood — um cara em cujo trabalho jamais me meto — tem essa mania de sempre dar um jeito de colocar um efeminado em todos os seus filmes, ou algo do tipo. Um negócio ofensivo qualquer. É alguma coisa arraigada no cara, que não consigo mudar. E toda vez a Legião da Decência vem pra cima, e é preciso sacrificar algum filme honesto."

"Típica encrenca organizacional", concordou Brimmer.

"Típica", falou Stahr. "É uma batalha sem fim. E agora esse diretor vem me dizer que tudo bem, porque ele está com o Sindicato dos Diretores e não posso ser um opressor dos pobres. É assim que vocês me criam mais problemas."

"Isso está um pouco distante da gente", disse Brimmer com um sorriso. "Não acho que tenhamos muita entrada com os diretores."

"Os diretores costumavam ser meus chapas", falou Stahr, orgulhoso.

Era como Eduardo vii se gabando por ter se cercado da nata da sociedade europeia.

"Mas alguns deles nunca me perdoaram", ele continuou, "por ter trazido

diretores de teatro quando começamos com filmes falados. Ficaram escaldados e tiveram de reaprender o ofício, mas nunca me perdoaram, na verdade. Naquela época incorporamos uma porção de novos roteiristas, que achei que eram ótimos sujeitos até todos virarem comunistas."

Gary Cooper entrou no restaurante e se sentou a um canto com um bando de rapazes, os quais respiravam ao ritmo dele, e davam a impressão de que dependiam dele para viver, e de que por nada sairiam de perto dele. Uma mulher cruzou o salão, e por acaso era Carole Lombard — gostei de ver que Brimmer estava ao menos podendo encher os olhos.

Stahr pediu um uísque com soda, e mais outro, quase imediatamente em seguida. Não comeu nada além de algumas colheradas de sopa e falou todas aquelas coisas horríveis sobre todo mundo ser preguiçoso e tal, e que nada daquilo importava para *ele*, que tinha montes de dinheiro — era o tipo de conversa que se ouvia sempre que papai e os amigos dele se reuniam. Acho que Stahr se deu conta de que era bem feio ficar falando daquele jeito fora das dependências da companhia — talvez pela primeira vez estivesse ouvindo como soava. Seja como for, calou a boca e tomou uma xícara de café preto. Eu o amava, e o que dissera não havia mudado tal fato, mas odiei que Brimmer levasse dele essa impressão. Queria que visse Stahr como uma espécie de virtuose da tecnologia, e o que Stahr estava fazendo ali era bancar o gestor perverso, de tal modo que classificaria sua própria atuação como lixo, se a assistisse projetada numa tela.

"Sou um produtor", disse, como que mudando sua atitude anterior. "Gosto de roteiristas — acho que os entendo. Não quero mandar embora ninguém que esteja fazendo seu trabalho."

"Tampouco queremos que o senhor faça isso", falou Brimmer, simpático. "Gostaríamos de tê-lo na conta de alguém sempre preocupado."

Stahr assentiu, de cara fechada.

"Queria só ver você numa sala cheia de colegas meus. Todos eles têm uma dúzia de motivos para querer que o Fitts ponha vocês pra correr da cidade."

"Agradecemos sua proteção", disse Brimmer, com certa ironia. "Para ser franco, *achamos* o senhor um pouco difícil, sr. Stahr — precisamente por ser um patrão paternalista com tamanha influência."

Stahr parecia um tanto distraído.

"Nunca me considerei", falou, "mais inteligente que um roteirista. Mas sempre achei que a inteligência deles *pertence* a mim, porque sabia como usá-los. Como os romanos — ouvi dizer que nunca inventavam nada, mas sabiam usar as coisas. Entende? Não digo que seja o certo. Mas é assim que sempre senti, desde menino."

Aquilo interessou Brimmer — era a primeira coisa por que se interessava em uma hora.

“O senhor se conhece muito bem, sr. Stahr”, disse.

Acho que queria dar o fora. Estava curioso para ver que tipo de homem era Stahr, e agora pensava que já sabia. Ainda na esperança de que as coisas seriam diferentes, apelei impensadamente que nos acompanhasse no carro até em casa, mas, quando Stahr parou num bar para mais uma bebida, soube que tinha cometido um erro.

Era uma noite suave, inofensiva, imóvel, tomada por carros de fim de semana. A mão de Stahr repousava no encosto do banco, tocando meu cabelo. Súbito desejei que a cena se passasse dez anos antes — quando eu tinha nove anos. Brimmer teria uns dezoito, um estudante batalhando para se formar numa faculdade do Meio-Oeste, e Stahr, uns vinte e cinco, cheio de confiança, exultante, tendo recentemente herdado o mundo inteiro. Teríamos ambos admirado Stahr nessa condição, sem dúvida. E ali estávamos num conflito adulto, para o qual não havia solução pacífica, e mais complicado agora, pela exaustão e pela bebida.

Embicamos na entrada de casa e na direção do jardim, mais uma vez.

“Preciso ir agora”, disse Brimmer. “Tenho de encontrar um pessoal.”

“Não, fique”, falou Stahr. “Não cheguei a dizer o que queria. Vamos jogar pingue-pongue e tomar mais um drinque, e aí dizemos umas verdades um pro outro.”

Brimmer hesitou. Stahr acendeu o holofote e apanhou sua raquete, enquanto eu entrava em casa para pegar uísque — não ousaria desobedecer a ele.

Quando voltei, não estavam jogando, mas Stahr sacava uma caixa inteira de bolinhas novas para Brimmer, que as desviava de lado. Parou quando cheguei, tomando da garrafa e se retirando para uma cadeira justo à sombra do holofote, dali passando a presidir em obscura e perigosa majestade. Estava pálido — de tal modo transparente que quase dava para ver o álcool se misturar com o veneno da exaustão.

“Hora de relaxar num sábado à noite”, falou.

“Você não está relaxando”, eu disse.

Travava uma batalha perdida contra um instinto que tendia à esquizofrenia.

“Vou derrubar o Brimmer”, anunciou, depois de um momento. “Vou cuidar desse negócio pessoalmente.”

“Não pode pagar alguém pra isso?”, perguntou Brimmer.

Fiz sinal para que ficasse quieto.

“Eu mesmo faço meu trabalho sujo”, falou Stahr. “Vou acabar com você e te colocar pra correr.”

Levantou e deu um passo à frente, no que o envolvi com meus braços, agarrando-o.

“Por favor, *pare* com isso!”, falei. “Ah, você está se comportando tão mal.”

“Esse sujeito está te influenciando”, ele disse, sombrio. “E todos os jovens. Você não sabe o que está fazendo.”

“Por favor, vá embora”, eu disse a Brimmer.

O terno de Stahr era feito de um tecido escorregadio e, de repente, ele me escapou e avançou na direção do outro. Brimmer recuou para trás da mesa. Tinha uma estranha expressão no rosto, e mais tarde pensei que era como se dissesse: “Então é *isso*? Essa pessoa frágil, meio doente, é quem controla o negócio todo”.

Stahr se aproximou ainda mais, as mãos tomando posição, no alto. Me pareceu que Brimmer o manteve afastado com seu braço esquerdo, por um minuto, depois disso desviei o rosto — não aguentava assistir àquilo.

Quando voltei a olhar, Stahr estava fora do campo de visão, abaixo do nível da mesa, e Brimmer o observava.

“Por favor, vá embora”, falei para Brimmer.

“Está bem.” Ele continuou parado, olhando para Stahr no chão, enquanto eu contornava a mesa. “Sempre quis acertar a dezena de milhar, mas não sabia que seria assim.”

Stahr jazia imóvel.

“Por favor, vá”, falei.

“Desculpe. Posso ajudar a…”

“Não. Vá, por favor. Eu entendo.”

Brimmer olhou de novo, um pouco admirado das profundezas a que se entregara Stahr em seu repouso, algo que ele havia provocado numa fração de segundo. Então se afastou apressadamente pelo gramado, e me ajoelhei junto a Stahr, sacudindo-o. Passado um momento, com uma formidável convulsão, ele acordou e levantou de um salto.

“Cadê ele?”, gritou.

“Quem?”, perguntei, inocentemente.

“Aquele Americano. Por que diabos você tinha de casar com ele, sua tola imbecil?”

“Monroe — ele já foi embora. E não me casei com ninguém.”

Fiz com que se sentasse numa cadeira.

“Já foi faz quase meia hora”, menti.

As bolinhas de pingue-pongue se espalhavam em torno, na grama, feito uma constelação de estrelas. Liguei um dos aspersores e voltei com um lenço úmido, mas não havia sinal de pancada no rosto de Stahr — devia ter sido

atingido na lateral da cabeça. Ele se dirigiu para trás de algumas árvores a fim de vomitar, e o ouvi chutando um punhado de terra para cobrir a sujeira. Depois disso, pareceu ficar bem, mas se recusava a entrar em casa até que eu lhe arrumasse algo para bochechar, então apanhei a garrafa de uísque, levei para dentro e trouxe de volta outra, com água para bochecho. Sua famigerada tentativa de bebedeira estava acabada. Já havia saído com calouros de faculdade, mas aquilo, pela total inépcia e falta de espírito boêmio, sem dúvida era digno de um troféu. Tudo de ruim lhe acontecera, mas ficou nisso.

*

Entramos em casa; o cozinheiro disse que papai, o sr. Marcus e Fleischaker estavam na varanda, então ficamos na "sala do couro processado". Ambos tentamos sentar aqui e ali, mas parecíamos escorregar dos assentos, de modo que, por fim, me acomodei num tapete felpudo e Stahr, num apoiador de pés ao meu lado.

"Acertei ele?", Stahr quis saber.

"Ah, sim", falei. "Em cheio."

"Não acredito." Passado um minuto, acrescentou: "Não queria machucá-lo. Só queria dar uma carreira. Acho que ele se assustou e me acertou".

Se era essa sua interpretação para o que ocorrera, por mim tudo bem.

"Está com raiva dele?"

"Ah, não", ele disse. "Eu estava bêbado." Olhou em volta. "Nunca estive aqui antes — quem montou esta sala… alguém do estúdio?"

"Bem, tenho de dar o fora daqui", falou, daquele seu jeito de sempre, ameno. "Você não está a fim de ir ao rancho de Doug Fairbanks e passar a noite lá?", perguntou. "Sei que ele adoraria te receber."

Foi assim que começaram as duas semanas em que ele e eu circulamos juntos. Depois da primeira, Louella já estava anunciando que tínhamos nos casado.

———

O manuscrito acaba aqui. A sinopse do resto da história, que segue abaixo, foi organizada a partir das anotações e esboços de Fitzgerald e do relato de pessoas com as quais o escritor discutiu o livro:

Logo após seu encontro com Brimmer, Stahr faz uma viagem à Costa Leste. Há uma ameaça de corte de salários no estúdio e o executivo viaja a fim de conversar com os acionistas — presumivelmente no intuito de induzi-los a reduzir gastos de alguma outra forma. Stahr e Brady vinham trabalhando em lados opostos fazia tempo, e a luta dos dois pelo controle da empresa está rapidamente chegando a um clímax. Não sabemos o resultado da viagem do

ponto de vista dos negócios, mas, tendo ou não um propósito ligado ao trabalho, sabemos que Stahr visita Washington pela primeira vez com a intenção de aproveitar a cidade; e presume-se que o autor pretendesse retornar ao tema introduzido no primeiro capítulo, com a visita dos personagens de Hollywood à casa de Andrew Jackson e a tentativa fracassada de entrarem no local ou mesmo de poderem vê-lo direito: a relação entre a indústria do cinema e os ideais e a tradição dos Estados Unidos. É verão. Washington está sufocante. Stahr pega uma gripe e vagueia pela cidade em estado confuso e febril. Nunca conseguiu conhecer a cidade da forma como gostaria.

Quando se restabelece e volta a Hollywood, o executivo descobre que Brady aproveitou sua ausência para instituir um corte de cinquenta por cento nos salários. O rival convocara uma reunião com os roteiristas e, num discurso lamuriento, informara que os executivos aceitariam cortar os próprios rendimentos se os roteiristas concordassem com a redução de seus salários. E mais, se concordassem, não seria preciso reduzir o pagamento dos estenógrafos e de outros funcionários de baixo escalão. Os roteiristas aceitaram o acordo, mas tinham sido enganados por Brady, que cortara os salários dos estenógrafos da mesma forma. Stahr se revolta e tem uma briga violenta com Brady. Embora não fosse a favor dos sindicatos — por acreditar que qualquer contínuo esforçado podia chegar ao topo por si próprio, como ele fizera —, Stahr, um empregador paternalista à moda antiga, gosta de sentir que as pessoas trabalham felizes para ele e aprecia manter boas relações com os empregados. Stahr discute também com Wylie White, que agora lhe é truculento e hostil, embora o executivo não tivesse sido pessoalmente responsável pelos cortes. Stahr sempre fora paciente com as bebedeiras e as piadas de mau gosto de Wylie no passado, e se ressente de o roteirista não ter por ele o mesmo tipo de lealdade pessoal — que é a única forma de solidariedade que Stahr consegue compreender em suas relações de negócios. “Os comunistas agora o encaram como um conservador — e Wall Street, como um comunista.” Levado pela lógica da situação, Stahr acaba aceitando a proposta, apresentada e aprovada com entusiasmo por Brady, de criar um sindicato na companhia.

Quanto à sua própria posição no estúdio, Stahr vinha desde Washington considerando a hipótese de se demitir. Mas, embora intimamente enfraquecido pela disputa, doente, infeliz e amargurado, ainda assim é difícil se render a Brady. Nesse meio-tempo, começa a sair com Cecilia. A garota, numa conversa com o pai a respeito da evidente atenção que Stahr tem reservado a ela, revela, por descuido, que Stahr está apaixonado por outra pessoa. Brady descobre Kathleen, com quem Stahr está saindo novamente, e tenta chantageá-lo. Stahr, desgostoso com os Brady, rompe abruptamente com Cecilia. Ele conhece há

anos uma história de que Brady estivera envolvido na morte do marido de uma mulher por quem ele (Brady) fora apaixonado — ouvira a história da boca da enfermeira da esposa de Brady. Os dois homens se ameaçam sem nenhuma prova concreta de ambos os lados.

Brady, no entanto, tem uma carta na manga. O homem com quem Kathleen se casou — cujo nome é W. Bronson Smith — é um técnico que trabalha no estúdio e tem papel ativo no sindicato. É impossível dizer precisamente como Scott Fitzgerald imaginava encaixar a situação trabalhista de Hollywood nos propósitos de sua história. Mas, na época em que escrevia o livro, várias categorias de técnicos se organizavam para formar a International Alliance of Theatrical Stage Employees [Aliança Internacional dos Técnicos de Teatro e Cinema], e é óbvio que pretendia explorar as práticas de extorsão e gangsterismo da organização, reveladas no caso de William Bioff. Brady procuraria o marido de Kathleen, manobrando-o por meio do ciúme que sentia da esposa. Não sabemos o que Fitzgerald imaginava que os dois pudessem fazer a Stahr. Originalmente, Robinson, o montador (o personagem aparece nas notas), o mataria, mas parece mais provável que uma armadilha fosse preparada para Stahr, de modo que o marido de Kathleen pudesse processá-lo por tentar roubar-lhe a esposa. No esboço que Fitzgerald fez para a história, o tema do capítulo 8 está indicado pelas palavras: “O processo e o preço”. A ideia é explicada pela anotação posterior que Fitzgerald fez de um material que pretendia utilizar, embora seja impossível dizer como pretendia adaptá-lo para que encaixasse na história: “Um dos irmãos de —— é acusado por um funcionário de seduzir sua esposa. É processado por isso. Tentam fazer um acordo, mas o homem por trás do processo é um líder trabalhista e não está disposto a ceder. Também não quer se divorciar. Ele considera apelar para medidas extremas. O preço é que —— se afaste por um ano. O instinto de —— é ficar e enfrentar a situação, mas os outros irmãos se reúnem e obtêm de um médico aquilo que, para ele, é como uma sentença de morte: sua aposentadoria. Tenta convencer a garota a ir com ele, mas teme o Mann Act. Ela se juntará a ele mais adiante para saírem do país”.

De qualquer forma, Stahr deveria ser salvo pela intervenção do operador de câmera Pete Zavras, de quem se tornou amigo no começo da história, quando Zavras estava em baixa com os estúdios.

Nesse meio-tempo, Stahr fica seriamente adoentado. Ele e Kathleen “tinham aproveitado oportunidades e tanto”. Conseguiram mesmo dar uma última “escapada”, durante uma sufocante onda de calor no início de setembro. O autor indica em seus primeiros rascunhos que Kathleen tinha “origem muito humilde” — seu pai fora capitão de um barco pesqueiro. Em outro momento, diz

que Stahr encontrava dificuldades em aceitá-la como parte permanente de sua vida porque ela “é pobre, sem graça, e tem um verniz de classe média que não se encaixa com a grandiosidade que Stahr espera da vida”. É possível que o conflito trabalhista no qual o marido de Kathleen se envolvera tivesse papel importante para afastá-la de Stahr. O executivo é levado de volta ao passado por Brady e, ao mesmo tempo, pelos sindicatos. O racha entre os donos da indústria cinematográfica, de um lado, e os vários grupos de empregados, de outro, se agrava e tira espaço dos verdadeiros individualistas, como Stahr, cujo sucesso é resultado de conquistas pessoais e cuja carreira sempre fora investida de certo glamour também próprio. Stahr sempre se considerou diretamente responsável por todas as pessoas com quem trabalhava, e queria mesmo derrotar pessoalmente seus inimigos. Em Hollywood, ele é “o último magnata”.

Stahr não tinha medo, como vemos na reunião do capítulo 3, de investir em filmes impopulares que trouxessem alguma satisfação artística. Tinha o interesse de um artesão no mundo do cinema, e era natural querer que os filmes fossem cada vez melhores. Mas estava de mãos amarradas desde o corte de salários e tinha parado de produzir filmes. Estava prevista uma segunda série de cenas mostrando Stahr em uma reunião de roteiro, na projeção de copiões e nos sets de filmagem, para contrastar com as séries similares dos capítulos 3 e 4, mostrando a mudança que ocorrera em sua atitude e em seu status.

Ele precisa, no entanto, se manter firme na disputa com Brady — e sabe que o rival não vai desistir por nada. Stahr teme, evidentemente, que Brady mande alguém matá-lo e decide recorrer aos métodos do outro, contratando uma pessoa para assassinar o rival. Para fazer o serviço, vai direto aos gângsteres, ao que tudo indica. Não fica claro como o assassinato será realizado, mas, de modo a estar ausente quando o fato ocorrer, Stahr arranja uma viagem a Nova York. Vê Kathleen pela última vez no aeroporto e também encontra Cecilia, que está voltando para a faculdade em um voo diferente. No avião, sente-se desgostoso pelo curso que as coisas tomaram e se dá conta de que se deixou rebaixar ao nível de brutalidade de Brady. Decide voltar atrás e pretende comunicar sua decisão tão logo o avião desça no próximo aeroporto. Mas o avião cai antes de chegar à próxima parada. Stahr morre e o assassino faz seu trabalho. O agourento suicídio de Schwartz no capítulo de abertura é completado pela morte de Stahr. A mensagem que Schwartz tentara enviar a Stahr pretendia avisá-lo de que Brady queria tirá-lo da companhia.

*

O funeral de Stahr, que seria descrito em detalhes, seria uma orgia do servilismo e da hipocrisia de Hollywood. Todo mundo chora copiosamente, ou conspicuamente reprime a emoção, sempre com um olho nas pessoas que

interessam. Cecilia imagina que, se Stahr pudesse estar presente, diria apenas: “Escória!”. O velho ator que interpretava caubóis, Johnny Swanson, mencionado no início do capítulo 2 quando se encontrava em situação difícil e por quem Cecilia pretendia interceder ao visitar o escritório do pai, acaba convidado para o enterro por engano — confundiram seu nome com o de outra pessoa — e lhe pedem que leve uma das alças do caixão, junto dos amigos mais importantes e íntimos do produtor. Johnny participa de toda a cerimônia, espantado, e descobre mais tarde, com estupor, que sua boa sorte foi gloriosamente restabelecida. A partir de então, recebe cada vez mais convites para trabalhar em filmes.

Nesse meio-tempo, uma visão final de Fleishacker, o ambicioso advogado da empresa, desprovido de consciência ou mente criativa, deveria mostrá-lo como a imagem do futuro imediato do cinema. Haveria, ainda, uma passagem no final com Cecilia e Fleishacker. Ele, que se formou na Universidade de Nova York, tentava casar com Cecilia e, para impressioná-la, procurava manter um diálogo “intelectual”.

Cecilia, na esteira de sua ligação com Stahr, tivera um caso com um homem a quem não amava — provavelmente Wylie White, que está atrás dela desde o início e representa o oposto de Stahr. Como resultado das mortes de Stahr e de seu pai, Cecilia desaba completamente. Contrai tuberculose e, ficamos sabendo pela primeira vez, escreve a história em um sanatório.

Haveria uma imagem final de Kathleen parada do lado de fora do estúdio. Ela presumivelmente teria se separado, após seu marido conspirar contra Stahr. Um dos principais motivos por que Stahr se sentia atraído por ela era o fato de não ter ligação com o universo de Hollywood, e agora Kathleen sabe que jamais fará parte dele. Estará, para sempre, do lado de fora — uma situação que também comporta certa dose de tragédia.

Notas

capítulo 1

O autor escreveu o seguinte no topo da página de seu último rascunho do primeiro capítulo:

Reescrever conforme disposição. O texto ficou empolado de tanto ser reescrito. Não olhar [o rascunho anterior]. Reescrever conforme disposição.

*

O primeiro esboço de Fitzgerald para o final do capítulo talvez transmita suas ideias de maneira mais completa do que ele conseguiu atingir na última versão.

O material será baseado em uma conversa que tive com —— na primeira vez em que fiquei sozinho com ele, em 1927, no dia em que me contou algo sobre as ferrovias. O máximo que posso me lembrar da conversa é o seguinte: Sentamos no antigo refeitório em —— e ele disse: “Scottie, vamos supor que seja necessário fazer uma estrada que corte uma montanha — uma ferrovia — e você tenha dois ou três peritos e outras pessoas a orientá-lo, e que você acredite em algumas dessas pessoas e não acredite em outras, no final das contas, vai parecer haver meia dúzia de caminhos possíveis para atravessar as tais montanhas, e cada um deles, até onde você pode julgar, é tão bom quanto os demais. Agora, suponha que você é o chefão, chega uma hora em que você não exercita mais a faculdade de julgar de forma ordinária, como os outros, mas o faz de forma arbitrária. Diz: ‘Bem, acho que vamos fazer a estrada aqui’, e traça o caminho com o dedo, sabendo, em segredo, algo que ninguém mais sabe: que não existe nenhuma razão específica para escolher aquela localização em detrimento das várias outras, mas você é a única pessoa que sabe que não sabe o que está fazendo, e tem de se manter firme, precisa fingir que entende do assunto e que tomou a decisão por razões específicas, mesmo sendo assaltado por dúvidas sobre a sabedoria de sua decisão — e tendo outras decisões possíveis ecoando em seus ouvidos. Quando está planejando um novo empreendimento de grande escala, as pessoas abaixo de você nunca devem perceber ou saber que está em dúvida, porque todos precisam ter um norte e não podem sequer sonhar que o chefe está indeciso. Essas coisas acontecem direto”.

A essa altura, algumas outras pessoas entraram no refeitório e se sentaram,

e a primeira coisa que percebi é que se tratava de um grupo de quatro, e que a intimidade de nossa conversa fora quebrada, mas permaneci muito impressionado pela perspicácia do que ele dissera — algo além de perspicácia —, pela amplitude de seu pensamento e por imaginar de que forma ele o construiu com a idade de vinte e seis anos, que era o que tinha naquele momento.

Então, acho que este último episódio acontecerá quando Stahr se levanta e vai sentar com o piloto lá na frente. Este reconhece em Stahr alguém que, em sua própria área, deve ser tão determinado e corajoso quanto ele próprio. Pouquíssimas palavras serão trocadas entre o piloto e Stahr — na verdade, esse é um episódio que enxergaremos inteiramente pelos olhos curiosos de Cecilia, ou pelo relato da aeromoça que conta a Cecilia o que viu na cabine, ou por Schwartz, que ainda tenta chegar a Stahr antes de o avião descer em Los Angeles. É possível que não estejamos sozinhos com Stahr até o final desse capítulo, mas, bem no fim, quero falar sobre aquele estranho sentimento, presente naquela anotação prévia, sobre o desligamento do motor e a aterrissagem da aeronave e as luzes de Los Angeles e, por um minuto, quero iluminar a alma intensamente passional de Stahr, seu amor pela vida, seu amor pelo empreendimento imenso que construiu, sua satisfação — talvez não exatamente — mas, isso é certo, sua sensação de voltar para casa, para um império que é seu, um império que construiu.

Quero que isso contraste brutalmente com o sentimento daqueles que, por meios ilícitos, se apoderam do império de outras pessoas, a exemplo dos quatro grandes donos de ferrovias na costa… ou com o sentimento de quem poderia ter agido assim. Stahr não se interessa por isso apenas porque é o chefão. Ele possui o interesse do artista que criou a coisa toda e, misturado a esse poderoso sentimento de triunfo e felicidade, precisa haver, inevitavelmente, uma sensação de tristeza, como em todos os atos de coragem — um sentimento de que, em certa medida, se chegou ao fim de algo, e também de dúvida sobre quanto se poderá avançar no próximo passo.

Depois que o avião desce, talvez seja melhor fechar o capítulo com essa exaltação — repetindo meu próprio medo ao aterrissar em Los Angeles, aquele sentimento de que havia novos mundos a conquistar em 1937, e transferir isso a Stahr, ou talvez seja melhor acabar com a cacofonia de um rival.

capítulo 2

Fitzgerald havia escrito Nada mais justo *diante do parágrafo que começa com* “O Robby vai cuidar de tudo quando chegar”, assegurou Stahr ao meu pai. *Essa deveria ser a primeira aparição do personagem que viria a ter um papel importante na trama e o autor desejava, presumivelmente, com essa introdução*

casual, dar uma viva expressão a ele. Suas anotações sobre Robinson podem ser encontradas adiante, entre os esboços preliminares dos personagens.

capítulo 3

O autor não ficou completamente satisfeito com a revisão e a organização desse capítulo. O texto aparece aqui como estava no rascunho, apenas com algumas poucas mudanças para lhe dar maior consistência interna.

No rascunho, a passagem aparece assim:

O ataque fora planejado, provavelmente, pois Popolos, o grego, entrou no assunto com uma conversa meio enrolada, o que, para o príncipe Agge, trouxe à lembrança Mike Van Dyke, exceto que a fala, ali, tentava e conseguia ser mais clara do que confusa.

O autor escreveu uma cena, com a qual não ficou satisfeito, em que o príncipe encontra Mike Van Dyke, o veterano comediante; mas as falas de duplo sentido de Mike Van Dyke deveriam se encaixar em outro lugar. A passagem em questão é a seguinte:

"Olá, Mike", disse Monroe. E o apresentou ao visitante: "Príncipe Agge, este é o sr. Van Dyke. Já deve ter rido de suas piadas muitas vezes. Ele é o melhor comediante do cinema."

"Do mundo", disse o homem de olhos arregalados, solenemente, "o mais engraçado do mundo. Como vai, príncipe?"

Imediatamente, o príncipe engatou uma conversa com Mike Van Dyke. Ele respondia de forma educada, sem entender bem a essência das palavras do interlocutor. Havia algo sobre o refeitório, onde o senhor Van Dyke julgou ter ouvido o príncipe pedir um prato que soava como "peixe trançado com guidão de gato", embora o príncipe estivesse seguro de não ter dito tal coisa.

Ele tentou explicar que não tinha estado no refeitório, mas a essa altura os dois já estavam tão envolvidos no assunto que o príncipe considerou que o melhor era admitir que tinha pedido o tal prato para pôr fim às observações equivocadas do sr. Van Dyke. Para este, não era tanto uma questão de insistência quanto de convicção, e falava muito rápido…

O príncipe foi apresentado ao sr. Spurgeon e ao casal sr. e sra. Tarleton, mas estava agora tão confuso pela conversa que tivera com o sr. Van Dyke que declarou "muito prazer em me conhecer", porque, entre uma coisa e outra, tentara explicar ao sr. Van Dyke que *não* havia visto Technigarbo em Gretacolor. Novamente ele não conseguira se fazer entender. Se seu nome era Albert Edward Butch Arthur Agge David, príncipe da Dinamarca? "Esse aí é meu primo", já

quase dizia, meneando a cabeça.

A voz de Stahr, clara e tranquilizante, o trouxe de volta à realidade.

"Já chega, Mike. Ele está fazendo brincadeiras de duplo sentido", explicou ao príncipe Agge. "Os baixos escalões por aqui acham engraçado. Pega leve, Mike."

Mike demonstrou polidez.

"Encontrei o primo do príncipe no portão hoje de manhã", e apontou para Stahr, "ou será que…?"

Desconcertado, o príncipe dinamarquês caiu de novo na armadilha.

"O quê? Ele o quê?" Então sorriu: "Entendi, ele é sua Gertrude Stein".

capítulo 4

Fitzgerald fez a seguinte anotação no episódio com o diretor, que inicia esse capítulo:

O que está faltando na cena de Ridingwood é paixão e imaginação etc. Que coisa extraordinária que ele tivesse tudo e, de repente, não tivesse nada.

capítulo 5

Depois da frase, De modo que tinha tomado a tolerância, a bondade, a indulgência e até mesmo a afeição como lições, *o autor escreveu a si próprio:* (e aqui vem a ideia sobre ser jovem e generoso).

Anotação que se segue à seção que termina na página 141.

Isso talvez não esteja suficientemente conciso e claro. Ou talvez não esteja forte o bastante. Talvez seja o momento para o veredito do médico. Gostaria de lhe dar uma pegada mais forte.

Dois esboços

A carta e o esboço a seguir lançam alguma luz sobre o desenvolvimento da história e mostram como ela evoluiu e mudou desde a concepção inicial do autor.

*

Carta escrita por Fitzgerald em 29 *de setembro de* 1939, *na qual o autor explica o plano inicial do romance a seu editor e ao editor de uma revista na qual esperava publicá-lo em capítulos.*

A história se passa durante quatro ou cinco meses no ano de 1935. É narrada por Cecilia, filha de um produtor de Hollywood chamado Bradogue.

Cecilia é uma garota bonita e moderna, nem boa nem má, tremendamente humana. Seu pai também é um personagem importante. Um homem astuto, um gentio, e um canalha da pior espécie. Típico homem que se fez sozinho, criou Cecilia para ser uma princesa: enviou-a para estudar na Costa Leste, fez dela uma criatura quase esnobe, embora, no decurso da história, a personagem evolua e *se distancie muito desse perfil*. Ela tinha vinte anos quando tudo aconteceu, mas já está com vinte e cinco quando nos conta a história e, evidentemente, muitos dos personagens se apresentam a ela sob uma ótica diferente agora.

Cecilia é a narradora porque julgo saber exatamente como uma pessoa assim reagiria à minha história. Ela é do ramo do cinema, mas não *está* nele. Ela provavelmente veio ao mundo no dia em que *O nascimento de uma nação* estreou, e Rodolfo Valentino esteve em seu aniversário de cinco anos. É, ao mesmo tempo, inteligente, cínica e compreensiva com as outras pessoas, seja nomes expressivos, seja inexpressivos em Hollywood.

Ela concentra nossa atenção em dois personagens principais — Milton Stahr e Thalia, a mulher que ele ama.

No começo do livro, pretendo apresentar esse homem, Stahr, enquanto ele faz uma viagem de avião de Nova York para a Costa Oeste — claro, pelos olhos de Cecilia. Ela está perdidamente apaixonada por ele há tempos. Mas jamais vai ganhar mais do que um olhar de afeição, e ainda assim marcado pela aversão que ele sente pelo pai da moça.

Stahr trabalha demais e está morto de cansaço, comanda os negócios com um brilho quase moribundo em sua fosforescência. Foi alertado de que sua saúde não vai bem, mas, sendo um destemido, não deu ouvidos aos médicos. Stahr teve tudo na vida, exceto a experiência de se doar por inteiro a outro ser humano. Ele descobre isso na noite de um terremoto razoavelmente sério (como o de 1935), que acontece poucos dias depois que a história começa a ser contada.

Foi um dia cheio até mesmo para Stahr — a força da água que invade toda a parte térrea do estúdio, e atinge o nível de alguns metros, parece abrir as comportas desse homem. Chamado à parte externa do estúdio para supervisionar a salvação da planta elétrica (já que Stahr controla tudo por ali), ele vê duas mulheres presas no telhado de uma das casas cenográficas e se dirige até lá para socorrê-las.

Thalia Taylor é uma viúva de vinte e seis anos — e a presente ideia que tenho dela deve transformá-la em uma de minhas heroínas mais simpáticas e sedutoras. Mas sedutora de uma forma diferente, já que terei entrado em secreto acordo com meus leitores de que devemos detestar o tipo de arrogância feminina que ganhou fama por causa do caso de —— *etc.* As pessoas simplesmente não simpatizam profundamente com personagens que tiveram *tudo*, e vou

proporcionar a essa moça “algum infortúnio”, como acontece com Rosalba em *Rose and the Ring*, de Thackeray. Ela e a outra garota (de quem é uma espécie de acompanhante) entraram secretamente no estúdio devido à curiosidade dessa outra mulher. E são pegas quando a catástrofe ocorre.

Agora temos um caso de amor entre Stahr e Thalia, um caso premente, dinâmico, inusitado e muito físico — e o descreverei de forma que vocês possam publicá-lo. Ao mesmo tempo, vou enviar uma cópia de como essa parte vai sair em livro, com um tom um pouco mais vigoroso.

Esse relacionamento amoroso é o centro do livro — embora eu vá tratá-lo, lembrem-se, a partir da ótica de Cecilia. Isso significa que, ao fazer de Cecilia, conforme ela conta a história, uma mulher observadora e inteligente, terei o privilégio, como fez Conrad, de deixá-la imaginar as ações dos personagens. No entanto, espero atingir a verossimilhança de uma narrativa em primeira pessoa, combinada a um conhecimento onisciente de todos os acontecimentos a que estão sujeitos meus personagens.

Além do caso amoroso, dois outros eventos importantes ocorrem nos capítulos intermediários. Há uma trama engendrada pelo pai de Cecilia, Bradogue, para tirar Stahr da empresa. Ele chega mesmo a considerar mandar matá-lo. Bradogue é um monopolista do pior tipo — Stahr, apesar do conservadorismo inevitável do homem que se fez sozinho, é um empregador paternalista. Obteve sucesso ainda jovem, aos trinta e três anos, e alguns de seus ideais de juventude se mantiveram imaculados. Além disso, é um trabalhador. Figurativamente, ele ainda chega ao trabalho e arregaça as mangas, enquanto Bradogue não está interessado em fazer cinema, a não ser na medida em que isso possa ajudar a aumentar seu saldo bancário.

O segundo incidente ocorre quando Cecilia, desesperadamente apaixonada por Stahr, se declara a ele. Em sua reação à indiferença do amado, ela se entrega a um homem a quem não ama. Esse episódio *não* é absolutamente necessário à sequência. Poderia perder importância, mas talvez seja melhor cortá-lo de uma vez.

De volta ao tema principal: Stahr não consegue se decidir a casar com Thalia. Simplesmente parece não haver lugar para isso em sua vida. Ele não se dá conta de quanto ela se tornou necessária. Em outros tempos, seu nome sempre estivera associado a atrizes famosas e celebridades, e Thalia é pobre, sem graça, e tem um verniz de classe média que não se encaixa com a grandiosidade que Stahr espera da vida. Quando percebe isso, ela o abandona temporariamente, deixando-o não por ele não ter a intenção de oficializar o compromisso, mas porque a coisa toda a magoa — e é uma lembrança de um tipo de vaidade do qual ela já se considerava livre.

Stahr se vê agora diretamente na luta para se manter no controle da companhia. Sua saúde se deteriora de repente, durante uma viagem a Nova York para se reunir com acionistas. Quase morre por lá e, quando retorna, descobre que Bradogue aproveitou sua ausência para tomar atitudes que Stahr considera impensáveis. Ele se lança novamente ao trabalho para tentar colocar as coisas em ordem.

Tendo se dado conta de quanto precisa de Thalia, eles voltam a ficar juntos. Por um ou dois dias vivem um idílio feliz. Vão se casar, mas ele precisa fazer mais uma viagem à Costa Leste para consolidar a vitória em relação aos negócios da empresa.

Aqui acontece o episódio final, que deve atribuir brilho ao romance por seu desfecho pouco usual. Vocês se lembram da ocasião em que, em 1933, um avião de passageiros caiu numa montanha do sudoeste e um senador morreu? O que me chamou a atenção foi que as pessoas do local saquearam os corpos. Isso é exatamente o que acontece com esse avião que está levando Stahr para longe de Hollywood. A ótica é a de três crianças que, num piquenique, são as primeiras pessoas a encontrar os destroços. Entre os mortos, além de Stahr, estão dois outros personagens que já conhecemos. (Não me foi possível entrar em detalhes sobre personagens secundários neste curto resumo.) Das três crianças que encontram os corpos, dois meninos e uma menina, é um dos meninos quem rouba os pertences do cadáver de Stahr; o outro menino saqueia o corpo de um ex-produtor arruinado; e a menina, os pertences de uma atriz de cinema. As coisas que as crianças encontram nos cadáveres simbolicamente determinam suas atitudes em relação ao roubo. A menina que roubou a atriz se vê diante de um sentimento egoísta em relação aos achados; já as coisas do ex-produtor influenciam o menino a uma atitude indecisa; ao passo que o menino que ficou com a pasta de Stahr é aquele que, depois de uma semana, salva os três ao procurar uma autoridade local e confessar tudo.

A história volta uma vez mais a Hollywood para seu fim. Durante todo o romance, *Thalia jamais entra num estúdio*. Depois da morte de Stahr, parada diante do grande empreendimento construído por ele, ela se dá conta de que jamais entrará. Sabe apenas que ele a amava, que foi um grande homem e que morreu em busca do que acreditava…

Não há nada que me preocupe no romance, nada que pareça incerto. Ao contrário de *Suave é a noite*, não é a história de uma deterioração — não é deprimente nem mórbida, apesar do fim trágico. Se um livro pudesse "se parecer com outro", eu diria que esse "se parece" mais com *O grande Gatsby* do que com qualquer outra de minhas obras. Mas espero que seja completamente diferente — espero que traga algo novo, que desperte novas emoções, talvez até

uma nova forma de encarar determinados fenômenos. Situei o livro cinco anos atrás para obter um distanciamento, e agora que a Europa se encontra em plena convulsão, a escolha parece ter sido apropriada. É uma fuga para um passado pródigo e romântico que talvez não volte mais em nosso tempo.

cecilia

O primeiro dos fragmentos que se seguem foi originalmente escrito como uma introdução para o romance; mas Fitzgerald decidiu descartá-lo por medo de tornar a história muito deprimente. A imagem de Cecilia no sanatório para tuberculosos apareceria, de qualquer forma, ao final do livro.

Ambos estávamos fascinados por aquele rosto jovem. Alguns meses antes, tínhamos feito uma pequena excursão aos cânions do Colorado, como que para apreciar uma última vez a vida; agora, de volta ao hospital, o rosto da garota, exposto ao sol e à febre, parece emprestar alguns dos tons rosados primordiais daquela "maravilha da natureza".

"Vamos, conte", dissemos. "Não sabemos nada dessas coisas."

Ela começou a tossir, e mudou de ideia — acontece.

"Não me importo de contar a *vocês*. Mas por que nossos amigos asmáticos têm de ouvir?"

"Eles vão se retirar", asseguramos a ela.

Nós três esperamos, cabeças reclinadas nas cadeiras, enquanto uma enfermeira orientava um grupo agitado, que talvez tivesse ouvido o comentário de Cecilia, e o conduzia em direção ao sanatório. A enfermeira lançou um olhar de reprovação a Cecilia, como se desejasse voltar e lhe dar um tapa — mas o olhar aos poucos se dissipou e a mulher correu atrás de seu rebanho.

"Eles se foram. Agora fale."

Cecilia mirou o céu claro do Arizona. Olhou para cima — o ar azul, que para nós um dia foi sinal de esperança matinal — não com arrependimento, mas com aquele estado de confusão misturado a arrogância, comum a quem foi apanhado pela Depressão em plena adolescência. Tinha agora vinte e cinco anos.

"O que vocês quiserem saber", ela prometeu. "Não devo a *eles* nenhuma lealdade. De vez em quando tomam um avião e vêm me visitar, mas isso não importa — estou arruinada."

"Estamos todos", falei, suave.

Ela se sentou, as figuras astecas de seu vestido contrastando com o cobertor estampado com motivos navajos. O vestido de tecido fino — tão apropriado para aquela região ensolarada — me fez lembrar dos ossos salientes e arredondados dos ombros de uma outra mulher, em outro lugar, num outro momento, mas aqui todos devemos permanecer na sombra.

"Você não devia falar assim", ela sugeriu. "Eu estou arruinada, mas vocês são apenas dois caras legais que acabaram por ser infectados."

"Assim você nos tira o direito de ter uma aventura", objetamos, com ironia. "Ninguém com mais de quarenta tem direito a uma."

“Não quis dizer isso. Só quis dizer que vocês vão ficar *bem*.”

“Conte-nos a história, para o caso de não ficarmos. Ainda se ouvem rumores sobre ele. Quem era: o messias da indústria? Conheço alguns caras que trabalhavam na Costa Oeste e o detestavam. E você, era louca por ele? Conte logo, Cecilia. Um pouco de sabor pra um paladar maltratado! Pense no jantar de hospital que vamos ter de encarar em meia hora.”

O olhar de Cecilia suspeitava de nossa existência, depois a rejeitava — não nosso direito de viver, mas nosso direito a qualquer sentimento importante de perda ou paixão ou esperança ou de grande entusiasmo. Ela começou a falar, mas se interrompeu brevemente tentando se livrar de um pigarro na garganta.

“Ele nunca reparou em mim”, disse, com indignação, “e não vou falar a respeito dele enquanto vocês mantiverem essa atitude.”

Jogou de lado o cobertor e se levantou. Seus cabelos, partidos ao meio, caíam-lhe em ondas castanhas sobre as têmporas pálidas. Estava muito magra, mas ainda tinha o brilho da juventude. Sua superioridade ficou implícita no bater dos saltos, enquanto caminhava até a porta aberta que dava acesso ao corredor do prédio — nossa única passagem para a terra encantada. Aparentemente, Cecilia agora desacreditava de tudo, mas parecia ter sido diferente em outra época, que ficara para trás.

Tínhamos certeza, de qualquer forma, de que em algum momento ela acabaria por nos contar tudo — e foi o que fez. O que se segue é nossa versão imperfeita de sua história.

*

Aqui é Cecilia contando a história. Acho que devo começar explicando por que gastei boa parte do verão circulando pelo estúdio. Bem, pra começar, eu já estava bem grandinha para ficar de fora e sabia como circular sem incomodar ninguém. Segundo, discordara de Wylie White sobre quem mandava no meu corpo. Havia um ator, x, com quem não tinha intenção de casar e que interpretava o papel do homem que *quase* conquista uma garota em três filmes ao mesmo tempo, de modo que certamente andaria sempre por ali. Em terceiro lugar, e a razão mais importante, eu não tinha mais nada pra fazer. (Quarto, com descrição dos rapazes de Hollywood.)

*

[*Cecilia e Kathleen*]

Ela usava um vestidinho de verão da Sacks de 18,98 dólares, aproximadamente, e um chapéu rosa e azul abaulado de um dos lados. Suas unhas estavam pintadas de um rosa pálido, quase natural, e era impossível determinar se os cabelos também eram pintados. Era educada e reticente. x perdeu algum tempo tentando explicar quem eu era, mas esbarrava no fato de

Kathleen More nunca ter ouvido falar de meu pai.

“Estou procurando um emprego”, ela disse.

“Que tipo de emprego?”

“Estou olhando os anúncios. O que é um swami?”

x explicou — era muito interessante.

“Muito encorajador”, disse Kathleen. “Mas eu não serviria para isso — aquela toalha imunda enrolada na cabeça.”

*

Papai costumava ter grandes desentendimentos com os judeus por causa de suas piadas a respeito deles e dos irlandeses. Os judeus sempre alegavam que ele pegava pesado demais. Papai achava que as brincadeiras eram apenas justas. Por exemplo, aquela piada do choro…

stahr

Muitas vezes o dia de Stahr já começava no estúdio. Desde a morte da esposa, ele frequentemente dormia por lá; sua sala tinha um banheiro e um quarto de vestir, e seu divã se transformava em cama. Dadas as imensas distâncias dentro do Condado de Los Angeles — onde três horas por dia no trânsito não são uma exceção —, isso representava uma grande economia de tempo.

*

Ele nunca quis seu nome nos créditos dos filmes — “não preciso disso porque crédito é algo que eu dou aos outros. Quando se está numa posição de dar o crédito a si mesmo, então não se necessita disso”.

*

É preciso também mencionar uma grande falha de Stahr: cercar-se de homens que estavam muito abaixo de seu nível. No entanto, isso pode ter acontecido porque, na época, aos vinte e tantos anos, ele tinha certeza de sua boa saúde e acreditava poder manter tudo sob controle. Assim, supervisores muito pró-ativos poderiam atrapalhar ao invés de ajudá-lo. Interferia o mínimo no trabalho dos diretores, mas ainda assim tinha inimigos — até sua chegada a Hollywood os diretores gozavam de poder absoluto desde que Griffith filmara *O nascimento de uma nação*. Alguns diretores se ressentiam, portanto, do fato de ele os ter reduzido de donos da bola a simples peças em uma engrenagem. Porém, o interesse por todas as funções dentro do estúdio e seu temperamento absolutamente democrático garantiam-lhe popularidade nos baixos escalões.

Entretanto, isso não diz tudo sobre Stahr. É preciso voltar a sua infância e recuperar uma observação feita por sua mãe: “Sempre soubemos que Monroe se

daria bem". Vale lembrar também que esse homem era um lutador, ainda que fosse baixinho — não devia ter mais de 1,68 e pesava pouco (uma das razões por que sempre preferia receber as pessoas sentado) —, e, certa vez, em Veneza, quando um homem cortejou sua esposa, perdeu a cabeça e se meteu numa briga… Deve ter sido briguento desde a infância, provavelmente fez parte de alguma turma de encrenqueiros. Era popular entre os rapazes logo de cara, era sempre "da turma". Era um homem mais popular entre os homens do que entre as mulheres.

Nas conversas casuais que tinha com outros caras, não havia nada de pedante ou superior — o que faz alguns homens se sentirem desconfortáveis. De vez em quando saía com um grupo de diretores festeiros — muitos deles grandes bebedores, embora não fosse seu caso. E eles o aceitavam como um dos seus, num espírito de companheirismo. Ou seja, apesar da crescente austeridade a que o aumento da quantidade de trabalho o obrigara nos últimos anos, Stahr nunca demonstrou pedantismo ou frescura, e acredito que isso, nele, era uma coisa verdadeira, não apenas um verniz. Era meio napoleônico e gostava de um combate, o que me faz supor novamente que deve ter sido encrenqueiro desde menino. Se, depois de ter se tornado poderoso, ele às vezes recorreu a subterfúgios para conseguir o que queria, era mais resultado de sua posição do que um traço de sua natureza. Acho que, por natureza, era direto, franco, desafiador. Tentem, diante disso, imaginar o que foi seu tempo de garoto.

Este capítulo não deve se desenvolver meramente como uma análise de caráter. Cada descrição que faço sobre Stahr deve conter, ao final de cada centena de palavras, alguma anedota interessante para manter a história viva. Não quero que o livro tenha um viés de análise. Quero que tenha tanto drama quanto uma história do velho Laemmle ao telefone.

*

Stahr tinha um conhecimento técnico geral das operações do estúdio, porém, como exercia a função de chefe fazia bastante tempo, e tantos novos aprendizes tinham se formado sob sua gestão, era atribuído a ele um conhecimento maior do que de fato tinha. Aceitava que fosse assim porque era o caminho mais fácil e costumava blefar, mas com cautela. No estúdio de dublagem, que era para o som o que a sala de edição era para as imagens, ele sabia das coisas de orelhada e constantemente se via perdido na babel de gírias e termos novos. O mesmo acontecia durante as pausas. Assistia, com uma secreta aprovação infantil, ao processo de criação de cenários animados, a partir de cenas realizadas para outros filmes. Seria capaz de facilmente compreender todo o processo — mas frequentemente preferia não fazê-lo, para preservar uma aceitação sensual que ocorria quando via uma cena projetada a partir dos

copiões. Havia jovens espertos por ali — Reinmund era um deles — que plagiavam opiniões para dar a impressão de que entendiam tudo sobre o mundo dos filmes. Mas não Stahr. Quando interferia, era sempre a partir de seu próprio ponto de vista, não do de outros. Assim, sua função era um pouco diferente da que Griffith tivera no passado, quando a mão do diretor era indispensável para cada cena do filme.

*

É duvidoso que algum daqueles executivos tivesse lido uma única obra de ficção ao longo de um ano inteiro. E Stahr, que não tinha nenhum tempo para ler e dependia de sinopses, começou a duvidar que algum de seus supervisores lesse o que quer que fosse além do que lhes era exigido; duvidava que os encarregados dos elencos (aqui, nota para um personagem) pudessem cobrir a ampla gama de atores disponíveis — como era seu desejo. Uma peça encenada durante um ano e meio em San Francisco só seria descoberta depois que chegasse a Los Angeles, onde atraía espectadores enfadados sedentos por novidades. E, aí, em uma semana esse artista já teria explodido e seu salário seria muito alto, quando poderia ter sido contratado por quase nada se tivesse sido descoberto com um pouco mais de competência.

*

Para perdoar Stahr pelo que fez naquela tarde é preciso lembrar que ele era fruto da velha Hollywood — aquele território bruto e duro onde apenas os melhores blefadores prosperavam. Ele criara brilho, polimento e controle na nova Hollywood, mas de vez em quando gostava de jogar duro para ver se essas coisas ainda vigoravam.

*

Mas agora, parado ali enquanto a orquestra começava a tocar e os pares se levantavam para dançar, uma frase veio-lhe à mente e o surpreendeu: “Estou entediado para além de qualquer medida”.

Nenhuma dessas palavras parecia sua. “Para além de qualquer medida” era tão teatral que Stahr começou a se perguntar se não teria lido a expressão em algum lugar recentemente. Não saía tanto assim a ponto de se entediar ou de pensar no assunto nesses termos. Sabia como se esquivar dos chatos e tinha aprendido a aceitar deferência e admiração com humildade e graciosidade; e quase sempre se divertia.

Alguns homens se aproximaram, e conversou com eles com as mãos enfiadas nos bolsos. Um deles era um agente que o detestava e constantemente

se referia a ele, pelo menos era o que tinha ouvido, como “o messias de Vine Street”, “Oscar ambulante” ou “Napoleão redivivo”.

*

Em algum momento após a instauração da censura, Monroe se revolta contra a infantilidade.

Mostrar Stahr recolhido ou evitando as pessoas, mas sem magoá-las.

*

Como muitos homens, ele não gostava muito de flores, exceto por algumas poucas mais selvagens — eram por demais elaboradas e autoconscientes. Gostava, porém, de folhas, galhos descascados, castanhas da índia, e até de frutas verdes, maduras e bichadas.

*

Stahr se sente infeliz e amargurado mais para o final.

*

Antes da morte, pensamentos sobre *O Colapso*.

Eu me pareço com morte? (diante do espelho, às seis da tarde)

*

Homens dotados de capacidade incomum para o trabalho, a análise ou outros ingredientes que ajudam a forjar um grande sucesso pessoal parecem esquecer, assim que ficam ricos, que tais habilidades não são distribuídas de forma equânime entre os homens de seu tipo. Então, quando a sugestão de um sindicato é trazida à tona por Bradogue [Brady], Stahr sente vontade de mudar de lado e se aliar a Bradogue. Deixar claro, também, no epílogo, que Stahr fez algum mal em sua vida, assim como fez algum bem. Mostrar que algumas de suas criações combativas, como a Associação dos Roteiristas, continuaram existindo após sua morte, assim como boa parte de seu trabalho criativo também sobreviveu a ele. Lembrar, no entanto, que essas observações devem desempenhar um papel pequeno no capítulo e precisam ser escritas epigramaticamente, com inteligência; talvez possam sair da boca de algum personagem que esteja deixando Hollywood nesse mesmo capítulo [em que Stahr decola para seu último voo]. De qualquer maneira, não devo permitir que isso influencie no clima desse capítulo, que deve — seja de forma aproximada ou distanciada — pertencer a Thalia [Kathleen], para que ela perdure na mente do leitor.

kathleen

Ela se deu conta de que os caminhos da vida eram como rotas de avião,

jamais levando a lugar algum; de que ninguém sabia qual era de fato seu lugar, uma vez que não existia nenhum Daniel Boone para abrir picadas; de que a vida tinha de seguir em frente e não se restringia ao que acontecia dentro dela, e ainda assim era preciso que houvesse aqueles caminhos. Era uma jornada terrivelmente solitária.

*

Ela pensou nos ventiladores elétricos de pequenos restaurantes com lagostas em gelo na vitrine, e nas placas luminosas piscando e girando contra um céu obscuro, urbano, quente e negro. E, permeando tudo, o misterioso e terrível aglomerado de telhados e apartamentos vazios, de vestidos brancos nas alamedas dos parques, de dedos apontando as estrelas, não aquelas do céu, mas aqueles rostos de pessoas desconhecidas, um universo em que as pessoas mal sabiam o nome umas das outras.

*

Refletido no espelho, o brilho de sua beleza ainda fresca a atormentava.

*

[*Kathleen e seu marido?*]

Ele a pegou ali parada, na cabana, pensativa. Ficava receoso quando a via assim porque sabia que, nessa hora, ela estava no território mais afastado dele, um local em que as incansáveis racionalizações se desenvolviam, pensamentos cuja síntese resultava sempre num calmo senso de injustiça e insatisfação com a vida. Sabia o (?) com que sua mente operava, mas sempre se surpreendia que dali brotassem protestos puramente abstratos, nos quais ele figurava apenas como um elemento tão desamparado quanto ela. Isso o deixava com medo de que ela dissesse: “Foi culpa sua”, como frequentemente fazia — porque ao agir dessa forma ela parecia sempre colocar a situação e sua interpretação fora de seu alcance. Nesse aspecto, sua mente era mais feminina do que a dela — ele se sentia leve, meio zonzo — e um pouco como aquele personagem de Dickens que acusou a esposa de rezar contra ele.

stahr e kathleen

Objetivo: quero uma sedução — bastante californiana, mas nova, bem hollywoodiana, digamos. Se ele não tem ilusões, sente pelo menos uma grande piedade, excitação, amizade, estímulo, fascinação.

De onde virá o calor, nesse caso? Por que ele acha que ela é calorosa? Mais calorosa que a voz no filme *Adeus às armas*. Minhas heroínas sempre são calorosas e promissoras. O que posso fazer para tornar essa diferente?

O mar à noite. Lago de Como. St-Pol (usado em *Suave é a noite*). Por que os romances franceses, *au fond*, são frios e tristes? Por que Wells era caloroso?

*

Clima geral. Incomodados pelo clarão, eles retornam, ela ainda pensando que talvez possa recuar. Embora não suporte pensar nisso. Era hoje à noite. O crepúsculo sombrio, depois de um dia lúgubre (modificar o tempo usado antes para pôr do sol). Eles deixaram o hotel há pouco mais de três horas, mas parece ter se passado um longo tempo. Cuidar de que cheguem ao clímax de forma rápida. O lugar provoca um efeito estranho, como se estivessem em um set de filmagem. O clima é o de duas pessoas disponíveis. Ele sente uma atração incontrolável pela garota, que promete devolver a ele a vida — embora Stahr ainda não pense em casamento —; ela é uma promessa de esperança e frescor. *Ele a seduz porque ela lhe está escapando* — e ela se deixa seduzir por causa da imensa admiração que sente (o telefonema). Uma vez definidos os papéis, a coisa é sensual, imediata, de tirar o fôlego, depois gentil e terna por um tempo.

*

Ela estava muito interessada, o que foi bom. Teria sido bom de qualquer jeito, mas pela primeira vez foi muito além do que ele esperava. Não como acontece com pessoas jovens, foi mais sensato, profundo e muito doce, como era com Minna quando ele voltava depois de ter ficado fora por muito tempo. Ele esteve a léguas de distância, dentro dele mesmo, mas não deixou que ela percebesse.

*

Aquela garota tinha vida própria — era muito raro encontrar alguém cuja vida não dependia ou viria a depender de alguma forma dele.

robinson

Essas passagens sobre Robinson estão todas relacionadas a um plano inicial do romance. O autor desistiu da ideia de fazer com que Kathleen e Robinson tivessem um caso amoroso, mas o último talvez ainda figurasse como agente selecionado por Brady para tirar Stahr da jogada. Aqui, Kathleen é chamada de Thalia.

Gostaria que esse capítulo desse uma ideia do trabalho de um montador, de um cinegrafista e de um assistente de direção em um filme como *Carnaval de inverno*, enfatizando a rapidez com que Robinson deve trabalhar, suas reações e o porquê de ser o que é em vez de ser o cara com alto salário cujas habilidades técnicas permitiram que fosse. Talvez use um pouco da atmosfera de Dartmouth, neve *etc.* — tendo o cuidado de não remeter a nenhum material que Walter Wagner esteja usando em *Carnaval de inverno*, ou que eu tenha sequer sugerido como ideia para ele.

Poderia começar o capítulo pelos olhos de Cecilia, uma convidada do carnaval, depois passar rapidamente para Robinson, e talvez fazer ambos se encontrarem na mesa do telégrafo, onde ela o surpreende enviando um telegrama a Thalia. Mas a essa altura, e com os recursos que escolhi — panos de fundo de neve para o filme —, vou não apenas desenvolver o personagem de Robinson como também deixar uma brecha que demonstre que, mais tarde, ele poderá ser corrompido. Em uma transição ou montagem curta, levarei todos para a Costa Oeste. Cecilia, talvez acompanhada de amigos, se mostra lisonjeira em relação ao produtor que estava no comando (aliás, ineficiente) e em relação a Robinson.

O homem escolhido para tirar Stahr da jogada é Robinson, o montador. Devo desenvolver o caráter de Robinson para que isso seja possível — ou seja, Robinson, agora, tem três diferentes aspectos. A possibilidade mais viável é que ele seja uma espécie de sargento — caracterizado como tal. Sua relação com o mundo é convencional, um tanto estereotipada e banal; e esse novo elemento é o que dá a possibilidade de ele ser corrompido pelas circunstâncias a ponto de se envolver diretamente na questão e ser usado por Bradogue. Para isso, é praticamente necessário que exista desde o começo algum aspecto falho de Robinson, apesar de sua coragem, engenhosidade, seu conhecimento técnico e seu jeito de sargento — virtudes que quero que ele tenha. Alguma falha secreta — talvez algo sexual. Pode ser por aí, mas, se eu fizer isso, ele não pode ter um relacionamento com Thalia, que com certeza não aceitaria um amante ruim. Talvez ele tenha uma falha — não sexual — nada a ver com sua masculinidade. De qualquer forma, não tenho uma ideia por enquanto, e isso precisa ser inventado. De qualquer forma, o fato de ele ter amado Thalia o transforma em uma ferramenta natural para Bradogue empregar em seu ódio em relação a Stahr.

*

(Thalia) vem tendo um caso intermitente, do qual se sente um pouco envergonhada, com o personagem a quem venho chamando de Robinson, o montador, que, em sua vida profissional (e isso é muito importante), é extremamente interessante e sutil, inspirado na ideia do sargento — seja um do Exército ou aquele montador da United Artits a quem eu admirava tanto, ou então em qualquer outra pessoa do tipo que resolve problemas práticos, ou em algum técnico da área do cinema —, e quero fazer um contraste entre isso e seu convencionalismo e sua aceitação da banalidade do universo cultural urbano. As mulheres conseguem manipulá-lo sem fazer força. Ele é capaz de desemaranhar os fios mais embaraçados durante uma forte tempestade de neve, no escuro, do alto de um poste de vários metros, usando pouco mais do que um alicate e os pregos de suas botas, mas, colocado diante de uma situação que até a pessoa mais ignorante e inútil daria conta no universo urbano, ele se torna impotente e

apalermado, a ponto de parecer um Babbitt ou um cara estúpido, desajeitado e incompetente.

Em algum ponto da história, Stahr precisa se dar conta disso, já que deve ser um homem que consegue enxergar além das aparências.

A atitude de Thalia em relação a esse homem é, até mesmo nos momentos de maior prazer do caso amoroso, de autoridade. E a profunda gratidão que ele tem por ela é ligada ao amor que sente por Thalia, embora, no decorrer da história, ele sempre pense nela como uma pessoa superior. Stahr, em alguns momentos, mostra a ela que isso não faz sentido, e quero mostrar aqui a diferença de pontos de vista de homens e mulheres: particularmente, que as mulheres têm a tendência de se apegarem a uma vantagem, ou melhor, de ter um caráter menos generoso do que o dos homens, ou talvez elas não vejam tão longe?

*

Stahr concordou e seguiu à frente de sua equipe. Robinson, que estava quase ao lado dele, um pouco atrás, era um técnico competente — talvez o melhor montador de Hollywood. Não tive muito contato com gente dessa classe dentro do estúdio, mas sei que Robinson era considerado tão bom que chegou a ser chamado para dirigir um filme. Ele fez uma tentativa, nos tempos do cinema mudo, mas fracassou. Jamais, jamais um homem como Jack Robinson se arriscou tanto, e sei do que estou falando. Desde o tempo em que foi chamado para um trabalho realizado no alto dos postes de Michigan em meio a tempestades, um trabalho no qual devia exercer a difícil tarefa de, como sargento, tentar estabelecer uma ligação com a artilharia no batalhão da infantaria, quando descobriu que um técnico competente valia mais do que mil novatos inexperientes, os chamados “oficiais especializados”, ele deixou de acreditar em seus superiores e nunca mais quis servir de elemento de ligação entre o comando e os que ficam na linha de baixo.

Existia nele uma espécie de calor humano que atraía Stahr. Muitas vezes ele confrontava Stahr, a respeito da falsidade ou verdade de certas partes do roteiro — mas, na prática, seus conselhos ficavam no “Ora, afinal de contas, o que é que eles… sabem? Muito bem, vamos em frente. E esses cabos, onde os colocamos? *Claro*, é uma grande ideia”.

queda do avião

Fitzgerald esboçou com algum detalhamento o episódio em que as crianças encontram o avião em pedaços — o que é mencionado na carta a seu editor. Ele chegou a, em determinado momento, descartar a ideia, imaginando que um relato do funeral de Stahr daria um epílogo melhor; mas uma anotação,

certamente escrita mais adiante, mostra que ainda não tinha batido o martelo.

É importante que eu comece este capítulo com uma transição delicada, porque não vou descrever a queda do avião, vou apenas dar uma última imagem de Stahr quando o avião decola, e descreverei, muito brevemente, ainda no aeroporto, as pessoas que estão a bordo. O avião, portanto, parte em direção a Nova York e, quando o leitor mudar para o capítulo x, devo me assegurar de que não fique confuso com a mudança de cenário e de situação. Aqui, a melhor transição que posso fazer é incluir um parágrafo de abertura no qual alerte o leitor de que a história de Cecilia acabou e de que o relato que se segue foi descoberto pelo autor, ele próprio, e organizado de acordo com o que ficou sabendo em uma pequena cidade de Oklahoma, com a ajuda de um juiz municipal. Os incidentes se passam um mês após a queda do avião. A aeronave ficou enterrada, com Stahr e os outros passageiros, em uma alva escuridão. A neve ocultou os destroços e, apesar das buscas, o avião foi considerado desaparecido. Então, vou retomar a narrativa quando os destroços aparecerem, num degelo prematuro, no mês de março (tenho de revisar bem o elemento climático em todos os capítulos de modo que a segunda viagem de Stahr a Nova York, quando ele morre, aconteça na época das primeiras neves nas Montanhas Rochosas. Quero que esse avião seja como aquele que ficou perdido por dois meses completos antes que fossem encontrados os destroços e os sobreviventes). Devo considerar, cuidadosamente, se é possível, por meio de algum truque técnico, ocultar do leitor que o avião caiu até o momento em que ele é encontrado pelos garotos. O problema é considerar que o leitor pode se sentir confuso ao voltar para o capítulo x, mas, por outro lado, o efeito dramático, mesmo que o leitor se sinta perdido por alguns minutos, pode ser mais efetivo se ele não ficar sabendo logo no início do capítulo que o avião caiu. Na verdade, tenho quase certeza de que essa é a melhor forma de escrever, devo apenas encontrar como fazer isso do jeito certo. Devo colocar um parágrafo intermediário no início do capítulo x que tranquilize o leitor de que a história é a mesma e continua — mas esse parágrafo pode ser evasivo e limitar-se a situar o leitor sobre o fato de que Cecilia não é mais a narradora da história, sem contar que o avião caiu no topo da montanha e desapareceu por vários meses.

Depois de ter dado ao leitor alguma noção de transição, e depois de tê-lo preparado para uma mudança no cenário e na situação, devo fazer uma quebra da narrativa com um espaço, ou algo assim, e seguir com a história. Que um grupo de garotos está fazendo uma espécie de excursão. Que ocorreu um degelo prematuro nas montanhas. Devo pontuar, dentro do grupo, quem são os três garotos — que vão se chamar Jim, Frances e Dan. O clima é aquele muito

particular de Oklahoma quando termina o longo inverno. A atmosfera precisa ser de um frio intenso que cessa rapidamente, quase com violência — a neve parece se partir, em movimentos convulsivos, como o rompimento de uma geleira. O sol está brilhando. Os três jovens se separam do professor, do chefe dos escoteiros, ou de quem seja o adulto responsável, e a garota, Frances, depara com pedaços do motor e do trem de pouso do avião. Ela não tem a menor ideia do que seja. Fica intrigada com o que vê, mas, no momento, está mais preocupada em flertar com os dois garotos, Jim e Dan. No entanto, é uma menina inteligente de seus treze, catorze anos, e, embora não identifique o achado como uma parte de um avião, sabe que é um objeto estranho que não deveria estar nas montanhas. Primeiro, acha que deve ser sucata de uma máquina de mineração. Chama Dan, e em seguida Jim, e eles se esquecem completamente do jogo de sedução juvenil a que estavam se entregando quando descobrem outros destroços do avião. O primeiro instinto juvenil é chamar o resto do grupo, porque Jim, que é o mais esperto da turma (os garotos têm ambos quinze anos), reconhece que se trata de partes de um avião — embora não ligue o fato ao avião que desapareceu no mês de novembro —, mas Frances logo encontra uma bolsa e uma valise que pertenciam a uma artista. A bolsa contém o que, para ela, representa o máximo do luxo. Há uma caixa de joias. Ela está intacta — como se sua queda tivesse sido amortecida por uma árvore. Há frascos de perfume que jamais seriam vistos na pequena cidade em que ela mora, talvez uma camisola ou algo assim que uma atriz pudesse estar carregando, algo que fosse a última palavra em elegância no mundo do cinema. A garota fica completamente fascinada.

Simultaneamente, Jim encontra a mala de Stahr — uma pasta executiva exatamente como ele sempre quisera, em couro de excelente qualidade — e alguns outros pertences. Coisas que estão, em geral, presentes na pasta de homens ricos. No momento, não tenho uma ideia específica, mas pensarei em algo que um senhor abastado e bem equipado levaria em uma viagem, e então Dan faz a sugestão: “Por que precisamos contar a alguém sobre isso? Podemos voltar aqui mais tarde, e talvez haja mais um monte de coisas interessantes, talvez até dinheiro — essas pessoas estão mortas, não vão mais precisar disso — depois podemos contar às pessoas a respeito ou deixar que elas mesmas descubram. Ninguém vai saber que estivemos aqui primeiro”.

Dan assume, em seu modo de falar, uma ligeira semelhança com Bradogue. Isso tem que ser feito com muita sutileza para não parecer uma parábola ou uma lição de moral. Ainda assim, é preciso que fique uma certa impressão, mas só devo usar esse recurso uma vez, sem abusar dele. Se o leitor não perceber, melhor não insistir — não repetir. Mostrar Frances maleável e amoral na

situação, mas destacar uma dúvida concreta por parte de Jim, desde o início, sobre roubar os mortos. Fechar o capítulo com os jovens se juntando ao grupo.

Várias semanas mais tarde, os garotos já fizeram diversas viagens até as montanhas e limparam o avião de tudo que poderia ter algum valor. Dan está particularmente orgulhoso de seus achados — que incluem pertences de Ronciman. Frances está preocupada e definitivamente amedrontada, tendendo a se alinhar a Jim, que está agora sem dúvida nenhuma deprimido a respeito da coisa toda. Ele sabe que equipes de busca estiveram em uma montanha vizinha — que o avião tem sido procurado e que, com a eminência da primavera, o segredo será descoberto, e que cada nova excursão ao local do desastre é agora mais perigosa. No entanto, vamos deixar esse sentimento para Frances, porque Jim leu o conteúdo da pasta de Stahr na noite anterior, guardada num baú de madeira, e agora nutre certa admiração pelo cara. Naturalmente, a essa altura do episódio, todos os garotos têm consciência de qual avião encontraram e de quem são as coisas das quais se apropriaram.

Certo dia, eles vão descobrir também os cadáveres — mas não quero tratar essa cena de modo chocante — das seis ou sete vítimas ainda cobertas pela neve. De qualquer forma, alguma coisa que Jim lê nos papéis de Stahr o convence a ir até o delegado e contar tudo o que aconteceu — o que ele faz, mesmo que Dan, que é mais forte do que ele e que poderia lhe dar uma surra, o tenha ameaçado. Abandonaremos os jovens aqui, com a sensação de que os deixamos em boas mãos, que eles não serão punidos, que devolverão todos os pertences roubados. O fato é que eles poderiam alegar que não tinham pleno conhecimento do que estavam fazendo e agiram com boa intenção ao se apoderarem daqueles objetos. Não haverá punição alguma para nenhum dos jovens. Quero deixar a impressão de que Jim é um garoto correto, de que Frances é ligeiramente corruptível e que pode, em um ano ou mais, sair em busca de aventuras e acabar como uma interesseira ou uma prostituta, e que Dan foi completamente corrompido, e que vai passar o resto de seus dias atrás de oportunidades de conseguir coisas sem ter de pagar por elas.

Devo tomar muito cuidado para não forçar a mão ou acabar dando um tom de uma história com moral. Preciso mostrar que Jim é definitivamente um bom garoto e que Frances também talvez seja, e que os dois até possam acabar juntos, e então eliminar essa esperança mostrando que ela tem uma firme convicção de que uma vida de luxo a aguarda em outro lugar, dando, por fim, um amargo e duro fim ao incidente, para afastar qualquer sentimento moral que possa ter se insinuado. Encerrar com Frances, certamente.

*

O efeito sobre as ideias dos jovens persiste. O avião poderia cair num

subúrbio de Los Angeles. Ele pensa que estava nas montanhas, mas está ali — a desolação que ele ajudou a criar.

hollywood *etc.*

É impossível contar sobre a rotina de Stahr sem parecer maçante. As pessoas da Costa Leste fingem estar interessadas em saber como os filmes são feitos, mas, se você explica de fato, descobre que elas só se interessam pelas roupas de Colbert e pela vida pessoal de Gable. Jamais enxergam o ventríloquo por trás do boneco. Mesmo os intelectuais, que deveriam ser mais interessados, só gostam de ouvir a respeito das pretensões, extravagâncias e vulgaridades — conte a eles que o cinema possui uma gramática própria, como a política, a produção de automóveis e a sociedade, e observe o olhar vago tomar conta do rosto deles.

Eu poderia tentar, por exemplo, explicar o que Stahr queria dizer com o uso peculiar que fazia da palavra "bom", algo correspondente à *la politesse* de Saint-Simon, e o leitor acabaria por classificar o que eu disse como uma aula sobre bom gosto.

*

A forma narrativa da Warner Brothers e a dramática da Metro — cortar e revisar o que foi escrito a partir de Stahr.

*

[*Stahr e o príncipe Agge*]

"Vamos almoçar." E, casualmente, acrescentou: "Broaca é o melhor cara de Hollywood, tirando Lubitsch e Vidor. Mas está ficando velho, e meio rabugento. Ele não compreende que, agora, um diretor não é mais tudo em um filme. Isso acontecia no tempo em que eram eles que davam as cartas".

"As cartas?"

Alcançaram a porta. Stahr sorriu.

"O diretor era quem comandava. Não havia roteiros. Os roteiristas eram apenas figurativos — normalmente eram repórteres e viviam bêbados. Ficavam atrás do diretor fazendo sugestões e, se ele gostasse de alguma coisa, se achasse que tinha a ver com o filme, se apropriava da ideia."

A situação no grande estúdio era a seguinte: diretores, produtores e roteiristas tinham que dar provas de que sabiam fazer dinheiro. Com a desconfiança inicial que a indústria do cinema inspirava nos homens de negócios, a dispensa dos mais capacitados, por causa da pressa em concluir uma produção, com o hábito de privilegiar soluções imediatistas e a crescente complicação dos recursos técnicos e dos fatores imprevisíveis criados por eles, pode-se dizer com certeza que só ficavam no negócio os que sabiam fazer

dinheiro — apesar do fato de que nem sequer um terço dos produtores ou vinte por cento dos roteiristas teriam condições de ganhar a vida na Costa Leste. Não havia sequer um desses homens, não importa quão incompetente ou incapacitado, que não pudesse alegar ter participado de pelo menos uma produção de grande sucesso. Isso dificultava o relacionamento com eles.

*

Lembrar de meu resumo em *Domingo de loucuras* — não dar a impressão de que se trata de pessoas ruins.

*

Atriz — apresentada de forma tão lenta, tão próxima, tão real que é possível acreditar nela. Por alguma razão, ela está sentada perto, não é uma atriz, mas possui todas as qualificações, e as apresenta numa voz alta e dissonante. E, de repente, ela é uma atriz, mas não perder o foco fazendo descrições detalhadas de sua carreira. É preciso mantê-la próxima. Mas sem dizer seu nome. Sempre começar com um maneirismo.

*

O cavanhaque. O cavanhaque de Monty Woolley. Família sustentada pelo cavanhaque. Não funciona há sete semanas. Esteve maravilhoso em *Furacão*. Se deu mal na quarta-feira. Um roteirista quer cortar sua cena — é trabalho perdido. Quanto prestígio, *amour-propre*. Danos ao ego. Trinta mil dólares. Eliminar a falsa barba.

*

Tillie Losch preocupado com o significado de “exótico”.

Era um roteirista tão novato que, quando o agente entrou na sala, pensou que ele lhe pediria que escrevesse um texto para o jornal. [Isso se refere ao hábito de alguns veículos de Hollywood de chantagear os novatos, pedindo que escrevam anúncios sob ameaça de dar-lhes divulgação negativa, ou então ignorar seus trabalhos.]

*

Homem [desse tipo de imprensa em Hollywood] aconselhando-me a não ler o livro.

*

Personagem de x, produtor *medíocre*.

— afirmando mais tarde que morreu com o cinema mudo.

Precisamos de uma nova fórmula.

*

Expressar de forma inteligente uma posição contrária a qualquer ideia geralmente aceita vale uma fortuna para certas pessoas.

*

Piada sobre “filmar dos dois jeitos”.

*

“Vamos pensar em algo”, ela falou, da mesma forma que uma criada negra diria, “vou lavar suas meias” para minimizar o trabalho.

*

Um monte de fios no chão — é possível ouvir todo mundo por meio do ditafone.

*

Seu cabelo louro-acinzentado parecia à prova de reações climáticas, exceto por uma mecha solta, evidentemente proposital, que ela chegava a desejar que o vento despenteasse. Tinha a aura inconfundível de uma pessoa cuidadosamente planejada. Sob as sobrancelhas finas e pintadas, seus olhos *etc.* Seus dentes eram tão brancos em contraste com a pele, os lábios eram tão vermelhos que, na combinação com os olhos azuis, o efeito era momentaneamente surpreendente — tão surpreendente quanto se os lábios fossem verdes e as pupilas, brancas.

*

Ela teve medo daquele cone preto pendurado em um braço de metal, girando e girando pela sala ensolarada. O objeto parou por um minuto, e seu barulho foi substituído pela batida de seu coração; então, começou tudo de novo.

*

Uma garota de Hollywood. O rosto duro e miúdo de uma prostituta, o corpo de boneca, os gemidos artificiais de sua voz.

*

A maior parte das pessoas pode ser fotografada do dia do nascimento ao dia da morte e, se tudo for mostrado num filme, ele não produzirá nenhuma emoção a não ser tédio e repulsa. Como assistir aos macacos se coçando. O que você acha dos filmes caseiros que seus amigos fazem de seus bebês ou de sua viagem? Não é algo terrivelmente tedioso?

*

Um time de futebol em um dia bastante quente de julho. Dois times de feras

se enfrentando, a quinhentos dólares por dia. Atores, extras e equipe de filmagem. No alto do estádio vazio, Stahr e sua garota.

*

Houve, por exemplo, um cara que, falando a sério, pediu a Stahr o seguinte favor: que ele dissesse, “olá, Tim”, e desse um tapa em suas costas em frente ao refeitório. Stahr mandou localizar o rapaz e deu o tal tapinha nas costas. Para o sujeito, foi o céu.

Quase literalmente, já que ele foi localizado por uma das melhores agências, era a isso que George Gershwin estava se referindo ao dizer: “É um bom trabalho se você sabe como fazê-lo”. Ele se senta em seu próprio escritório hoje, tem uma foto da esposa e dos filhos na parede e faz as unhas no Beverly Hills Hotel. Sua vida é um sonho bom.

*

Stahr se lembrou de como, em 1927, eles tinham recorrido a três aberrações. x estava sendo incomodado por uma mulher realmente inconveniente. Um dia antes de o caso ser julgado, ele enviou um anão e (dois outros deficientes) para falarem com ela. A defesa alegou que a mulher era louca. Então, diante do juiz, ela mencionou as visitas que tinha recebido — os membros do júri abaixaram a cabeça, piscando uns para os outros. O homem foi absolvido.

*

O tio de Cecilia é um idiota como o irmão de —— “Tem o rude individualismo de Tommy Manville, Barbara Hutton e Woolie Donahue.” Jamais perdoou Wylie por tê-lo interrompido em seu discurso em defesa de Landon.

*

Deve haver, em algum momento, algo sobre um agente importante, para completar o quadro.

*

Um garoto alto, ombros largos, nariz aquilino e doces olhos castanhos em um rosto sensível.

*

O terrível e poderoso estrondo de sua ausência.

*

[*Viagem de avião*]

Meu sonho gostoso de estar no cesto de um balão, como uma pipa sendo

empinada contra o vento.

*

É gostoso se espreguiçar e contemplar o céu uma vez mais, abrindo-se em azul-celeste para uma nova aventura.

*

Uma garota que parecia um disco, com um lado em branco.

*

Não há segundo ato na vida dos americanos.

*

A tragédia dessas pessoas é que nada na vida delas ultrapassara o limite das superficialidades.

Personagens básicos de Hemingway.

*

plagiário inteligente, senhorio exigente
ninguém sobreviveu à castração.

*

Não despertar os fantasmas de Tarkington.

*

ação é personagem

Copyright do prefácio © 1965 by Edmund Wilson

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Penguin and the associated logo and trade dress are registered and/or unregistered trademarks of Penguin Books Limited and/or Penguin Group (usa) Inc. Used with permission.

Published by Companhia das Letras in association with Penguin Group (usa) Inc.

título original

The Last Tycoon

preparação

Alexandre Boide

revisão

Isabel Jorge Cury

Adriana Cristina Bairrada

ISBN 978-85-8086-864-7

Todos os direitos desta edição reservados à
editora schwarcz s.a.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — sp
Telefone: (11) 3707-3500 Fax: (11) 3707-3501
www.penguincompanhia.com.br
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br